

**FABIANA SCHIAVI NODA**

**FAMÍLIAS DE MÃES HOMOSSEXUAIS:  
RELATOS DAS MÃES**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Mantilla de Souza.**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
SÃO PAULO, 2005**

Banca Examinadora

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial dessa dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assintaura \_\_\_\_\_ Local e data: \_\_\_\_\_

fabiananoda@hotmail.com

*Às mulheres que me receberam  
em suas casa e compartilharam  
suas recordações para que esse  
trabalho pudesse ser realizado.*

## AGRADECIMENTOS

À CAPES e a CNPq pelo apoio financeiro para que a pesquisa fosse realizada.

À Rosane, minha orientadora, que iluminou meus pensamentos sempre que me perdi entre as muitas páginas de entrevistas, que incentivou a me colocar mais dentre todos esses autores, e por nunca deixar que a diferença de conhecimento se tornasse uma diferença de capacidade.

À minha mãe, pelo carinho e dedicação de toda uma vida, pelo exemplo de superação, e porque nos momentos difíceis, nada é melhor do que ser cuidada por mamãe.

Ao meu pai, que todo dia me faz lembrar dos bons frutos de seguir o caminho correto da vida. E por hoje saber o significado da palavra apoio.

À minha irmã, pelas milhões de ligações, pela milhões de caronas, pelas milhões de canetas, mas principalmente por todos os momentos, bons e ruins que passamos juntas e dos quais nunca vou deixar de ter saudade.

Ao meu irmão, por provar que as pessoas mudam, que podem ser melhores a cada dia, mas não sozinhos. E também por ter me dado três lindos sobrinhos, que sempre conseguem me fazer esquecer de qualquer preocupação.

À minha amiga Carol, pela compreensão que encontro sempre que a procuro, por acreditar que mereço mais do que tenho, e por me mostrar que amizades verdadeiras podem ser raras, mas resistem a distância, ao tempo e as mudanças.

À minha amiga Karen, pelos momentos de diversão e futilidade, mas também por termos compartilhado incontáveis momentos marcantes sejam por sua alegria, seja por sua tristeza.

Por fim, mas não menos importante, à Juju e Feinha que estiveram sempre ao meu lado, por serem as minhas companheiras durante as longas horas em frente ao computador.

## RESUMO

O conceito de família é um dos mais estimados pela nossa sociedade e o surgimento de novos arranjos familiares nos obriga a rever antigas definições. A família cuja mãe é homossexual é um desses novos arranjos, e talvez o mais polêmico deles, pois além da dificuldade de se abrir mão de antigos conceitos, soma-se o fato dela estar inserida em uma sociedade que a recebe de forma dúbia, sendo politicamente correto aceitá-la, mas sem esquecer da longa história de preconceito aos homossexuais. A presente pesquisa visou ampliar nossa compreensão sobre a família chefiada por uma mulher pertencente a um grupo estigmatizado, investigando a experiência familiar e de cuidado dos filhos entre mulheres que mantinham famílias homossexuais, mas com filhos provenientes de conjugalidades heterossexuais anteriores. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas em profundidade, com quatro mulheres com idade entre 40 e 48 anos, que viviam relacionamentos conjugais homossexuais a pelo menos 10 anos e filhos de ambos os sexos, e que foram viver com a mãe e sua companheira entre os 2 e 13 anos. A análise dos resultados revelou, por um lado temas semelhantes aos de qualquer mãe, como a preocupação com a educação e bem-estar de seus filhos. Por outro lado, evidenciaram-se temas como a revelação às crianças, auxiliá-los a lidarem com a informação da homossexualidade fora do lar, o jogo de segredos, estigma e preconceitos subjacentes. As mães que possuíam resquícios de vergonha por ser homossexual se impuseram limites rígidos para a visibilidade do relacionamento conjugal dentro de sua própria casa, bem como encontraram dificuldades no momento da revelação e o postergaram até o seu limite. A revelação trouxe melhoras no relacionamento entre mãe e filhos, entretanto, os relatos indicam para um desconhecimento da mãe de como seus filhos lidaram com a nova informação.

## ABSTRACT

The concept of family is one of the most valued in our society, and the occurrence of new family arrangements forces us to review those old definitions. A family with a homosexual mother is one of the new arrangements, and maybe the most controversial one, because of the difficulties to give up the old concepts, added by the fact it is immersed in a society that welcomes it in a dubious way, for it is politically right to accept it, without leaving behind the long history of prejudice against the homosexuals. This research is intended to expand our comprehension about the family, headed by a woman that belongs to a stigmatized group, investigating which way the sexual orientation of this mother is seeing in the family relations and how it affects these relations. To do so, a qualitative study was conducted through deep interviews with four women, aging between 40 and 48 years, that have experienced homosexual marital relationships for at least 10 years and have children of both genders, who cohabitated with the mother and her companion when they aged between 2 and 13 years. The analysis of the results revealed themes commons to any other mother, such as worries with education e the children wellbeing, besides the preoccupation of how to tell and help them to deal with the information about homosexuality outside their home. The mothers with a reminiscence of shame by their homosexuality have imposed to themselves rigid limits to the visibility of their conjugal relationship inside their homes, as well as faced difficulties in the moment of revelation and postponing it to the limit. The revelation brought improvements to the relation between mother and children, but the reports indicate an absence of knowledge by the mothers about how their children dealt with the new information.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
INTRODUÇÃO .....	01
CAP 1 – A HOMOSSEXUALIDADE E SEU CONTEXTO .....	06
1.1 História geral da homossexualidade .....	06
1.2 Notas sobre a história da homossexualidade no Brasil e suas decorrências .....	10
1.3 A homossexualidade feminina .....	13
CAP 2 - SER MÃE .....	17
2.1 A relação mãe-filho .....	17
2.2 Uma conclusão .....	22
CAP 3 - AS PESQUISAS SOBRE AS FAMÍLIAS HOMOSSEXUAIS FEMININAS .....	24
3.1 As mães .....	24
3.2 Os filhos .....	28
CAP 4 - ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A FAMÍLIA LÉSBICA .....	32
4.1 O estigma .....	32
4.2 Os segredos .....	35
4.3 Outros aspectos relevantes .....	39
4.4 O divórcio .....	45
CAP 5 - MÉTODO .....	48
5.1 O problema .....	48
5.2 Objetivos .....	48
5.3 O estudo de caso .....	49
5.4 Participantes .....	50
5.5 Procedimento .....	52
5.6 Análise dos resultados .....	53
5.7 Cuidados éticos .....	53

CAP 6 – RESULTADOS .....	56
Família R .....	57
Família D .....	79
Família S .....	101
Família J .....	123
CAP 7 – DISCUSSÃO .....	148
PALAVRAS FINAIS .....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	174

## Introdução

É senso comum definir a família como a união de um homem e uma mulher com seus filhos. Essa forma nuclear da família é vista como “natural”, já que as instituições relativamente estáveis da sociedade não são vistas como criações humanas, que se modificam. Mas segundo Durham (1983), a família é uma criação mutável.

Levi-Straus (1956) relata que diferentes povos possuem diferentes tipos de famílias. Corrêa (1982) vai além e aponta que é uma grande ilusão tomar um tipo de família como modelo e apontá-la como sendo a organização familiar brasileira. Assim como no tempo dos engenhos de café não existiam apenas as famílias proprietárias, descritas por Cândido (1951), hoje também não existem apenas as famílias nucleares.

Existem famílias de mãe solteiras, pais separados (tendo a mãe ou o pai a responsabilidade de cuidar dos filhos), casais com filhos advindos de outros relacionamentos, filhos adotivos, mães com filhos de inseminação artificial e famílias nas quais o casal é composto por pessoas do mesmo sexo.

Esse último tipo de família torna-se mais freqüente e cada vez mais casais homossexuais vêm criando seus filhos (vindos de relacionamentos heterossexuais anteriores), fazendo inseminação artificial (no caso de homossexuais do sexo feminino) ou adotando crianças. No Brasil, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ainda não é reconhecido, porém isso não impede que estas morem juntas e constituam uma família estável. A adoção de crianças é possível, pois, segundo a lei, pode ser feita por mulheres e homens solteiros, sem fazer referência à orientação sexual dos futuros pais, e muitas vezes, escondendo-se uma união homossexual estável.

Não há dados, oficiais ou não, do número de crianças sendo criadas por homossexuais, como também não há dados oficiais em outros países para se ter uma linha de base. Entretanto, certamente esse arranjo familiar torna os membros da família

participantes de uma minoria, e além disso, uma minoria com uma longa história de exclusão.

Dentro dos diversos arranjos familiares existentes, pais e mães homossexuais e suas famílias são as que causam mais polêmicas, pois são famílias submersas em preconceitos e inseridas em uma sociedade que as recebe de forma dúbia. Se por um lado é politicamente correto aceitar a forma que o outro vive, desde que não prejudique os demais, por outro lado, há uma longa história de perseguição aos homossexuais, considerados pervertidos, anormais, criminosos, pecadores etc.

A atual aceitação dúbia que os homossexuais têm, recai sobre a possibilidade de crianças serem criadas por pai/mãe homossexual. Segundo Buchalla (2001), alguns juízes consideram a adoção de crianças por homossexuais “... uma espécie de atentado à integridade moral do menor” (p.70), enquanto outros os consideram aptos para criá-los. Essa dubiedade é conseqüente de centenas de anos tratando a homossexualidade como pecado e crime, mas também é conseqüência da própria psiquiatria e psicologia que durante décadas consideraram a homossexualidade um distúrbio mental.

Goffman (1988) relata que os atributos reais das pessoas estigmatizadas ficam ocultos e são incorporados a elas as características pré-concebidas, assim, os pais homossexuais deixam de ser cuidadosos, atenciosos, pacientes etc. para serem apenas pervertidos, pecadores, irresponsáveis. Tendo como base o conceito de estigma proposto por Goffman, compreende-se os questionamentos à capacidade dos pais homossexuais, já que muitos os pré-concebem com esses atributos citados.

As famílias com mães homossexuais são aquelas mais atingidas pelo preconceito, pois as mulheres são, na grande maioria dos casos, as responsáveis pelo cuidado primário das crianças, bem como da educação delas e do lar de forma geral. As mulheres são concebidas como as rainhas do lar, foram, e talvez ainda sejam, criadas para manterem e

serem felizes dentro da intimidade de um lar, tendo como tarefa garantir que todos estejam saudáveis e satisfeitos.

Esta pesquisa focou as mães, e não os pais, pois são elas as responsáveis “naturais” pelo cuidado com as crianças, são elas que na maioria das vezes ficam com a guarda dos filhos, e são as mães que cada vez mais chefiam as famílias. Quando essas mães são pertencentes a um grupo estigmatizado que é alvo de preconceito há séculos, logo surge o questionamento se elas são capazes de criar seus filhos. Como Goffman (1988) aponta, os estigmatizados são pessoas vistas como menos capazes apenas por possuírem determinada característica. No caso, é questionado se mulheres por serem homossexuais são menos capazes que as heterossexuais.

Até pouco tempo atrás, as pesquisas sobre o tema refletiam a necessidade de se obter um aval ou não para essas mães, visavam julgar a competência delas e compará-las com as demais. Algumas pesquisas tinham como sujeito os filhos dessas mães, para assim poder investigar se havia algum tipo de patologia ou desvio conseqüentes de ter sido criado em uma família lésbica.

Os estudos eram realizados com um viés ideológico, que relacionavam a orientação sexual dessas mães com sua capacidade de cuidarem de uma criança, como se houvesse uma ligação entre elas. Entretanto, eles têm a sua importância, que é desmistificar a família chefiada por mães homossexuais, e isso foi feito. Como será visto no capítulo específico sobre as pesquisas (Cap 3, p. 24 a 28), as mães homossexuais são tão competentes quanto às mães heterossexuais, e os filhos delas são igualmente bem adaptados, tanto sócio como psicologicamente.

Outro argumento que era utilizado contra as mulheres homossexuais serem mães é a conseqüência que o preconceito poderia ter nessas famílias. Crianças sendo isoladas e ridicularizadas pelos colegas, e mães sem suporte para criar os filhos. Mais uma vez as

pesquisas (Cap 3, p. 28 a 31) entram para afirmar que sim, ainda há preconceito, mas não isolamento e falta de suporte.

Com a presente pesquisa, pretende-se ir além das investigações acerca de se as são capazes ou não, se os filhos são adaptados ou não, e iniciar-se a escuta da fala dos próprios protagonistas, pois segundo Rogers (1951), somente o próprio indivíduo conhece em sentido autêntico o seu mundo privado, somente ele pode transmitir o que é ser mãe e ser homossexual ao mesmo tempo. A presente pesquisa visa ampliar nossa compreensão sobre a questão, mais precisamente investigar as experiências familiares e de cuidado dos filhos entre as mães homossexuais.

Houve aqui a necessidade de se restringir quem seriam essas mães. São diferentes as formas com que as mães lésbicas podem ter seus filhos e cada uma delas traz consigo características diferentes à família. Optou-se por mulheres que tiveram seus filhos em casamentos heterossexuais, em detrimento das que adotaram, ou fizeram inseminação artificial, pois essas são a maioria no país.

Para tal, foram realizadas entrevistas com as mães, para que, com base em seus relatos, fosse possível ter uma compreensão que sobressaísse o campo das comparações e julgamento de competência, para adentrar na dinâmica, nas relações e no cotidiano dessas famílias.

Tendo uma compreensão maior de quem são essas mães, como elas vivem, quais são os seus desafios, e quais as conseqüências de sua orientação sexual no relacionamento com os filhos, torna-se possível a criação de intervenções para ajudá-las a lidar com o fato de pertencerem a um mundo que prioriza a heterossexualidade. Tornar esse arranjo familiar mais visível é fornecer subsídios para profissionais que lidam com as mães - assistentes sociais, médicos, juízes, advogados, psicólogos etc. - possam auxiliá-las da melhor forma possível. Além disso, fornecer informações sobre como

realmente vivem essas famílias é uma forma de combater o pré-conceito.

Os próximos capítulos circundam o contexto em que a família lésbica está inserida, e apresentam alguns pontos importantes para se compreendê-las. O Capítulo 1 é sobre a História da homossexualidade, já que conhecer a forma como o preconceito e o estigma foram construídos permite perceber como eles ainda estão presentes nos dias atuais, e de onde vem a sua força.

Já o Capítulo 2 apresenta as reflexões de alguns autores sobre a relação mãe-filho nos primeiros anos. Pretende-se mostrar que as qualidades e capacidades que os autores apontam como sendo necessárias às mulheres para serem boas mães, não estão relacionadas com a orientação sexual. Estes primeiros anos foram escolhidos, dentre os demais, por serem considerados os anos críticos no desenvolvimento da personalidade de um indivíduo.

O terceiro capítulo é uma revisão dos artigos e livros escritos sobre as mães homossexuais e sobre seus filhos. Por meio dessa revisão de literatura, conclui-se que as mães homossexuais são tão capazes quanto as mães heterossexuais, e seus filhos tão adaptados quanto quaisquer outros.

Por fim, o Capítulo 4 traz alguns apontamentos sobre as famílias de mães homossexuais que são o foco da presente pesquisa, como a presença do estigma, do segredo, do divórcio dentre outros. Assim, além dos aspectos relevantes a qualquer família, estão expostos também aqueles específicos da família lésbica.

## Capítulo 1

### A homossexualidade e seu contexto

Neste capítulo é apresentada uma breve história da homossexualidade, pois não é possível compreender um fenômeno sem compreender o que o circunda, além disso, para se compreender o presente é preciso olhar para o passado. Assim, o capítulo foi construído para que se possa ter uma pequena visão de como o preconceito foi construído e como até hoje os gays e as lésbicas carregam o fardo de séculos de perseguição.

#### 1.1 História geral da homossexualidade

Para compreender a homossexualidade e a fobia que ela causa em muitas pessoas é preciso rever a história da homossexualidade no mundo, pois a sexualidade e o sentido de gênero não são apenas biologicamente determinados, mas sim uma construção humana que é produto das condições históricas (Spencer, 1995). Não apenas a homossexualidade, mas toda a sexualidade é controlada pelas sociedades e sabendo disso evitam-se pré-conceitos e julgamentos que são frequentes quando o tema é a homossexualidade.

O relativismo está presente em tudo que se refere ao ser humano, mas em relação ao sexo essa subjetividade se potencializa. Versões conflituosas podem ser encontradas, dependendo da pessoa que a estuda e da finalidade com que faz isso. Portanto, ao se falar de sexualidade e homossexualidade é preciso ressaltar que o que se tem são diferentes interpretações de sua história, sendo apresentado aqui alguns pontos de vista sobre elas.

Além disso, cabe ressaltar que a história da homossexualidade refere-se primordialmente à homossexualidade masculina, já que são raros os documentos e relatos sobre a feminina. Este fato reflete não apenas o desinteresse pela homossexualidade feminina, mas também por todo o papel da mulher na história humana. Entretanto,

conhecer a história da homossexualidade masculina traz indícios de como as mulheres homossexuais foram percebidas e tratadas e como elas são vistas pela sociedade atualmente.

Foucault (1988) diz ser de grande importância o estudo da cultura judaica, da filosofia alexandrina e dos estóicos, pois nelas estão a gênese do objeto sexualidade. Este objeto seria: "... um instrumento formado há muito tempo e que se constitui como um dispositivo de sujeição milenar" (p.268). Assim, compreendendo estas civilizações compreende-se melhor a forma como se concebe a sexualidade hoje.

A sexualidade na Grécia Antiga era, segundo Spencer (1995), complexa e contraditória, a norma social era a bissexualidade, mas era esperado que os homens casassem e formassem uma pequena família. Os homens tinham seus amantes do sexo feminino e masculino, mas não era bem visto ter como amante apenas homens. Também não era aceito a homossexualidade entre adultos, sendo que a prática homossexual ocorria entre o mestre (acima dos 25 anos) e o aprendiz (12-15 anos).

Outra grande civilização que influenciou o Ocidente foram os Hebreus. Entre eles a homossexualidade era abominada, pois se considerava que agredia a ordem natural imposta. Apesar de no início de sua civilização haver prostíbulos masculinos e a homossexualidade ser celebrada, o cenário mudou para se distanciar da dominação que tinham sofrido pelos gregos, repudiando tudo que era dessa cultura, inclusive a homossexualidade.

Já em Roma, a bissexualidade foi celebrada até 342 d.C. A virilidade era uma característica muito apreciada, o que evitava a prática homossexual entre os cidadãos romanos, sendo os escravos que, mais comumente, eram os amantes, já que dar prazer era viril, mas receber era servil. A partir de 533 d.C. o homossexualismo começou a ser punido com a morte, em uma lei que é consequência de vários fatores, sendo um deles a

mistura de religiões com o cristianismo, tendo as pestes e catástrofes físicas sido julgadas como resultado dos pecados. Outro fator de extrema importância foi uma grande necessidade de comandar a si mesmo para comandar o outro, formando uma sociedade baseada em regras. Entram então em cena os estóicos que ensinavam a canalizar a sexualidade para o casamento, reprimi-la e dominá-la através da reflexão, dando ao homem uma dignidade filosófica. (Spencer, 1995)

Com o avanço do cristianismo a homossexualidade não acabou, mas foi levada para a clandestinidade. (Spencer, 1995). Uma das práticas do cristianismo é a confissão dos pecados, que segundo Foucault (1988), colaborou para uma nova visão sobre o sexo que deixou de ser apenas uma forma de obter prazer e de se reproduzir e passou a estar vinculado com a verdade, é no sexo que está a verdade de cada um.

Foi apenas na Idade Média que a homossexualidade passou a ser uma monstruosidade, uma perversão, que pode ser diagnosticada pelo exame físico do pênis e do ânus (Ariès, 1983). É a homossexualidade como oposto da heterossexualidade, o natural como oposto do anormal.

No século XV ocorreu o redescobrimto, pelos italianos, da cultura greco-romana e com ela um aumento, mesmo quando proibido pela Igreja católica, do homossexualismo. Foram criadas até leis que proibiam as prostitutas de se vestirem de homem para conseguirem mais clientes. (Spencer, 1995)

Foi nos séculos XVIII e XIX, com a revolução industrial, que ocorreram diversas mudanças na sociedade da época. A necessidade de fazer crescer a nação com maior força de trabalho e produção fez com que recaísse sobre a população um novo pensamento que valoriza a família (Badinter, 1985). “*Fundado na liberdade, o novo casamento será o lugar da felicidade, da alegria e da ternura. Seu ponto culminante: a procriação.*” afirma Badinter (p.178). Estes valores fazem da prática homossexual algo a

ser repudiado.

No século XIX a perseguição aos homens que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo continuou, tendo a Inglaterra condenado alguns à morte, até que em 1836 foi abolida a pena de morte para crimes de sodomia e substituída por confinamento de 10 anos à prisão perpétua, embora estas penas tenham sido pouco utilizadas.

Após a homossexualidade ser julgada como um pecado e depois como crime, tornou-se uma inadequação médica e disfunção psicológica, na segunda metade do século XIX. Esse movimento foi consequência dos novos questionamentos sobre a sexualidade humana em uma tentativa de maior compreensão. (Spencer, 1995)

Contudo, a perseguição policial aos homossexuais continuou e era baseada em leis. Em 1966 a Inglaterra promulgou a lei que consentia comportamentos homossexuais mutuamente consentidos, desde que em caráter privado. Mas foram apenas com os ideais da contracultura que se iniciou uma mudança de pensamento no sentido da descriminalização. Surgiu a Frente de Libertação Gay (FLG), fundada na Londres de 1970, que era uma organização revolucionária que unia pessoas que queriam falar abertamente de sua condição gay e que reivindicavam o fim da discriminação e opressão.

Em 1972 a FLG se dispersou dando origem a diversas outras pequenas organizações mais moderadas, com jornais, palestras, eventos, campanha contra a homofobia e que pressionavam a retirada da homossexualidade da lista de desequilíbrios psicológicos. (Spencer, 1995)

Assim, a partir da década de 70, a homossexualidade deixou de ser visto apenas como resultado de fatores etiológicos como cromossomos e hereditariedade, mães fortes e pais fracos, fracasso edipiano e condicionamento defeituoso. (Plummer, 1983).

Com a Aids no início dos anos 80, o comportamento dos homossexuais mudou. O

sexo não seria mais espontâneo e livre, mas sim cauteloso, planejado e seguro. Em todo o mundo, a idéia de Aids como castigo se expandiu, abrindo-se um questionamento sobre a aceitação da homossexualidade e iniciando-se novamente a discriminação e uma volta dos valores morais, que com o passar do tempo se enfraqueceu.

Atualmente pode-se dizer que os homossexuais continuam a ser discriminados na maioria dos países, já que estes não possuem leis e garantias iguais a todos os cidadãos. Sendo que, na maioria dos países, a união entre duas pessoas do mesmo sexo não é reconhecida e a adoção de crianças pelo casal também não.

## **1.2 Notas sobre a história da homossexualidade no Brasil e suas decorrências**

Segundo Trevisan (1986), na época do descobrimento do Brasil, os portugueses que por aqui passaram retrataram os índios como tendo um código sexual que não tinha pontos em comum com o cristão, variando de tribo para tribo. Havia poligamia e poliandria, condenação do celibato, virgindade sem importância e relações homossexuais. Costa (1983) afirma que a prática homossexual era encontrada em algumas tribos, como os Tupinambás.

Ao serem dadas as capitâneas hereditárias, o rei D. João III entregou aos governadores uma carta dizendo que os crimes de heresia, traição, sodomia e falsificação de moeda podiam ser punidas com a morte.

As pessoas que chegavam ao Brasil eram, muitas vezes, deportados de Portugal por terem cometido crimes como homicídio, estupro, sodomia e feitiçaria. Assim, o Brasil tornara-se um lugar “promíscuo”, que por sua vez, atraía mais gente à procura dos ingredientes: liberdade e riquezas inexploradas. A chegada dos negros que acabariam por compor a maior parte da população do país, completou a situação, eles entraram no sistema já criado, como objetos sexuais de seus senhores. (Trevisan, 1986)

Para controlar a população de sua colônia, o Tribunal da Santa Inquisição foi

trazido ao Brasil, mas a ação deste, segundo Trevisan (1986), é pouco conhecida. Admite-se que a primeira visita tenha acontecido em 1591, na Bahia, e há textos originais da Inquisição relatando diversas pessoas punidas por manterem práticas homossexuais.

O primeiro código penal utilizado no Brasil foi as Ordenações Manuelinas, no qual o crime de sodomia deveria ser punido com a morte pelo fogo. Após, as Ordenações Filipinas vigoraram no Brasil por mais de dois séculos e elas determinavam como punição ao homossexualismo, além da morte pelo fogo, o confisco dos bens e seus descendentes tornar-se-iam inábeis e infames. (Trevisan, 1986)

Em 1830, foi elaborado um novo Código Criminal que, por influência dos ideais do século XIX, extinguiu a figura do sodomita, mas criou o crime por “ofensa à moral e aos bons costumes” realizada em público. O Código Penal Republicano de 1890 substituiu o anterior tornando-o “crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias” (ou “ultraje ao pudor”) com punição de um a seis anos de prisão. Apesar da mudança nas leis, os homossexuais continuavam a ser vistos como assassinos do corpo e do bem-estar biológico-social, pois não podiam ser pais. Era o século XIX e chegava no Brasil a ideologia higienista, que fora importada e que visava o engrandecimento do Estado, através da proteção das crianças. (Costa, 1983)

O controle da homossexualidade, ao poucos, deixou de ser dos juristas e passou a ser feito por meio de formas mais sutis, baseadas na cientificidade. A prática do homossexualismo deixa de ser crime e passa a ser doença. O doente torna-se inimputável e necessitado de tratamento. O estudo científico da homossexualidade os enquadra em um rótulo, eles deixam de ter características individuais para serem vistos todos como: “*caprichosos, invejosos, vingativos*” e as lésbicas seriam: “*loucas, congênicas e viciadas*”. (Castro 1932, p. 228 –229).

Macrae (1985) afirma que nos anos 70 o Brasil havia passando por uma mudança,

que poderia ser chamada de “revolução sexual”, já que de forma geral, as atitudes em relação ao sexo passaram a ser menos rígidas. Com a abertura política, ocorre o que Macrae chama de “boom”, com o maior aparecimento dos homossexuais na mídia e o surgimento de uma subcultura homossexual. Segundo Trevisan (1986) foi nesta época que surgiu a necessidade de união entre os homossexuais para troca de experiência e para fazerem seus direitos serem respeitados.

Já nesta época sentia-se a falta dos homossexuais discretos, sérios que eram ocultos pelos homossexuais que Macrae (1985) diz ter como finalidade apenas “sexo, plumas e paetês”. Este autor afirma ainda que neste mesmo momento surge o conceito de “entendido” ou “gay” que quer uma relação mais simétrica e de igualdade entre os pares, fugindo dos papéis tradicionais do homossexualismo de “ativo” e “passivo”.

Foi na década de 80 que a Aids começou a ser identificada. Inicialmente o desconhecimento sobre a doença deu espaço para que as pessoas criassem suas próprias versões. Desta forma, ocorre a ligação da Aids com o homossexual (Trevisan, 1988, Tosta, 1992), já que grande parte dos HIV positivos eram homossexuais. Essa ligação resultou em um grande motivo para fomentar o preconceito contra as homossexuais, além disso, ela foi vista por muitos como uma punição àqueles que praticavam pecados, perversões e afins. Mesmo os homossexuais sentiam culpa e medo após a prática homossexual. (Tosta, 1992)

Por outro lado, a Aids ampliou a discussão em torno da sexualidade e da homossexualidade, e à medida que a doença foi difundindo-se por todos a sociedade em geral, a relação Aids-homossexualismo foi enfraquecendo. Além disso, Tosta (1992) menciona que, no grupo que era seu objeto de estudo, houve modificações de comportamento para evitar a Aids, uma tendência no desejo de manter “casos fixos” (sendo “caso” a relação na qual há um envolvimento amoroso).

Nos dias de hoje, a homossexualidade não é mais vista como doença ou pecado por alguns segmentos da sociedade brasileira, na qual o conceito de “politicamente correto” embasa as relações sociais. Contudo, outros segmentos da sociedade continuam a ver a prática homossexual da mesma forma como era vista na Idade Média, ou no século XIX.

### **1.3 A homossexualidade feminina**

A história das mulheres e o papel destas na História sempre foi relegado ao segundo plano, abaixo da história dos homens. Assim, pouco se sabe sobre a homossexualidade feminina, seja pelos poucos documentos históricos e fontes a respeito do assunto, como pelo menor interesse sobre a homossexualidade feminina em detrimento da masculina.

A atual emergência dos temas homossexuais em livros, filmes, pesquisas e legislações, parece começar a render frutos, mesmo que tardios, em relação a história da homossexualidade feminina. Apesar de não haver livros ou artigos definitivos, alguns projetos estão sendo desenvolvidos. A *University Southern Califórnia* está realizando um projeto que tem como objetivo promover e dar visibilidade a história da homossexualidade feminina, colocando a disposição textos sobre o tema e indicando projetos que visam contribuir para a reconstrução desta história. Estes textos que estão disponíveis no *site: The Lesbian History Project: A Lesbian History Research Site* (<http://www-lib.usc.edu/~retter/main.html>).

O projeto chamado *Swade's Tribal Chant Lesbian History* tem como escopo coletar fatos históricos e também possui um site com alguns textos já escritos no projeto. ([http://www.swade.net/lesbian/tribal\\_chant/les\\_hist.html](http://www.swade.net/lesbian/tribal_chant/les_hist.html)). A *American Historical Association* está ligada ao *Committee on Lesbian and Gay History*, e em seu *site* encontra-se que ele foi fundado em 1979 e tem como objetivo promover o estudo da

homossexualidade no passado e no presente, defendendo que a grade curricular das escolas contenha esta parte da história.

No entanto, o que esses projetos apresentam são alguns acontecimentos e momentos específicos da história relacionados com a homossexualidade feminina, e que ainda estão muito longe de formar um conjunto, que se possa chamar de História da homossexualidade feminina. Portanto optou-se por não fazer um relato descontínuo e deslocado dos acontecimentos, acreditando-se que a história da homossexualidade geral, já cumpre o que é preciso para essa pesquisa.

Nos dias de hoje a homossexualidade feminina parece continuar secundária diante do número de estudos sobre a homossexualidade masculina. Das teses e dissertações publicadas pela USP e pela PUC-SP tem-se que doze são sobre a homossexualidade masculina e duas sobre a feminina, uma em 1989 e outra em 1997. Algumas teses e dissertações não fazem distinção entre a homossexualidade masculina e feminina, como é o caso dos estudos sobre os direitos dos homossexuais. Apenas uma pesquisa foi encontrada tendo como foco a mãe homossexual, é uma tese de Doutorado em Ciências Sociais, intitulada de “Necessidades de filhos, maternidade, família e (homo)sexualidade.” datada de Janeiro de 2005 e realizada por Souza (2005).

Apesar desta desvantagem, o número de pesquisas sobre as mães homossexuais vem crescendo, principalmente nos Estados Unidos e Europa, e um conhecimento científico está sendo construído. Além deste conhecimento científico, outras publicações são feitas com o objetivo de atender a demanda das mães lésbicas.

Existem publicações que auxiliam na decisão de se tornar mãe ou não. O livro escrito por Pies em 1988 é o resultados de encontros feitos desde 1978 com grupos de mulheres homossexuais que estavam pensando em ser mães. Ao todo foram trezentas mulheres e a autora relata que 15% delas resolveram tornar-se mães. O livro auxilia a

tomar a decisão de ser ou não mãe indicando algumas questões relevantes e também explora as várias formas de se tornar mãe.

Outra linha de publicações para as famílias de mães homossexuais são os livros infantis. Estes diversos livros podem ser divididos em dois tipos:

- Livros cujo objetivo é mostrar e celebrar a diversidade dos arranjos familiares, como os livros escritos por Bobbie Combs “*123 – A family counting book*”<sup>1</sup> e “*ABC – A family alphabet book*”<sup>2</sup>; ou “*Families*”<sup>3</sup> escrito por Meredith Tax. Há uma grande diversidade de livros, para todas as idades e para todos os tipos de arranjos familiares. Todos os livros são em Inglês e alguns têm tradução em espanhol.

- Livros cujo objetivo é mostrar alguns questionamentos dos filhos de mães homossexuais e desenvolver uma literatura que reflita a família em que vivem. O livro mais conhecido chama-se “*Heather has two mommies*”<sup>4</sup>, foi escrito por uma mãe homossexual em 1989 e conta a estória de uma menina que descobre que o importante em uma família é que todos se amem. Outros livros fazem parte deste grupo como: “*Asha’s mums*”<sup>5</sup> de Rosamund Elwin e Michele Paulse; e “*Anna Day and O-Ring*”<sup>6</sup> escrito por Elaine Wickens.

Apesar dos muitos livros publicados fora do Brasil, não há nenhum livro em Português para os pais e mães homossexuais e seus filhos. Entretanto há um crescente número de publicações para o público homossexual em geral, com editoras específicas para este grupo.

O mesmo ocorre na Internet, existem *sites* específicos para os pais e mães homossexuais como o “*Proud Parenting*” ([www.proudparenting.com](http://www.proudparenting.com)), o “*Family Pride*

---

<sup>1</sup> Combs, B. *A family counting book*. Ridley Park: Two Lives, 2001.

<sup>2</sup> Combs, B. *ABC - A Family Alphabet Book*. Ridley Park: Two Lives, 2001.

<sup>3</sup> Tax, M. *Families*. Boston: Little Brown & Co, 1981.

<sup>4</sup> Newman, L. *Heather has two mommies*. Boston: Alyson Pubns, 2000.

<sup>5</sup> Elwin, R; Paulse, M. *Asha’s mums.?* :Women's Press, 2000.

<sup>6</sup> Wickens, E. *Anna Day and O-Ring*. Boston: Alyson Pubns, 1994.

*Coalition*” ([www.familypride.org](http://www.familypride.org)). Além, existe um site feito para e por filhos de mães e pais homossexuais que têm como objetivo não apenas informar, mas manter e ampliar o canal de comunicação entre os filhos de gays, lésbicas e transexuais ([www.colage.org](http://www.colage.org) - “*Children of lesbians and gays everywhere*”). No entanto, em Português não havia nenhum *site* a respeito das famílias homossexuais e por esta razão foi construído o *site* “Mães homossexuais e seus filhos” ([www.maehomossexual.hpg.com.br](http://www.maehomossexual.hpg.com.br)), com uma parte do conteúdo construído na presente pesquisa, e que tinha como objetivo esclarecer a população em geral o que já se sabe sobre as mães homossexuais e seus filhos. O *site* entrou no ar no mês de Fevereiro de 2004 e no dia 22 de Junho de 2004 contava com 1300 *paggers view*, ou seja, em torno de 300 acessos por mês. Atualmente ele está sendo reformulado e mudará de endereço, e portanto não pode mais ser encontrado no endereço antigo.

O fato da mulher ser sempre considerada como inferior e secundária é histórico, mas vale a pena citar outros fatores que podem ter ocasionado o pequeno número de pesquisas e publicações sobre e para a mãe homossexual. O primeiro deles seria o maior preconceito para com estas mães do que com a população homossexual em geral, já que elas podem ser acusadas de não terem a capacidade de cuidar de seus filhos e mesmo de prejudicá-los. Outro fator teria um caráter judicial, o temor de perder a guarda de seus filhos devido a sua opção sexual. Estes fatores contribuem para uma grande dificuldade de se encontrar participantes para este tipo de pesquisa, sendo a população estudada um fenômeno oculto, estigmatizado e de pouca visibilidade.

## Capítulo 2

### Ser mãe

Este capítulo foca o início do relacionamento entre mãe e filho, enfatizando características, comportamentos, sentimentos e atitudes que alguns autores apontam como necessário para que uma mãe tenha sucesso na criação inicial de seus filhos. Estes primeiros anos foram escolhidos pois são considerados por importantes autores como os anos cruciais no desenvolvimento do ser humano. Seu escopo é demonstrar que as habilidades e capacidades de uma mãe não estão relacionadas com sua opção sexual.

Os autores apresentados a seguir foram escolhidos por serem representantes de diferentes correntes psicológicas, cada qual contribui com uma visão do relacionamento mãe-filho nos primeiros anos. Contudo, a diversidade de teorias apenas enfatiza que as qualidades necessárias para uma mãe são a atenção, a disponibilidade, a compreensão, a aceitação e o amor e carinho.

#### 2.1 A relação mãe-filho

A relação mãe-filho foi estudada por diversos autores dos quais podemos citar John Bowlby, Donald Winnicott, Melanie Klein, e muitos outros que fizeram extensas e cuidadosas observações de mães com seus bebês e que, a partir destes dados, criaram teorias do desenvolvimento da personalidade. Apesar destas teorias terem diferenças entre si, todas elas vêem a relação mãe-filho como a base da personalidade da criança.

As teorias destes autores possuem semelhanças e diferenças, focando a relação mãe-filho de forma diferente. Por exemplo, Winnicott observou a relação do que ele chama de “mãe normal” (aquela física e mentalmente saudável) e seu filho, dentro de uma família chamada por ele de “estável” e ateve-se ao discurso sobre essas mães e para essas mães.

Winnicott (2001) afirma que o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida da criança é fundamental, pois ele é a base da saúde mental de qualquer pessoa. A criança nasce com uma tendência inata ao desenvolvimento, tanto física como emocionalmente, mas para que esse crescimento ocorra é preciso que ela desfrute de condições suficientemente boas. É a mãe a responsável por estas condições, é ela quem tem que desenvolver condições ambientais boas para que seu filho seja capaz de construir uma personalidade integrada durante este ano inicial.

Essa capacidade de cuidar do bebê, que pode parecer complicada, vai se desenvolvendo de forma natural na mãe. Durante a gravidez ela vai adquirindo uma atitude sensível, desvia a atenção de seu próprio *self* para o bebê e assim sabe como o seu filho está se sentindo, suas necessidades e como se adaptar a elas. A mãe suficientemente boa é aquela capaz de perceber as necessidades de seu bebê e de adaptar-se a essas necessidades. Precisa ter uma devoção para com ele que precisa ser alimentado, estar sempre limpo, longe de correntes de ar frio e de barulhos fortes. (Winnicott, 2001)

Nos primeiros estágios, ser uma mãe suficientemente boa está relacionado, segundo Winnicott (2001) com: *holding* (seria o segurar o bebê, um *holding* físico do lactente, no qual está ocorrendo o contato pele a pele do bebê com a mãe, mais especificamente com o seio); manipular (está relacionada com a formação de uma parceria psicossomática na criança, contribui para a formação do “real” e a sua oposição, o “irreal”) e; apresentar objetos (apresentar o mundo e seus objetos ao bebê, o que possibilita que a criança dê início à capacidade de relacionar-se com estes).

O amor pela criança é fundamental, pois é ele que faz a mãe adaptar-se as suas necessidades, agüentar os avanços e recuos do desenvolvimento, os sentimentos bons e ruins que seu filho vai ter por ela. A criança na idade da escola maternal ainda não possui uma capacidade plena de ter amor e ódio pela mesma pessoa. Assim, a mãe auxilia neste

processo, pois estimula o amor e o ódio, e o filho começa a ter a capacidade de reunir estes dois sentimentos em uma pessoa só. (Winnicott, 1979)

Já Bowlby, fez observações de crianças que passaram um período no qual a mãe estava ausente (por motivo de hospitalização, entre outros), crianças que realmente perderam suas mães (mães que morreram) ou crianças que foram abandonadas por elas. Além disso, este autor é fortemente marcado pelas observações do comportamento das espécies animais não humanas.

Assim como Winnicott, Bowlby (1989) crê que os bebês nascem programados para se desenvolverem de forma socialmente cooperativa e isso pode ou não ocorrer dependendo da forma como esta criança for tratada. Além disso, é a relação com os pais que vai determinar um bom desenvolvimento emocional e psíquico da criança, na terminologia de Bowlby, o bebê precisa de um relacionamento seguro com sua mãe.

Segundo Bowlby (1989), a mãe sensível comum tem de: “Essencialmente, estar disponível, pronto para responder quando solicitado, para encorajar e, talvez, dar assistência, porém, só intervindo ativamente quando for claramente necessário.” (p 25). A mãe sensível comum está sempre atenta e controlando o estado de seu filho, ela também é capaz de entrar em sintonia com o ritmo do bebê através de uma cuidadosa observação do comportamento dele, sabe do que precisa e do que gosta, percebe as conseqüências de seu comportamento no filho e é capaz de mudar se necessário, e assim, é capaz de satisfazê-lo. Esses comportamentos são naturais e estão presentes na maioria dos pais que gostam de estar com seus filhos e sentem a interação com eles como recompensadora.

Apesar destas semelhanças com Winnicott, Bowlby têm uma teoria do desenvolvimento da personalidade um pouco diferente. Para Bowlby (1989), as crianças só obtêm um bom desenvolvimento se os seus pais forem capazes de prover uma base

segura para o filho. E para isso eles precisam ter o conhecimento, mesmo que intuitivo, do comportamento de apego da criança e perceberem a importância dele para um bom desenvolvimento.

Bowlby (1989) define comportamento de apego da seguinte forma:

*“O comportamento de apego é qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerando mais apto para lidar com o mundo. Este comportamento é bastante óbvio quando a pessoa está assustada, fatigada ou doente e tenta-se diminuir seu sofrimento com o conforto e o zelo. Em outros momentos, o comportamento é menos evidente. No entanto, o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, fornece um sentimento de segurança forte e de grande extensão e, então, encoraja a pessoa a valorizar e a continuar a relação.” (p 38-39)*

A forma como a pessoa organiza o comportamento de apego durante os primeiros anos é a variável principal do desenvolvimento da personalidade. E o comportamento de apego é determinado, em alto grau, pela forma que os pais tratam a criança desde o início da vida até a adolescência. A criança forma um modelo representacional do relacionamento com seus pais durante a infância e este modelo influencia a forma como interpreta o mundo e o que ela espera do comportamento das pessoas, é por meio do comportamento dos pais que vai perceber o mundo e as pessoas a sua volta como cooperativas ou não, amorosas ou amedrontadoras.

O cuidado atento e amoroso faz desenvolver na criança a confiança de que ela pode contar com a ajuda dos outros nos momentos em que ela precisar, assim a criança torna-se corajosa e autoconfiante e sente-se capaz de explorar o mundo e de ajudar os outros que estão em situações difíceis (apego seguro). No entanto, quando a mãe responde lenta ou relutantemente às necessidades do filho, esta tende a desenvolver um apego ansioso, no qual tem medo de não encontrar quem a ajude quando precisar e, portanto, a criança teme sair do lado de seu protetor e mostra-se indiferente aos

problemas alheios (apego resistente e ansioso). No caso de rejeição por parte da mãe, a criança tende a ter um comportamento baseado na evitação, ou seja, ela deseja uma proximidade com o protetor, mas ao mesmo tempo o evita, podendo ter comportamentos de raiva (apego ansioso com evitação). Estes são os três modelos principais de apego.

Já Jersild (1971), afirma que ser um bom pai depende mais das atitudes e personalidade da mãe e do pai do que das técnicas e prática com crianças, já que o contato e a relação com o filho refletem a personalidade do cuidador. Assim, se os pais tendem a serem pacientes, decididos e receptivos, eles também o serão com os filhos.

Entre as características que os pais podem ter, Jersild (1971) enfoca duas, que segundo ela, são mais claramente classificadas como merecedoras de aprovação ou reprovação: ser aceitador ou rejeitador.

O pai aceitador cria uma atmosfera de afeição e compreensão, o que permite que a criança adquira uma atitude de confiança e fé naqueles que são seus cuidadores. A criança também sentirá uma liberdade para crescer e se aventurar, demonstrar e aceitar seus sentimentos, tentar e errar sem se preocupar em sempre provar o seu valor.

Já o pai rejeitador parece ter uma definição mais complicada. O pai pode ser visto como rejeitador mesmo quando é extremamente dedicado ao filho, é o caso dos pais que aplicam castigos muito severos com o objetivo de educá-los. Entre os casos mais graves de pais rejeitadores estão: aqueles que abandonam seus filhos; o pai que vê apenas os defeitos de seus filhos e aplica castigos severos. Há outros indícios menos graves como: não prestar atenção ou comparar a criança desfavoravelmente. Além disso, o pai rejeitador não equilibra estes comportamentos com outros mais amistosos e parece faltar afeição pelo filho ou há a presença até mesmo de uma hostilidade para com ele.

A criança com pais rejeitadores sente que não pode contar com a ajuda, proteção e auxílio de que necessita. E desde muito pequena tem de contar com seus próprios

recursos, ela esconde-se através de defesas, refugiando dentro de si mesma e não vendo benefícios na amizade e no contato com o outro. Ela aprende a não esperar afeição, pois não a recebeu, ao contrário, espera o pior, o que a levará a estar atenta contra tudo, construindo barreiras na relação com o outro e sem poder adquirir confiança em si mesmo, pois vive em um ambiente de rejeição e fracasso que ela aprendeu a reproduzir.

## **2.2 Uma conclusão**

Os bebês quando nascem têm sua respiração irregular e incerta, alguns precisam de ajuda mesmo para mamar, os movimentos são desordenados, o choro é compulsivo e eles não se adaptam bem ao frio. Essas são evidências utilizadas para classificar os bebês humanos como dependentes e vulneráveis. Um bebê precisa ser alimentado, ser limpo, protegido do frio e de outros perigos para sobreviver. Estes cuidados podem ser realizados por qualquer pessoa, seja ela uma mãe, um pai, uma babá ou um funcionário de alguma instituição.

Entretanto, o que os autores citados enfatizam é que para que o bom desenvolvimento emocional e social de uma criança ocorra é necessário que estes cuidados sejam feitos com atenção, carinho e amor. Lima (1997) resume dizendo que a função materna está relacionada com a forma como são realizadas a alimentação, higiene, toque, colo, amparo, e também com a capacidade de lidar amorosamente com o filho, atentando para o que é apropriado para cada etapa. Assim, teremos uma criança com um sentimento de equilíbrio e bem-estar para superar as angústias, a base para um indivíduo maduro e centrado.

Segundo Ribble (1975), pensar que a relação entre mãe e filho existe para satisfazer as necessidades biológicas da criança de ser cuidada, pode forçar conclusões erradas. Este pensamento pode fazer com que a função materna seja igual a de uma enfermeira de confiança que pode ser substituída por qualquer outra pessoa competente.

Entretanto ela diz:

*“... o bebê que é tratado impessoalmente, por mais bem alimentado e limpo que esteja, é definitivamente prejudicado no desenvolvimento de sua personalidade e na sua capacidade inicial de confiar e corresponder a outras pessoas.” (p.2)*

Assim, segundo Ribble (1975), embalar o bebê, deixar o bebê sentir o calor da mãe, dar banho, alimentar etc. não são suficientes se feitos automaticamente e sem amor. Em cada uma destas tarefas a mãe deve demonstrar o seu afeto pelo filho com atos de ternura como afagar, acariciar e cantar ou falar com o bebê.

Desta forma, tem-se que as teorias do desenvolvimento escolhidas aqui apontam diferentes formas de um bebê se transformar em um adulto sadio, mas todas elas concordam que os ingredientes para que isso ocorra são os mesmos, e dentro destes ingredientes físicos, como alimentação e proteção, está o vínculo estabelecido através de uma atenção cuidadosa e amorosa de alguém que está apto a se dedicar, e muito, a um bebê.

O fato de uma mãe ser hetero ou homossexual não está relacionado com o bom desenvolvimento de uma criança, já que os atributos apontados como fundamentais no cuidado de um bebê são de ordem física como o cuidado com a alimentação, proteção ao frio, higiene ou de ordem emocional, como a mãe ser capaz de amar, aceitar e compreender seu filho.

A homossexualidade da mãe certamente modifica o futuro relacionamento entre essa mãe e a criança, entretanto não se pode afirmar que as mudanças irão prejudicar as crianças. Nos próximos dois capítulos serão apresentadas as pesquisas mais recentes sobre as mães homossexuais e seus filhos, que em grande parte, visam comprovar o bom desenvolvimento dos filhos e a capacidade da mãe homossexual para criá-los.

## Capítulo 3

### As pesquisas sobre as famílias homossexuais femininas

#### 3.1 As mães

No capítulo anterior foram estabelecidas algumas características do que seria desejável que uma mãe tivesse para que seu filho tenha uma boa probabilidade de ter um bom desenvolvimento social e emocional. Isto dará alguns parâmetros e definições para observar as pesquisas relacionadas com as mães homossexuais.

A capacidade da mãe homossexual de cuidar de seu filho já foi questionada em algumas pesquisas, bem como já foi questionado se seus filhos terão um bom desenvolvimento, em todos os seus aspectos. Os estudos sobre essas mães foram poucos até a década de 90. Richardson (In Hart & Richardson, 1983) critica as pesquisas feitas até então, pois estas eram basicamente para ver se a criança cresceria homossexual e/ou se desenvolveria uma orientação atípica, e quais são os danos que a homossexualidade de sua mãe trazia para a vida social dos filhos.

Na década de 90, as publicações sobre as mães e pais homossexuais têm um grande crescimento, refletindo o aumento do número ou a visibilidade destas famílias na sociedade. As mulheres que assumem serem lésbicas e querem ser mãe aumentam de tal forma, que se criou uma nova nomenclatura para esse movimento: “*lesbian baby boom*”.

Contudo, essa escolha de ser mãe não tem sido fácil, pois o preconceito de séculos também está presente nos próprios homossexuais, já que também foram criados dentro de uma cultura heterossexual. Assim, a escolha por ser mãe, sendo lésbica, tem sido descrito como um momento de conflitos internos e externos. Surgem então algumas publicações que visam auxiliar as possíveis mães (Pies, 1988; Clunis e Green, 2003) e também os psicólogos que lidam com essa questão em seus consultórios (O'Dell, 2000).

O aparecimento de publicações sobre inseminação artificial em mulheres lésbicas e o bem estar destas crianças (Robinson, 1997; Chan, Raboy e Patterson, 1998; Golombok e Tasker, 1994) indica que, cada vez mais, a maternidade passa a ser a opção escolhida pelas mulheres homossexuais.

O conjunto de pesquisas, apresentadas a seguir, sobre a capacidade da mulher homossexual ser uma boa mãe indica que estas mulheres são tão capazes de cuidar de uma criança quanto as mães heterossexuais.

McNeill, Rienzi e Kposowa (1998) aplicaram quatro diferentes escalas em 24 mães lésbicas e 35 em mães heterossexuais, e encontraram resultados semelhantes entre as mães quanto ao: estresse relatado, ajustamento, competência, e qualidade das relações com seus familiares.

Harris e Turner (1986) pesquisaram 23 pais homossexuais e mães lésbicas e 16 pais/mães heterossexuais solteiros, e encontraram que todos os pais relataram poucos problemas sérios e uma boa relação com seus filhos. Os pais homossexuais consideram que a sua opção sexual resulta em alguns benefícios e poucos problemas para seus filhos. Além disso, as mães lésbicas, perceberam maiores benefícios que os pais homossexuais.

Da pesquisa feita por Flaks, Ficher, Masterpasqua e Joseph (1995) participaram 15 casais lésbicos e seus filhos de 3 a 9 anos nascidos por inseminação artificial com doador e 15 casais heterossexuais e seus filhos biológicos. Utilizando escalas eles chegaram aos seguintes resultados: não houve diferença entre consenso, afeição, satisfação e coesão nos dois grupos de casais, porém as mães lésbicas tiveram um desempenho estatisticamente melhor em Solução de Problemas, que seria a habilidade em reconhecer as dificuldades no cuidado com a criança e verificar a adequação das soluções. Entretanto, essa diferença está mais ligada ao sexo do cuidador do que com a orientação sexual.

A satisfação do casal com o casamento é outra variável pesquisada nos estudos sobre mães homossexuais. A suposta instabilidade das uniões homossexuais é vista como um obstáculo para o bom desenvolvimento das crianças e algumas pesquisas investigam este tema.

Zacks, Green, Marrow (1988) fizeram um estudo comparativo entre os casais homossexuais e os heterossexuais, utilizando uma escala de satisfação familiar e como resultado obtiveram que os casais homossexuais tiveram níveis significativamente mais altos de coesão, adaptabilidade e satisfação do que os casais heterossexuais.

Os autores Chan, Brooks, Raboy e Patterson (1998) também estudaram as diferenças entre os lares homossexuais femininos e os lares heterossexuais ambos com filhos de inseminação artificial. Trinta casais homossexuais femininos e 16 heterossexuais com filhos de 5 a 11 anos foram entrevistados e responderam a algumas escalas. Ambos grupos relataram semelhantes divisões do trabalho remunerado e do trabalho em casa, mas as mães lésbicas dividem o trabalho de cuidar da criança mais igualitariamente. Entre as mães lésbicas não-biológicas, aquelas mais satisfeitas com a divisão das decisões familiares, também eram mais satisfeitas com o relacionamento e tinham filhos que exibiam menos problemas comportamentais. Além disso, os autores indicam que parece não haver uma distinção entre uma possível mãe principal e uma secundária quando se fala em cuidado da casa e da criança.

Resultados diferentes foram encontrados por Patterson (1995). Nesta pesquisa participaram 26 famílias chefiadas por casais homossexuais femininos com filhos de 4 a 9 anos. Aqui, a satisfação com o relacionamento também foi alta, mas a mãe biológica disse ter um maior envolvimento com o cuidado da criança enquanto as mães não-biológicas disseram que gastam mais tempo em empregos remunerados. Além disso, as mães estavam mais satisfeitas e a criança mais ajustada quando o cuidar da criança era

dividido mais igualmente. Entretanto, esta pesquisa teve como participantes mães que adotaram ou eram mães biológicas, o que pode ter acarretado na diferença de resultados.

Um dos argumentos dos que se opõem às mães homossexuais criarem seus filhos, é que uma parte do desenvolvimento da criança ocorre por meio da identificação com os pais, que inicia sua vida com a imitação do comportamento dos pais, até assumir seus valores, atitudes e formas de agir.

Richardson (in Hart & Richardson, 1983) afirma que as pessoas esquecem de considerar que as crianças têm outros modelos para se espelharem, que o determinismo das primeiras experiências não passa de uma hipótese, e que estas não consideram todo o aprendizado e crescimento que ocorre durante a vida. Ela ressalta que ao se fazer pesquisa sobre filhos criados em lar homossexual, há perigos de basear-se na ideologia popular de família e das crenças sobre os homossexuais, tidos como promíscuos e incapazes de ter uma família estável.

Por outra perspectiva, das motivações intrínsecas, Siegenthaler e Bigner (2000) aplicaram uma escala em mães lésbicas e heterossexuais, chamada *Value of Children* (VOC), que tem como objetivo mensurar as razões que poderiam explicar o porque de se tornar mãe/pai e o valor da criança em suas vidas. Encontrou-se mais similaridade entre os grupos de mães do que diferenças. A única diferença apontada pela escala está nos incentivos e razões para assumir a maternidade.

Desta forma, a literatura como um todo indica que diferentes tipos de família podem criar crianças saudáveis e que mães homossexuais possuem as habilidades e mantém relações de qualidade suficiente para criar uma criança psicologicamente saudável.

Entretanto, ser mãe e lésbica traz apreensões extras à maternidade. Em um dos relatos organizados por Netto (1993), a companheira de uma mãe relata sobre a sua

preocupação com o filho que elas estão criando:

*“O menino está sendo acostumado com um outro mundo, uma realidade inteiramente diversa da habitual. Isso às vezes nos deixa apreensivos mas acredito que ele seja uma criança educada para a nova ordem que vem vindo por aí.” (p. 246)*

*“... ele chegou a nos perguntar se as coisas são sempre assim, mulher com mulher e homem com homem. Tivemos de explicar que existiam também os casais de homens com mulheres. Ele corria o risco de implicar com os coleguinhas da escola, achando que eles são filhos de ‘anormais’”. (p.246)*

São estas apreensões, questionamentos e diferenças que serão apresentadas no próximo capítulo intitulado “Alguns apontamentos sobre a família lésbica”.

### **3.2 Os filhos**

Richardson (Hart & Richardson, 1983) relatou que até a década de 80, os estudos tinham como objetivo verificar a veracidade de alguns pressupostos como a estigmatização da criança e a possibilidade dela vir a ser um homossexual. Esse tipo de pesquisa ainda está presente nos dias de hoje.

King e Black (1999a) realizaram uma pesquisa com 338 universitários e estes relacionaram mais problemas comportamentais com os filhos de mãe lésbica, do que com os filhos de mãe separada e heterossexual.

Gartrell, Banks, Reed, Hamilton, Rodas e Deck (2000) apontam que as mães lésbicas de filhos de cinco anos relataram que 87% das crianças se relacionam bem com seus colegas, mas que 18% já experimentaram algum tipo de homofobia de seus colegas ou professores.

Em outro estudo, King e Black (1999b), visando verificar a estigmatização dos filhos de mães lésbicas, perguntaram aos alunos universitários sobre a vontade deles de serem amigos de filhos de mães lésbicas, e entre 80 a 100% dos alunos responderam que gostariam de conhecer, ser amigo, ou melhor amigo de alguém cuja mãe é lésbica.

Um estudo que vai além de saber se existe ou não o preconceito contra filhos de mães homossexuais é o feito por Gershon, Tschann e Jemerin (1999). Eles entrevistaram 76 adolescente (entre 11 e 18 anos) filhos de mulheres lésbicas, e aplicaram escalas para mensurar o estigma, a auto-estima e a capacidade de enfrentamento destes jovens. Os resultados indicaram que o estigma está relacionado com a baixa auto-estima nos adolescentes filhos de mulheres homossexuais e que esta relação é modulada pela habilidade de enfrentamento, mais especificamente a habilidade de “tomada de decisão”. Desta forma, tem-se que o desenvolvimento desta habilidade nos filhos de mães homossexuais pode ajudá-los a conviver melhor com o preconceito.

Além da questão do preconceito, algumas pesquisas têm como objetivo verificar se as pessoas criadas por mães lésbicas possuem algum problema emocional ou psicológico.

Tasker e Golombok (1995) estudaram 25 jovens adultos, criados em lares lésbico e 21 provenientes de lares heterossexuais e afirmam que os primeiros possuem uma boa estrutura psicológica, e identidade familiar assim como bons relacionamentos. Os autores apontam que a homossexualidade da mãe não está relacionada com a homossexualidade dos filhos, já que a grande maioria dos filhos (com idade média de 23,5 anos) identificam-se como heterossexuais.

Chan, Raboy e Patterson (1998) pesquisaram 80 famílias que fizeram inseminação artificial e cujos filhos agora tinham 7 anos. Destas, 55 eram chefiadas por lésbicas e as demais por heterossexuais, podendo ser casais ou solteiros. Os resultados apontam para uma não correlação entre a orientação sexual da mãe e o bom desenvolvimento da criança. Os fatores relacionados pelos autores com os problemas de comportamento das crianças foram: mães/pais que experimentaram altos níveis de estresse relacionado à maternidade/paternidade, conflitos no lar, e baixo nível de amor

entre os pais.

Golombok, Tasker e Murray (1997) entrevistaram e aplicaram diferentes escalas em 42 famílias chefiadas por um heterossexual solteiro; 30 famílias chefiadas por lésbicas e 41 família de casais heterossexuais. Os resultados indicam que as crianças criadas sem o pai vivenciaram uma maior interação com a mãe e uma relação com maior segurança. Contudo, essas crianças se percebiam menos competentes fisicamente e psicologicamente do que seus colegas que tinham pais presentes na família.

Huggins, em 1989, publicou uma pesquisa que tinha como objetivo verificar se havia diferença entre a auto-estima de filhos de mães lésbicas divorciadas e filhos de mães heterossexuais divorciadas. Trinta e seis adolescentes entre 13 e 19 anos, sendo grupos eqüitativos, foram voluntários deste estudo que indicou que não houve diferenças significativas entre a auto-estima dos dois grupos.

O que se pode concluir, é que não há até hoje evidências de que a homossexualidade dos pais comprometam o bom desenvolvimento de seus filhos (Falk, 1989; Patterson, 1992). Diversas pesquisas indicam que não há grandes diferenças entre o desenvolvimento das crianças de lares heterossexuais e homossexuais (Green, Mandel, Hotvedt, Gray e Smith, 1986; Gold, Perrin, Futterman e Friedman, 1994; Brewaeys, Ponjaert, Van Hall e Golombok S, 1997; Tasker e Golombok, 1995).

Desta forma, tem-se que no geral os filhos de mãe homossexual são muito semelhantes os filhos de mães heterossexuais, sejam as pesquisas com filhos de inseminação artificial (Flaks, Ilda Ficher, Masterpasqua e Joseph, 1995); filhos de mães solteiras (Golombok, Spencer e Rutter, 1983), ou pesquisas com grandes amostras (Golombok, Perry, Burston, Murray, Mooney-Somers, Stevens e Goldin, 2003).

Saber que não há diferença no ajustamento e no bom desenvolvimento das crianças é um grande passo para diminuir os mitos e o preconceito para com estas

famílias, mas estas pesquisas não trazem muitas informações para a compreensão de como realmente são e vivem estas crianças, adolescentes e adultos filhos de mães homossexuais. É preciso começar a ouvir as mães e seus filhos.

Uma pesquisa feita por Lewis (1980) ouviu 21 filhos de 8 famílias de mães homossexuais e divorciadas que tiveram seus filhos em casamentos anteriores. A autora relata que o relacionamento com o pai melhora, que as crianças dizem não sentir nada negativo para com a mãe, mas a companheira é vista como uma intrusa e é, muitas vezes, o alvo da raiva. Somando-se o fato de todos os filhos terem expressado um grande orgulho da mãe em lutar contra a sociedade, a autora levanta a hipótese da existência de uma aceitação intelectual que encobriria os sentimentos conflitantes que os filhos pudessem ter. A homossexualidade da mãe leva a um autoquestionamento sobre a própria sexualidade e a um aproximação dos meninos mais velhos para com a figura masculina (o pai). Já as crianças menores apontam para a necessidade de guardar segredo para os colegas.

Esta antiga pesquisa indica que a homossexualidade da mãe interfere e modifica a dinâmica da família. Entretanto, muito falta a ser estudado, já que este foco do grande tema “mães homossexuais e seus filhos” foi pouco explorado em detrimento da necessidade de responder se essas mulheres são boas mães e se esses filhos são bem ajustados a uma sociedade ainda primordialmente heterossexual.

## Capítulo 4

### Alguns apontamentos sobre a família lésbica

O conceito de família é um dos mais estimados pela nossa sociedade e a família lésbica (bem como outros tipos de família) obriga a rever este conceito e a reformular antigas definições. A orientação sexual da mãe traz a este arranjo familiar, algumas características distintas das demais, sem contudo perder aquelas valorizadas em uma família como: compreensão, respeito, educação, amor, comunicação efetiva, aprendizagem mútua etc.

Aqui serão apresentados alguns aspectos que caracterizam a família lésbica, que apesar de ter muitas semelhanças também tem algumas diferenças conseqüentes de se ter uma mãe homossexual. Dentre as diferenças, tem-se o estigma que esta família sofre, os segredos decorrentes deste estigma, o momento da revelação para os filhos, a presença de uma companheira, entre outros, que serão discutidos neste tópico.

#### 4.1 O estigma

Plummer (1983) afirma que os homossexuais são estigmatizados e, segundo Goffman (1988), esse estigma seria uma característica que causa discrepância entre a identidade social virtual (pré-concepções sobre um indivíduo) e a identidade social real (atributos que a pessoa realmente possui). Ou seja, o estigma é algo que transforma uma pessoa comum em uma pessoa vista como diminuída e menos capaz.

Além disso, Goffman (1988) aponta que o estigma dificulta a possibilidade de atenção para os reais atributos da pessoa. Assim, os atributos reais das pessoas homossexuais ficam ocultos e os pré-conceitos como “pervertido”, “irresponsável” “depravado” e “hipersexualizado” são incorporados à pessoa. O adjetivo homossexual,

diz Plummer (1983), passa a ser empregado como substantivo, se referindo a um tipo, uma espécie, na qual todos possuem as mesmas características e o mesmo estilo de vida.

Sabendo desta possibilidade, as relações entre o estigmatizado e o outro tido como “normal” sempre são permeadas de ansiedade e insegurança, pois o primeiro nunca saberá como será tratado, se será bem recebido ou se será vítima do preconceito alheio. Assim, segundo Goffman (1988), o contato com os “normais” é evitado, pois os estigmatizados sentem que serão sempre analisados em seus comportamentos. Esse isolamento social auto-imposto dos homossexuais é citado por Parry e Lightbown, e também por Richardson e Hart, ambos em artigos do livro *“Teoria e prática da homossexualidade.”* organizados por Hart & Richardson, (1983), como sendo muito freqüente no início do tornar-se homossexual.

Goffman (1988) afirma que quando a discrepância entre identidade social virtual e a identidade social real acontece no momento em que a pessoa é vista, ela é desacreditada. Mas quando a diferença não está aparente, a pessoa torna-se desacreditável. Neste caso a tensão não é advinda apenas do contato com o outro, mas também da manipulação de informação. Conta-se de seu estigma e corre o risco de tornar-se desacreditado ou oculta-se a informação, ocultando também parte daquilo que se é.

A opção pelo encobrimento acaba tornando-se uma nova fonte de angústia, devido ao sentimento de culpa, sensação de falsidade e superficialidade dos relacionamentos, ocultação em si e possibilidade de sua vida entrar em colapso de uma hora para outra, ao ser “descoberto” entre uma mentira e outra, ou entre um gesto e outro. (Hart & Richardson, 1983; Goffman, 1988)

Após essa fase de encobrimento pode surgir outra na qual o indivíduo estigmatizado percebe que ele deveria estar acima do seu encobrimento, ele se aceita e se

respeita. Essa estigmatização que está presente na vida dos homossexuais passa a ter outra dimensão e ser vivenciada de outra forma.

Segundo Goffman (1988), os estigmatizados são forçados a aceitar uma forma de conduta como se fosse um molde. Netto (1993) compilou diversos relatos de mulheres homossexuais, e em alguns deles aparece claramente o que Goffman (1988) relata como sendo um molde de conduta:

*“No momento em que o homossexual não consegue ou não deseja mais se reprimir, surge uma única saída, justamente da farsa, pois, para satisfazer seu direito básico de convívio social franco e amistoso, ele é obrigado a ter atitudes caricaturais e absurdas.”* (p.181-182)

Surge então uma *aceitação-fantasma* e uma *normalidade-fantasma* havendo uma sensação mútua de aceitação enquanto o comportamento do estigmatizado seguir aquilo que esperam dele.

A aceitação de um estigmatizado na sociedade é condicional, Silva (1985) considera que em plena época do “politicamente correto”, as pessoas dizem não ter nada contra os homossexuais, porém não os querem em suas próprias famílias, tornando a aceitação dúbia. Enquanto os tidos como normais puderem dar a sua aceitação facilmente, eles são aceito, porém ao ultrapassar essa linha exigindo mais do que lhes é oferecido inicia-se a intolerância. Diz Goffman: “Ele exige que o estigmatizado se aceite, alegre e inconscientemente, como igual aos normais enquanto, ao mesmo tempo, se retire voluntariamente daquelas situações em que os normais consideram difícil manter uma aceitação semelhante.” (p. 132).

Portanto, os homossexuais ainda são estigmatizados por boa parte da população brasileira como Camino e seus colegas (2000a) confirmam nos resultados de uma pesquisa, na qual apenas 57% dos concluintes de um curso de Psicologia na Paraíba concordam que a homossexualidade não é uma doença, distúrbio ou perversão.

Finalmente, segundo Goffman (1988) os indivíduos que convivem e se relacionam com o estigmatizado tendem a serem confundidos com o próprio estigmatizado e vistos como uma só pessoa. O estigma passa a ser de todos que o cercam, tornando os amigos, parentes e filhos dos homossexuais também estigmatizados, o que pode manter uma política familiar de segredos.

## 4.2 Os segredos

O segredo não é uma característica que esteja presente em todas as famílias homossexuais femininas, pois parte destas lidam abertamente com o fato de se ter uma mãe homossexual e estarem incluídas num grupo minoritário estigmatizado. Contudo, segundo Sanders (1994), não existe uma experiência de vida mais tiranizada pelo segredo que a de ser homossexual, e a importância de se compreender o segredo está nas consequências que ele pode trazer aos membros da família.

O conceito de segredo, seus mecanismo e consequências serão apresentados aqui com base no livro de Imber-Black de 1994, chamado "Os segredos na família e na terapia familiar", que contém textos de diferentes autores sobre diversos tipos de segredos em família. Entretanto, todos eles apontam que os segredos são sempre únicos, os contextos e conteúdos podem ser parecidos, mas todos eles têm particularidades e suas consequências podem variar conforme a família na qual ele está presente.

Existem segredos que unem as pessoas, que as fazem sentirem-se especiais, são pactos pessoais. Entretanto, existem segredos que tornam as pessoas sobrecarregadas, que as obrigam a ocultar dos outros parte daquilo que vivenciam. Este último tipo de segredo tem como mecanismo subjacente a vergonha, é ela que faz com que as pessoas escondam informações e experiência vividas e criem segredos.

Para Mason (1994), o sentimento de vergonha é experimentado quando se viola a lei social ou o código moral, pois se vive um mito de conformidade social do qual não se

deve desviar do que é considerado "normal" e "padrão". Desta forma, a vergonha impulsiona a pessoa a esconder informações, sentimentos, pensamentos e acontecimentos passados e, assim, segredos são formados.

Algumas vezes a culpa e a vergonha são confundidas, mas são diferentes pois a culpa refere-se ao comportamento enquanto a vergonha ao *self*. Sente-se culpa por algo que se fez e vergonha por algo que se é. Assim, é fácil reparar aquilo que nos causou culpa, mas difícil fazer quando o sentimento é a vergonha.

Para Imber-Black (1994), o segredo é um fenômeno sistêmico, pois ele está ligado aos relacionamentos, ele forma alianças dentro e fora da família, e pode rompê-las. Determina as pessoas que estão “por dentro”, ou seja que sabem do segredo, e as que estão “por fora”, não sabem do segredo. Os segredos também interferem no nível de intimidade e distanciamento nos relacionamentos.

A localização do segredo é um ponto importante a ser compreendido para o presente trabalho. Ele pode estar dentro do indivíduo: a pessoa pode nunca ter falado com outra sobre algo que sente, pensa ou fez. Aqui a auto-estima do indivíduo frequentemente é corroída pelo segredo, a pessoa acredita que a resposta dos outros em relação ao seu segredo será negativa, e muitas vezes já experimentou essa situação. (Imber-Black, 1994)

Outras vezes o segredo é compartilhado por díades, triângulos, etc. segregando membros da família e, algumas vezes, criando obrigações de lealdade. O segredo pode estar também localizado entre uma pessoa da família e alguém de fora, como em um caso extraconjugal.

A localização pode estar na própria família, todos os seus membros sabem, contudo as pessoas de fora dela, família extensa, vizinhos, amigos e colegas, não podem saber do que se trata. Além disso, algumas vezes toda a família conhece o segredo, mas fingem não saber, assim, cada membro da família carrega um segredo sobre o segredo.

Para Imber-Balck (1994), a presença de um segredo central em uma família distorce e modifica a comunicação entre seus membros. Os temas das conversas tornam-se limitados, pois se tem que evitar que o segredo seja revelado, e algumas vezes o segredo faz com que a família tenha como foco apenas um tema. Ela aponta que:

*“Quando os relacionamentos encontram-se atrelados a um segredo, todo o estilo de comunicação de uma família pode tornar-se marcado pelo fato de manter o segredo em áreas totalmente alheias ao segredo original. Tanto as mentiras deliberadas quanto as informações retidas podem erodir a confiança interpessoal e a confiabilidade nos relacionamentos.” (p.25)*

Os segredos mantidos por um integrante, ou por uma díade etc., muitas vezes, acarretam em sintomas, e estes sintomas podem funcionar como metáforas, ou seja, uma forma de se expressar aquilo que está incomodando, mas que não pode ser dito. Além disso, estes sintomas podem ser utilizados como uma forma de evitar falar-se sobre o segredo, assim, cria-se uma comunicação focada nos sintomas, uma forma segura de conversar sem que o segredo seja revelado.

Ainda segundo Imber-Black (1994), a manutenção de um segredo pode ter como sintoma a ansiedade e a culpa, já que é necessário um constante cuidado para que o segredo não seja revelado, cuidado para que nenhum assunto leve ao segredo. E todos estarão expostos a este clima de tensão. Aqueles que sabem do segredo, mas não deveriam saber, sentem-se, mesmo que inexplicavelmente, culpados.

Papp (1994) discorre sobre os segredos entre os pais e os filhos. Ela aponta que os pais vivem no constante dilema de compartilhar certas informações com os filhos, sobre, por exemplo, a morte. Muitas vezes, resolvem não compartilhar informações com os filhos na intenção de proteger as crianças de algo que eles considerem que causará um dor desnecessária. No entanto, a autora aponta que os pais podem até ocultar o fato, mas dificilmente conseguem disfarçar os sentimentos que este fato gera. O segredo per si já

gera ansiedade nos pais, pois é preciso evitar alguns assuntos e distorcer informações.

Para Papp:

*“Quando as crianças sentem que alguma informação está sendo retida, isto pode torná-las ansiosas e confusas, perdendo seu senso de confiança e culpando a si mesmas, com frequência. Ao buscarem um modo de explicar o inexplicável, elas criam crenças, mitos e fantasias particulares, os quais, seguidamente se manifestam através do comportamento sintomático e se tornam uma metáfora para o acobertamento no sistema. As tensões e conflitos produzidos pelos segredos permanecem insolúveis, enquanto as informações necessárias para sua resolução continuam inacessíveis.” (p77)*

Além disso, os segredos familiares afetam não apenas os sentimentos das crianças e a comunicação familiar, afetam também o comportamento e o funcionamento cognitivo, podendo gerar um baixo rendimento acadêmico.

Entretanto, Papp (1994) afirma que não é possível dizer que é melhor não se manter segredos entre os membros da família, pois a revelação de um segredo pode unir uma família, mas também pode separá-la ou prejudicá-la. É preciso levar em consideração alguns fatores como: idade das crianças, o quanto o caso afeta diretamente suas vidas, o que já sabem ou não sabem, o quanto ele já está prejudicando alguém da família ou a comunicação entre seus membros, além do impacto que a revelação causará sobre os relacionamentos entre pais/filhos, ou do impacto que seria saber por uma pessoa de fora do núcleo familiar.

Após decidir sobre contar ou não, se a opção for contar, outras questões precisam ser pensadas: quem deve revelar o segredo; em qual circunstância; de que forma fazê-lo e; como lidar com o fato revelado.

A questão do segredo na família homossexual torna-se importante, pois a literatura científica, bem como as publicações direcionadas às mães homossexuais

apontam a presença destes segredos em diversas localizações dentro e fora da família, e muitas vezes tornam-se centrais nos relacionamentos.

### **4.3 Outros aspectos relevantes**

As autoras Clunis e Green (2003) escreveram um livro direcionado às mães homossexuais com base em suas experiências próprias, de seus amigos e clientes somadas à pesquisas e livros sobre o assunto. Nele estão os desafios e assuntos específicos da mãe homossexual, bem como informações sobre o desenvolvimento das crianças, o dia a dia de uma família e os princípios e práticas para se criar uma criança. Os apontamentos sobre as famílias homossexuais aqui apresentados são os sugeridos pelas autoras.

De início, elas apontam as diferenças entre as famílias lésbicas e as demais. Uma destas diferenças está no fato que muitas famílias lésbicas não são baseadas em laços sanguíneos ou legais, elas tem um arranjo de relações complexas com filhos adotivos, de inseminação artificial, de relacionamentos anteriores e uniões entre parceiros que não são reconhecidas legalmente.

Se por um lado, as famílias lésbicas obrigam a rever o conceito e o modelo de família, as autoras enfatizam que não ter padrões tem seu lado bom, as relações são mais flexíveis, os pais têm maiores oportunidade de compartilhar as responsabilidades, as crianças não terão o velho modelo de mãe cuidadora e pai provedor, sendo todos responsáveis pelo bem-estar físico e emocional das crianças.

O primeiro tópico apresentado pelas autoras como sendo uma característica da família lésbica é a possibilidade de se escolher como ter um filho. As alternativas são adoção, inseminação artificial sua ou de sua parceira, com doador anônimo ou conhecido.

Estas também são alternativas para outras famílias, porém quando se têm duas mulheres para constituírem uma família as alternativas tornam-se necessidades.

Anterior a escolha de como ser mãe vem a escolha de ser mãe ou não. Ao contrário do que ocorre nas famílias heterossexuais nas quais a gravidez parece ser o caminho natural, a mulher homossexual tem que se questionar sobre essa escolha, que muda a vida de qualquer pessoa e da qual não se pode voltar atrás. Ela tem que refletir sobre os mesmos questionamentos das mães heterossexuais como: “eu tenho dinheiro suficiente para cuidar de uma criança?” ou “será que o meu trabalho será afetado por isso?” e somar a essas outras reflexões relacionadas a homossexualidade.

As autoras listam alguns questionamentos que devem ser considerados antes de uma mãe lésbica decidir ter ou não um filho, entre eles: de que forma uma criança vai mudar o relacionamento com a parceira; com uma criança se perderá o controle de quem sabe sobre a homossexualidade; como é o apoio que terá da família e da comunidade; a homofobia tem um novo significado quando ela é dirigida ao filho; se é necessária a participação de um homem na vida do filho; ter uma criança faz com que aumente as situações de ter que se assumir homossexual para os outros etc.

No entanto, essa realidade norte-americana de escolha parece distante da brasileira, na qual muitas mães homossexuais tiveram seus filhos em relacionamentos heterossexuais. A decisão por ser uma mãe homossexual é recente e pouco discutida no país. No entanto, as autoras também discorrem sobre as famílias lésbicas cujos filhos são advindos de relacionamentos heterossexuais. Elas afirmam que ainda se é muito difícil revelar-se homossexual, e quando se é mãe, a situação torna-se mais complicada. Tem-se medo de perder a guarda, o emprego, a segurança, o amor das crianças, tem-se que protegê-las do preconceito; e, também, educar a si mesmo, os outros pais, médicos e professores sobre as famílias homossexuais, seus direitos morais e legais. Além disso,

esta é uma decisão que irá afetar não só a mulher, mas também a vida do filho.

As autoras afirmam que o ideal é contar aos filhos, mesmo que estes medos tenham a possibilidade de se tornar realidade, e que quanto antes melhor, podendo dar explicações apropriadas para cada etapa etária da criança e evitando um anúncio formal quando esta já está grande, ou que a criança descubra por si só, sintase enganada e desprotegida.

Os riscos devem ser analisados realisticamente e contrapostos com as dificuldades de se manter um segredo para com os filhos. Manter o fato de ser lésbica em segredo interfere no relacionamento e na intimidade da família, faz com que a mãe tenha que passar as horas com sua parceira escondida dos filhos, tenha que fingir e a relação familiar seja construída em cima de mentiras, ocultações e esquivas. Não contar aos filhos dificulta a comunicação entre os familiares já que eles percebem que sua família é diferente das outras, mas sentem que não podem perguntar nada, que o assunto é proibido e que ser homossexual é algo ruim, que precisa ser escondido dos outros. Isso faz com que as crianças parem de compartilhar seus sentimentos e pensamentos. Outro ponto negativo em não contar é que quanto mais a criança cresce mais difícil fica esconder a homossexualidade e, assim, ela pode descobrir por outras pessoas de uma forma bastante deturpada, que a choque, a aborreça ou a assuste.

Uma vez tomada a decisão de contar aos filhos, as autoras recomendam que a mãe tome alguns cuidados:

- Particularmente para criança mais novas é preciso incluir na conversa uma reafirmação que a relação com a criança não vai mudar só porque se é lésbica, que ela ainda é a mesma pessoa e que o filho continuará sendo amado e estimado pela mãe;
- Uma preparação anterior sobre as possíveis perguntas das crianças, como:

quem mais sabe?; porque você não gosta de homens?; porque as pessoas não gostam de lésbicas?; o que devo dizer aos outros? etc.;

- Com crianças mais velhas e adolescentes deve-se estar preparada para a resistência em se falar no assunto, elas precisam de tempo para assimilar e podem não perguntar nada. É preciso investigar de tempo em tempo se eles gostariam de conversar. Os adolescentes preocupam-se muito em como isso irá afetá-los e, portanto é importante assegurar, entre outras coisas, que ser filho de mãe lésbica não significa que ele é ou será homossexual;
- Ficar calma e saber que muitas vezes a aceitação leva tempo;
- Continuar conversando com as crianças, pois novos questionamentos e situações acontecem, como professores pedindo para desenhar sua família, e elas precisam ter com quem conversar e;
- Prestar atenção no tom, na linguagem corporal e nas palavras que usa. Utilizar uma linguagem apropriada para a idade da criança, não a sobrecarregando de informações que ela não possa assimilar, estando aberta para as perguntas e conversas posteriores.

No entanto, as mães não têm apenas que aprender a lidar com as revelações, mas também ajudar seus filhos a lidar com isso. A partir do momento em que ficam sabendo, elas também tem que lidar com a informação, aprender a decidir a quem contar, como contar e quando contar. Algumas crianças relatam que têm dificuldades, pois estas escolhas estão ligadas à mentira, ao segredo e a própria dificuldade de se compreender a sexualidade da mãe. Essas informações corroboram com o que foi encontrado por Lewis (1980) e descrito anteriormente.

Para as autoras, a forma como a criança vai lidar com o fato, vai depender de diferentes fatores. O primeiro deles, e o mais influente, é a forma como a própria mãe

lida com o assunto: se uma mãe é mais fechada seu filho terá que guardar segredo. Quanto mais confortável a mãe se sentir em relação à própria sexualidade, mais confortável o filho se sentirá, já que as atitudes e auto-estima materna refletem-se na criança. Os demais fatores são: onde se vive, a comunidade que o cerca, o suporte dos outros membros da família, recursos locais disponíveis para a criança, a personalidade dos mesmos e história passada da família e do relacionamento entre eles.

As mães não são responsáveis pela angústia causada pela intolerância e homofobia para com seus filhos, mas são responsáveis por protegê-los, interferir por eles, prepará-los e prover recursos para que possam lidar com as situações que a mãe pode antecipar e eles não.

Ainda sobre as responsabilidades da mãe, as autoras apontam que não há uma necessidade de um pai como modelo de papel masculino, já que outros familiares, bem como membros da comunidade podem servir como modelo. Para elas, o contato com professores, treinadores, conselheiros, tios, policiais, amigos etc. já satisfazem a necessidade de se ter um modelo masculino, mas que, mesmo assim, muitas mães tomam a decisão de maximizar, sempre que possível, as oportunidades de se ter homens na vida das crianças.

Outra questão importante é a relação entre as crianças e parceira da mãe ou mãe não-biológica. De forma similar ao que acontece com as família recasadas, o nome dado e o papel do parceiro(a) não têm uma definição, a parceira da mãe pode ser chamada de: tia, minha outra mãe, amiga da minha mãe, companheira da minha mãe, seu primeiro nome ou apenas mãe. O nome dado à parceira descreve o que ela é na família e o seu papel nela, mas não é apenas a criança que escolhe este nome, a companheira da mãe também tem um papel atuante nessa escolha. É através do que ela realmente faz na família que se define o que essa mulher é o qual o seu lugar na mesma. As circunstâncias

de como esta família foi construída também influem na relação entre a companheira da mãe e os filhos.

Nas famílias que desde o início foram homossexuais, pode-se intuir que não exista diferença entre a mãe biológica e a não-biológica, pois é o amor que faz a família. Entretanto, as autoras apontam que existe sim diferença, já que a mãe biológica é aquela que gera o filho. Para balancear essa situação alguns casais tentam dividir igualmente o cuidado com a criança, para que as mães sejam reconhecidas igualmente, mas, para as autoras, não é preciso que a divisão seja meio a meio para que isso aconteça.

Já nas famílias que têm filhos advindos de outros relacionamentos, a criança tem previamente dois pais e a nova pessoa que irá integrar a família pode nunca se tornar uma mãe. A idade da criança influi muito, pois esta variável está relacionada com o quanto a criança vai permitir que a companheira da mãe exerça o papel de mãe. As crianças mais novas tendem a aceitar mais facilmente um novo adulto, bem como os meninos adolescentes também aceitam melhor que as meninas adolescentes. No entanto, não são apenas os filhos que decidem, as autoras sugerem que cada integrante da família esclareça, para si e para os demais, o que quer, o quanto quer se envolver nas atividades familiares e o que espera de cada um.

As autoras apontam que a companheira da mãe tem que ter muita paciência, pois para uma família “re-casada” se estabilizar é necessário, em média, 5 anos. Elas dão algumas dicas para as companheiras que estão entrando em uma família, dicas que servem para qualquer família re-casada heterossexual: não exercer o papel de mãe logo de início; construir uma relação afetuosa e amigável com a criança; priorizar o fortalecimento da relação de casal; não criticar a forma como a mãe cria seu filho; não disputar a atenção da mãe com a criança; ter expectativas realistas e; saber que irá demorar muito tempo para que as crianças vejam a companheira como parte da família.

Um dos pontos que as autoras consideram importante na vida de uma família homossexual – e de qualquer família - é a criação de rituais de celebração, isto é, tradições especiais que enriquecem a família e fortalecem a unificação e a percepção das pessoas como pertencentes a uma família. Estes rituais podem ser diários como contar uma estória para as crianças dormirem, jantarem todos juntos, ou então rituais mais esporádicos, como cozinhareem juntos, cada fim de semana uma pessoa da família escolhe o que todos farão, todo início de primavera plantar uma árvore etc.

Além da parte que se discute sobre a vida da mãe homossexual e o relacionamento com seu filho, as autoras adicionaram uma segunda parte ao livro, na qual o desenvolvimento da criança é discutido. Assuntos como: pré-natal, avanços cognitivos, disciplina, habilidades físicas, escola, educação sexual, adolescência etc. são tratados nessa segunda parte dedicada a assuntos que não estão relacionados apenas a família homossexual em especial, mas a qualquer família.

Assim, tem-se que a vida de uma família homossexual tem muito em comum com qualquer outra família. Cuidar das crianças, protegê-las, educá-las, estabelecer uma comunicação efetiva entre os integrantes, deixá-las partir são apenas alguns pontos em que estas famílias assemelham-se. Entretanto, a família homossexual passa por momentos diferenciados como o momento da revelação, o relacionamento com a companheira da mãe, o preconceito, os segredos e também o lado bom de se ser e ter uma mãe homossexual.

#### **4.4 O divórcio**

O divórcio não é um fator que esteja presente em todas as famílias lésbicas, e talvez por isso Clunis e Green (2003) fazem poucos comentários sobre esse tema. Entretanto, as mulheres que fizeram parte da presente pesquisa foram casadas e passaram pelo processo de separação e divórcio. Desta forma, torna-se necessário uma

breve relato do que seja esse processo.

Segundo Hetherington e Kelly (2003), o divórcio não é um evento isolado, mas sim um processo de transição complexo e lento, parte de uma série de transições interconectadas, que irá influenciar nos relacionamentos futuros dos cônjuges e na vida das crianças.

A separação conjugal pode ser compreendida como um processo de crise, no qual toda a família passará por um momento de desorganização após o divórcio, mas que com o tempo encontrarão uma nova organização. O fim do casamento, sempre, ou quase sempre, traz dor de cabeça, medos, confusão e questões que trazem ansiedade para aqueles que estão envolvidos, pois agora o futuro parece mais incerto, com muitas mudanças e desafios (Hetherington e Kelly, 2003).

Ainda segundo Hetherington e Kelly (2003), todo esse processo tem duração média de quatro anos, até que a família conquiste um ponto de equilíbrio, o que pode nunca acontecer. Durante esse tempo, os cônjuges têm que elaborar diversos lutos, pelo fim de muitas experiências, memórias, esperanças e sonhos compartilhados.

Como o casamento foi vivido irá influenciar em como será o divórcio e como será a vida pós-divórcio. O papel que cada um tinha no casamento e os hábitos desenvolvidos afetam as habilidades para se ajustar ao pós-divórcio. Mas de forma geral, as mulheres se recuperam melhor emocionalmente após o divórcio, pois sabem, melhor do que os homens, procurar ajuda, construir uma nova rede social e de trabalho, e arrumar formas de lidar com a dor. Entretanto, a disparidade econômica continua, os homens tem um declínio econômico de cerca de 10% , as mulheres de 30%, dados sobre divórcio nos Estados Unidos. O quadro vem se modificando, entretanto, muitas mulheres ainda enfrentam esse declínio (Hetherington e Kelly, 2003).

Já para os filhos, em curto prazo, o divórcio é bem doloroso, e pode ter efeitos negativos neles. No entanto, a longo prazo, os efeitos tendem a desaparecer, e os adultos, que viveram um divórcio dos pais quando criança, são muito semelhantes aos que não viveram um divórcio

Segundo Hetherington e Kelly (2003), a ausência do pai e o empobrecimento não são os dois maiores riscos para as crianças. O pai tem um papel importante na vida dos filhos, ele contribui para a vitalidade social, financeira e emocional das crianças, mas a sua ausência não determina que a criança vá se tornar desadaptada. Uma mãe razoavelmente ajustada é o suficiente para se suprir os efeitos adversos da ausência paterna.

Os momentos seguidos do divórcio são sentidos como dolorosos e amedrontadores para quase todos aqueles que o vivem. Foram gastos esforços, sonhos e tempo por parte dos cônjuges, e agora eles têm que seguir em frente, enfrentar as mudanças e construir novos relacionamentos. Mas apesar de todas essas semelhanças no processo do divórcio, Hetherington e Kelly (2003) apontam que cada caso é único, com suas próprias especificidades e detalhes.

## Capítulo 5

### Método

#### 5.1 O problema

As mães homossexuais formam um grupo oculto, de pouca visibilidade na vida cotidiana, e que está imerso em estigmas e preconceitos, do qual muito se fala, mas pouco se sabe. A presente pesquisa foi construída com o objetivo de compreender como as famílias chefiadas por mães lésbicas vivem, ouvir essas mulheres. Conhecer suas angústias e desafios, sua visão sobre o relacionamento com seus filhos, e identificar como a orientação sexual da mãe está alocada nos relacionamentos familiares.

Assim pretende-se desmistificar esse arranjo familiar, que é o tema de muitas discussões infundadas baseadas apenas em pré-conceitos. Conhecer essas mães e divulgar a forma como elas vivem, já é, por si só, uma forma de combater o preconceito e o estigma que acompanha os homossexuais por séculos. No mais, a pesquisa também fornecerá informações sobre suas necessidades e dificuldades contribuindo para a construção de formas de intervenções para supri-las.

#### 5.2 Objetivos

Ampliar a compreensão sobre a família chefiada por uma mulher pertencente a um grupo estigmatizado, investigando a experiência familiar e de cuidado dos filhos entre mulheres que mantinham famílias homossexuais, mas com filhos provenientes de conjugalidades heterossexuais anteriores.

### 5.3 O estudo de caso

Esta é uma pesquisa qualitativa que se desenvolveu por meio de estudos de caso. O estudo de caso permite vislumbrar o fenômeno através do quadro de referências do próprio sujeito e alcançar o que cada indivíduo tem de único, como lidou com os acontecimentos de sua vida, como forjou seus relacionamentos e como seus relacionamentos o forjaram.

Além disso, o estudo de caso também visa alcançar aquilo que é comum e ordinário, numa tentativa de se abranger o caso em sua totalidade. Segundo Stake (1994) não se pode compreender um caso em toda a sua complexidade e cabe ao pesquisador decidir até onde é necessário ir, sem esquecer que um fenômeno nunca está isolado, ele está inserido em um contexto, e o ser humano é influenciado pelas coisas e acontecimentos que o cercam.

Stake (1994) também aponta que a pesquisa que utiliza o estudo de caso não tem como finalidade fazer generalizações e sim dar um pequeno passo para se compreender um fenômeno, um pequeno passo para as grandes generalizações. A presente pesquisa tem um caráter exploratório e abrangente, já que muito pouco se sabe sobre o triângulo de relacionamentos companheira-mulher-filhos. Tem-se como intenção dar um vislumbre sobre como são estes relacionamentos, ou melhor, como são estes relacionamentos na perspectiva das mulheres-mães.

Esta é uma abordagem metodológica que permite a compreensão da experiência e, ao mesmo tempo, ressalta individualidades. Seria um meio privilegiado de dar visibilidade às especificidades da vida da mãe homossexual.

#### 5.4 Participantes

Trata-se de um grupo de conveniência. Uma pessoa atuante no mundo homossexual forneceu o telefone de três mulheres, uma delas concedeu a entrevista piloto, as demais, que completam o grupo, foram indicadas por essas mães iniciais.

A pesquisa foi realizada com a participação de quatro mães que viveram um relacionamento conjugal com outra mulher. Privilegiou-se as mulheres com mais de 40 anos (elas têm de 40 a 48 anos) pois esta é uma idade em que já se acumulou experiência de vida, e ao mesmo tempo pode-se olhar para trás, refletir sobre os acontecimentos, e ainda estar vivenciando um intenso relacionamento com seus filhos.

Os filhos são advindos de casamentos heterossexuais anteriores e são pelo menos adolescentes, pois assim a mãe poderia relatar como viveu cada fase do desenvolvimento de seus filhos até então. Além disso, os filhos teriam que ter vivido no mínimo dez anos com alguma companheira da mãe. Não era necessário que a mãe e os filhos estivessem vivendo atualmente com a companheira.

O nível sócio-econômico e educacional das mães não foi um critério de exclusão, assim, o nível sócio-econômico-educacional não é o mesmo para todas as mães, o nível educacional vai do ensino médio ao superior completo. As profissões não serão explicitadas para garantir maior sigilo às mães.

Todas as mães são moradoras da cidade de São Paulo, apesar de nem todas serem naturais dela.

Na próxima página está uma tabela com algumas características de cada mães e de seus filhos.

	Idade	Idade no casamento hetero	Quanto tempo de casamento hetero	Filhos	Idade atual dos filhos	Idade dos filhos qdo a companheira foi morar com eles	Idade dos filhos na revelação	Nº de comp após casamento	Relacionamento homo mais duradouro	Com quem vive hoje
<b>Raquel</b>	42	27	2	♀	15	2	9	1	13 anos	Comp + filha
<b>Daniela</b>	40	19	3	♀	20	2	14	3	10 anos	Comp + filha
<b>Sabrina</b>	47	17 e ?	2,8 e 6	♀ ♂	23 e 26	5 e 13	7 e ?	3	13 anos	2 filhos + neta
<b>Janáina</b>	48	24	11	♀ ♀	16 e 20	4 e 8	4 e 8	1	13 anos	Comp + 2 filhas

## 5.5 Procedimento

O primeiro contato com as participantes foi feito por telefone, sendo explicado como elas tinham sido encontradas, e quem era a pessoa que estava conduzindo a pesquisa. O tema da investigação foi explicitado, bem como seu objetivo. Então era perguntado se a pessoa estava disposta a ceder uma entrevista. Em caso de acordo, o encontro era agendado no local mais cômodo para a participante. Todos encontros foram realizados na casa das próprias mães, por opção das mesmas.

No início desses encontros, foi explicado novamente o tema e o objetivo da pesquisa, as entrevistadas liam o Esclarecimento acerca da pesquisa, e assinavam o Termo de consentimento livre e esclarecido, que está em Anexo. Além disso, foi incentivado que se as participantes tivessem alguma dúvida, que a compartilhassem.

A primeira parte do procedimento foi realizado por meio de entrevistas abertas, que tiveram durações de uma hora e meia a três horas. Na segunda parte do procedimento foi pedido para que a mãe desenhasse uma linha e marcasse os pontos mais importantes de seu relacionamento com seus filhos, e depois contasse um pouco sobre eles, e como ela se sentiu e o que pensou nesses momentos. Esta segunda parte teve duração de uma hora a duas horas. Tópicos mais específicos e relevantes encontrados na literatura que não apareceram foram incluídos pela entrevistadora.

A entrevista inicial foi baseada na entrevista piloto realizada anteriormente. Esta entrevista foi discutida com a orientadora e também no Exame de Qualificação e chegou-se a conclusão que a entrevista aberta seria a melhor forma de se alcançar o objetivo proposto. Além disso, evita-se que vieses ideológicos da entrevistadora interfiram nas entrevistas, e permite-se um maior conforto para as mulheres falarem de um assunto carregado de preconceito.

Duas mães optaram por fazer as duas partes no mesmo dia e outras duas, por fazer em dias separados. Ficou acertado um segundo encontro com uma das mães (Sabrina), mas ela nunca mais pôde ser encontrada, tendo sido feito mais de dez contatos telefônicos com seus filhos e portanto, ela não realizou a segunda parte da coleta.

## **5.6 Análise dos resultados**

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Por motivos éticos, as transcrições completas das entrevistas não estão presentes nesse texto. Essa decisão foi tomada, pois o relato, por mais que fossem disfarçados nomes e lugares, tornam as participantes facilmente reconhecíveis, uma vez que fazem parte de um grupo bastante fechado e pequeno.

Após a transcrição, as entrevistas foram lidas repetidas vezes, criando-se um resumo do relato de cada mulher. A forma como se organiza os estudos de caso é diversificada e, dentro de cada caso, optou-se por quatro grandes eixos temáticos, que se repetiram em todas as entrevistas: o casamento heterossexual e a separação; a relação com a família de origem, a companheira na família e a relação com os filhos. Nesta primeira apresentação dos resultados o objetivo é ressaltar as especificidades de cada caso.

Após uma nova leitura crítica dos casos, foram construídas algumas categorias referentes as comunalidades, ou seja, o que o relato das mães tinha de semelhante entre si. Esta segunda parte dos resultados, foi intitulada de “Discussão”.

## **5.7 Cuidados éticos**

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-SP. Todas as normas da resolução 196/96 do Ministério da Saúde, relativas a pesquisa que envolve sujeitos humanos, discriminadas a seguir, foram cuidadosamente discutidas e seguidas:

1. Consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (**autonomia**) - Na pesquisa aqui proposta, foi utilizado o Consentimento Livre e Esclarecido em Anexo, no qual explica-se o objetivo da pesquisa e explicita de que forma a participação do sujeito será utilizada. Ainda contém a garantia que a participação do sujeito pode ser encerrada a qualquer momento. Por se tratar de sujeitos pertencentes a um grupo minoritário, muitas vezes estigmatizado, foi dada ênfase ao sigilo faz informações. Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi explicado verbalmente às participantes o objetivo da pesquisa e reafirmado os termos de sigilo, esclarecidas as dúvidas e incentivadas as perguntas sobre sua participação;
2. Ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (**beneficência**), e garantia de que danos previsíveis serão evitados (**não maleficência**) comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos – A pesquisa não envolve riscos físicos, e foram tomados todos os cuidados para que as participantes não corressem risco. Entretanto, como em toda pesquisa que ocorrem entrevistas abertas, os conteúdos emocionais evocados não são totalmente controlados pelo pesquisador, desta forma, o contato com o pesquisador presente no Termo de Esclarecimento da Pesquisa, foi a forma de garantir um cuidado posterior aos participantes. Os benefícios não são diretos, sendo a contribuição para a compreensão do fenômeno o principal benefício;
3. Relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (**justiça e equidade**) – A pesquisa foi feita com

entrevistas com mães homossexuais, um grupo minoritário e estigmatizado, e a compreensão do relacionamento dessas mães com seus filhos, bem como a divulgação desse conhecimento visa esclarecer e confrontar a visão das mães homossexuais com aquilo que é dito e pensado sobre elas. A pesquisa ainda poderá servir de base para, no futuro, se pensar formas de intervenções com esse grupo.

## Capítulo 6

### Resultados

Como foi relatado no método, optou-se por inicialmente apresentar os casos separadamente e da forma mais próxima ao relato das próprias, enfatizando aquilo que a própria participante aponta como importante em sua estória, e ressaltando o que cada caso traz de específico e de único. Desta forma, segundo Stake (1994), espera-se que cada leitor possa ter a sua própria visão de cada mãe, sem nunca esquecer que por mais que se tente ser neutro, a estória contada aqui já é a forma como o pesquisador a percebeu, já contém sua subjetividade.

Para tal, optou-se por uma descrição com diversas inserções de trechos das falas das mães, que exemplificam aquilo que se pretende enfatizar. Essas inserções estão em itálico e as perguntas feitas às mães estão em negrito.

Foram designadas letras para cada família, e criado nomes fictícios com essas letras. Para facilitar a memorização dos nomes, as mães têm seu nome iniciado com a letra de sua família, mais a vogal “a”; os filhos, a vogal “e”; e as companheiras a vogal “o”.

Antes de cada caso, também foi colocada uma tabela que fornece alguns dados sobre a mãe, os filhos e os relacionamentos.

## Família R

A família R é composta por: Raquel (mãe); Renata (filha) e Roberta (companheira).

Idade atual	42 anos
Idade no casamento heterossexual	27 anos
Quanto tempo de casamento heterossexual	2 anos
Filhos	♀
Idade atual dos filhos	15 anos
Idade dos filhos quando a companheira foi morar com eles	2 anos
Idade dos filhos na revelação	9 anos
Número de companheiras após o casamento	1
Relacionamento homossexual mais duradouro	13 anos
Com quem vive hoje	Comp + filha

A impressão que Raquel me passou é de ser uma mãe que zela muito por sua filha, que acompanha seu crescimento de perto. Demonstrou ser alguém muito tranqüila, que não deixa pequenos problemas desfazerem o que lutou para conquistar. Seu relato é bastante racional, sabe-se muito sobre o que ela pensa e deseja para sua vida, mas pouco sobre o que sente e o que a motiva.

### 1 – O casamento heterossexual e a separação

Raquel conta em seu depoimento que já tinha sido “*entendida*” antes de seu casamento, ou seja, teve alguns casos homossexuais, e também alguns relacionamentos heterossexuais. Entretanto optou por casar-se e constituir uma família, ou seja, apesar de ela se interessar tanto por homens como por mulheres, acabou por seguir o modelo tradicional de vida que todos esperam que se siga.

O casamento aconteceu quando Raquel tinha 27 anos. Ela conta que namorou o pai de Renata durante nove meses e que desejava casar e ter um filho com ele. O casamento já estava marcado quando descobriu estar grávida. Diz que soube o exato

momento em que engravidou:

*“...uma estrela cadente passou, aí eu fiz um pedido pra casar com meu marido, e aquela estrela cadente, naquele momento, eu sei que ali eu engravidei dela, não sei se é sexto sentido feminino, se é uma coisa da gente, mas eu tenho certeza absoluta que ela foi gerada naquele instante.”*

Apesar de desejar casar e ter um filho com o noivo, quando soube que estava grávida a sensação não foi de felicidade, pois no curto período de tempo decorrido o relacionamento já havia mudado:

*“Olha, quando eu fiquei sabendo que eu tava grávida, a sensação foi péssima, eu e a minha filha tudo bem, mas eu e o meu marido tava uma porcaria...”*

E foi esse o sentimento dominante durante a gestação. Muitas brigas com o marido, que a fizeram sentir-se sozinha e angustiada. Mas de alguma forma, dentro deste ambiente de conflitos, o relacionamento com a filha foi se estabelecendo, tendo início quando ela ainda estava dentro de sua barriga:

*“...eu gostava muito de Caetano Veloso, então eu botava muito som na barriga, pra ficar ouvindo com ela, mas a angústia que eu sentia longe dele, porque ele me traia, fazia um monte de coisa errada, então eu sofri muito...”*

Raquel relata que o nascimento da filha foi um momento de muita felicidade, pois ela estava acompanhada dos pais, recebendo apoio deles, em um bom hospital. Este é um momento que ela considera apenas dela e da filha, o marido não é incluído.

Na fala de Raquel fica muito claro que seu vínculo com o pai de Renata era bastante fraco, o nascimento de um filho que seria o momento de união e realização do casal, apenas reforçou o relacionamento que a Raquel tinha com seus pais e com a criança. Parece não haver um vínculo que una o casal, e as transições de namorados para

cônjuges e de cônjuges para pais aconteceram rapidamente e se sobrepõem. O que, segundo McGoldrick (1995), é considerado fator de risco para a qualidade do relacionamento, o que se evidenciará logo a seguir.

Quando chegou em casa com seu bebê, ela diz que “...*ai foi só alegria, muita alegria, chorava de madrugada eu achava lindo...*”. Apesar de toda a felicidade que o relacionamento com a filha lhe proporcionava, os dois anos seguintes em que permaneceu casada são descritos como muito turbulentos, com brigas e agressões por parte do marido. Além disso, ela relata que não recebia ajuda dele nos cuidados com a criança:

*“...porque eu cuidava sozinha dela, eu que ia no hospital cuidar, eu que levava quando tinha febre de madrugada, eu fazia tudo sozinha, ele sumia, daí ele chegava em casa de madrugada, não sabia o que tava acontecendo, eu chegava com a menina do hospital, eu não tinha companhia...”*

Raquel assumiu o papel de mãe de forma intensa, desde o começo privilegiou sua ligação com a criança em detrimento de seu relacionamento com o marido, pois esse resumia-se aos conflitos. Já o pai parece nunca ter desenvolvido ou tido a oportunidade para desenvolver um vínculo com sua filha: não cuidava da criança, não assumiu papel de cuidador. O que se pode concluir é que se tratava de uma família que não possui uma co-parentalidade, o terceiro elemento, que no caso é o pai, é ausente na vida tanto da mãe como da filha.

Para McGoldrick (1995) o pai muitas vezes não teve experiências com bebês e crianças, e eles precisam aprender a ter intimidade com seu filho, numa tarefa que requer um tempo sozinho com ele. E é essa intimidade que vai criar e fortalecer a ligação entre o pai e a criança. As dificuldades conjugais, no entanto, tendem a ser um grande perturbador para esta intimidade, e o que se percebe é que não houve desenvolvimento

de um relacionamento pai-filha.

O final do relacionamento com seu marido ocorreu por causa dos conflitos que eles tinham, e que estavam prejudicando não apenas a ela, mas também a sua filha.

Segundo Raquel:

*“...aí ele me agrediu, me deu um tapa, (...) a minha filha tava dormindo no berço, era bebê ainda, eu acho assim, os olhos podem estar vendados, mas o ouvido não, então eu acho que isso, de alguma maneira entrou dentro dela, essa discussão, essa discussão ela ouviu né?”*

Desta forma, Raquel decide separar-se do marido, pois a agressão fez com que ela sentisse que nunca mais poderia confiar nele. Em seu discurso, refere-se diversas vezes a esta fase em que viveu com o marido, como muito dolorosa e triste, acrescentando que não quer que sua filha dependa de homem algum e nem vivencie uma experiência como ela própria viveu.

Hetherinton e Kelly (2003) apontam que o divórcio é uma tragédia única, pois significa o fim de muitas experiências, memórias, esperanças e sonhos compartilhados com o cônjuge. Entretanto, apesar de Raquel relatar essa separação como sofrida, não há muitas semelhanças entre a descrição dela e a de Hetherington e Kelly. As autoras apontam que o divórcio é um processo que tem a curto prazo consequências dolorosas e retomar as rédeas da vida é algo que se faz lentamente. No entanto, a mãe separa-se do marido e em menos de um mês está morando com uma mulher.

O fraco vínculo estabelecido entre este homem, sua esposa e filha talvez explique a forma como o divórcio desenrolou-se. O rompimento foi total, ele sumiu da vida de Raquel e Renata, não pagou e nem paga pensão e embora a Raquel não descreva como essa situação ocorreu, ela abriu mão dos direitos de sua filha, de modo a não manter qualquer contato com o ex-cônjuge. Assim sendo, conta que este foi um momento muito difícil de sua vida, já que encontrava-se só, tendo de sustentar e cuidar de uma criança de

dois anos. O apoio que não recebeu do ex-marido foi encontrado na casa de seus pais que ficavam com a criança para que a Raquel pudesse trabalhar.

O relacionamento atual da filha com o pai é inexistente, tendo chegado ao ponto da filha, aos oito anos de idade, perguntar se o pai dela havia morrido. A mãe relata que este foi um dos motivos de ter levado a filha para fazer terapia, pois achava que ela sentia a ausência paterna. A figura masculina mais próxima de Renata é o avô, que chega a frequentar as reuniões de pais e mestres.

## **2 – Relação com a família de origem**

Raquel sempre teve um bom relacionamento com os pais, tendo uma boa infância e adolescência sem fatos marcantes, e essa proximidade com os pais nunca deixou de existir. Os pais de Raquel são muito próximos da família R, foi para eles que ela se voltou quando Renata estava para nascer, são eles que a acompanharam ao hospital e foi na casa deles que ela deixava a criança quando saía pra trabalhar.

Este relacionamento afetuoso não mudou quando a companheira foi morar com a família R. No entanto, Raquel enfatiza que jamais discutiu com seus pais sobre seu relacionamento conjugal homossexual. E ela diz o porque:

*“Não, não precisei contar, porque eu achei que se eles quisessem saber, eles perguntariam. E se eles quiserem saber, me perguntarem, eu vou responde. Mas, meu pai e minha mãe já tem 76 anos, então o que acontece, eles nunca perguntara. Eu vivo a treze anos com a Roberta já sabiam antes de mim, então pra que que vão ficar, sabe? É, é, violentando eles, eu acho que a gente tem que conhecer a medida de cada um...”*

Entretanto, ela diz que os pais sabem, que não tem como não saber sendo que ela vive a treze anos com a companheira, e vai a todos os lugares com ela, todas as viagens e festas. Raquel aponta que não é necessário que se coloque em palavras o que todos vêm em atitudes e no cotidiano de suas vidas. Ela acrescenta que sempre teve a aceitação e

respeito dos pais.

Desta forma, Raquel considera que não há um segredo entre elas – Raquel, Renata e Roberta - e seus pais, e sim um não-dito. Nunca precisou esconder nada deles, não evitou situações como festas e encontros, pelo contrário, todos sempre estiveram juntos, e que por esse motivo seus pais devem saber que a Roberta é sua companheira, mesmo que nada tenha sido dito ou perguntado.

Entretanto, em seu discurso ela diz que contar aos pais que Roberta é sua companheira seria violentá-los, em um movimento ambíguo que aparece sempre em sua fala. Se eles já sabem e aceitam, porque seria uma violência contar para eles e trazer o assunto à tona? Desta forma, não fica claro se realmente são os pais de Raquel que não querem ouvir da filha que ela é homossexual, ou se é Raquel que teme contar aos pais.

De qualquer forma, sua a fala indica uma dificuldade de assumir-se plenamente como homossexual para seus pais e demais familiares, e apesar da Raquel dizer que elas são plenamente aceitas pelos pais, o assunto não pode ser abordado, tem que permanecer oculto, como se a sua revelação pudesse modificar essa aceitação conquistada. Ela sente que pode viver com uma mulher, mas não pode falar sobre o assunto, indicando a ambigüidade subjacente a uma política de segredos e auto-exclusão.

### **3 – A companheira na família**

Logo após separar-se do marido, Raquel foi consolar-se com uma amiga, e acabou conhecendo sua companheira na casa dela. De início, recebeu o apoio de sua futura companheira e conselhos dizendo para voltar para o marido. Acabaram tornando-se amigas, numa amizade que durou quinze dias até que se tornou paixão. Com uma semana de namoro, resolveram morar juntas: a mãe, a companheira e a filha de dois anos.

Portanto, tem-se que entre deixar o marido e ir morar com a companheira,

transcorreu-se menos de um mês. O que mais uma vez indica que não houve um forte vínculo entre Raquel e seu ex-marido, não houve lutos por uma escolha que não deu certo, por desejos e sonhos que não se realizaram, por uma vida que foi construída junta e que agora encontrara seu fim.

Este período curto entre começar a namorar a companheira e irem morar juntas foi uma constante nas mães entrevistadas para esta pesquisa, e por esse motivo, será abordado na discussão geral.

Raquel disse ter tomado alguns cuidados quando a companheira foi morar com elas. Expôs claramente para a Roberta que ela é que teria que se adaptar a situação de ter uma criança, que algumas coisas teriam que ser restringidas e que elas só poderiam morar juntas se Roberta aceitasse as regras que a mãe impusesse. Mais uma vez Raquel privilegia o seu relacionamento com a filha em detrimento dos demais. A companheira sempre quis formar uma família e as “*coisas foram se encaixando*”. Abaixo, está a base do pensamento que fez a mãe tomar essa atitude de imposição:

*“...eu já sofri muito e eu não quero mais sofrer, eu tenho a minha filha, eu levo uma vida eu e ela e acabou. Não preciso de ninguém mais, se você quiser entrar, você é a mais, então você que se adapte, aí foi.”*

Quando foram morar juntas, a filha era muito nova e nada foi conversado com ela sobre o relacionamento conjugal que Raquel vivia com a Roberta, e isso perdurou durante os seis anos que se seguiram. As três viveram juntas, porém a companheira era tida como amiga da mãe, e para manter a invisibilidade desse relacionamento conjugal elas tinham quartos separados e cama de solteiro para a companheira. Desta forma, nota-se que a mãe teve o cuidado de ocultar seu relacionamento com a companheira diante da filha.

Apesar da Roberta ser a “*amiga*” da mãe, seu papel no cuidado da filha era

bastante grande. Segundo Raquel, foi ela que “*tirou as fraldas*” da filha. Para ela, o relacionamento entre Renata e a Roberta sempre foi muito próximo, a companheira participa das decisões sobre a educação infantil da filha, e assumiu a criança como sendo sua filha também. Além disso, apesar da Renata chamar a companheira de tia, é como se ela fosse uma mãe. Nas férias as três iam viajar para o interior e ficavam com a família da companheira, assim a filha considera os pais da Roberta como avós e o mesmo acontece com os avós que a consideram como neta deles.

A mãe descreve sua companheira como sendo uma pessoa de muitas qualidades, e que a filha percebe isso e tem por ela uma grande admiração. Segundo Raquel, a filha respeita e obedece mais a companheira do que a ela, pois ela é mais “*intempestuosa*” enquanto a companheira mantém sempre o bom senso, e muitas vezes fala para a mãe: “*Raquel, não fala assim, é adolescente, quebra o galho, deixa a menina ir...?*” ou então: “*Não, tenha calma, não é assim, veja bem, talvez dessa maneira pode ser melhor, se for por aqui pode se também uma alternativa. Mas você não precisa chegar e gritar...*”. Entretanto, Roberta não apenas palpita nas decisões da Raquel como também participa da educação da filha. Ela cobra, por exemplo, que Renata lave a louça, e segundo a Raquel, a disciplina é a parte que as duas fazem juntas.

Desta forma, a família R parece funcionar com duas figuras parentais, Raquel é a mãe, porém a Roberta também assume um papel de cuidadora. Ela exige que as tarefas sejam cumpridas, serve de modelo para Renata, e opina nas decisões da mãe em relação a filha. Além disso, o sustento da casa é feito pelas duas, ambas trabalham, e tudo o que têm foi comprado por ambas.

Segundo Clunis e Green (2003), um dos fatores que mais influenciam os filhos na aceitação da companheira como sendo um membro da família é a idade que eles tinham quando a companheira foi morar na casa deles. Renata tinha dois anos quando

Roberta foi morar com ela, e esta foi uma importante variável para que ela aceitasse que a companheira exercesse algumas funções maternas. Raquel diz:

*“Olha, a Renata só conhece isso, não conhece outra estória a não ser essa né, e, é que a Roberta, eu dei muita sorte, eu dei muita sorte, (...) é uma segunda mãe pra Renata, embora chame de tia, sabe?”*

Com esta frase a mãe define o tom de sua entrevista, a de quem “*achou a sorte grande*”, encontrou uma pessoa para amar, que a ama também, e que, principalmente, conseguiram criar juntas uma família harmoniosa para sua filha.

Como a própria Raquel afirma, a forma com a companheira é chamada pela Renata, não define o lugar dela na família. São as funções que Roberta têm, que determinam seu lugar na família, ou seja, apesar da Renata chamar a companheira de “tia” ela tem um papel de cuidadora. Desta forma, Renata beneficia-se de ter dois parentais, segundo Hetherington e Kelly (2003), a mãe após o divórcio fica sobrecarregada de tarefas, e têm seu poder econômico diminuído, o que parece não ter ocorrido no presente caso, pois Raquel logo encontrou uma companheira pra compartilhar o cuidado da criança e o sustento da casa.

Apesar de Renata ter duas figuras co-parentais, a ausência paterna continua a ser sentida pela Renata: não fez desaparecer o fato de seu pai ter sumido, e o provável sentimento de ter sido abandonada.

Desta forma, outra variável importante no caso da família R é ausência paterna, o pai não exerce nenhuma de suas funções, seja na educação ou no sustento da filha. Não há concorrência entre o pai e a companheira, Roberta não precisa negociar as funções com o ex-marido, apenas com a mãe que era a fonte de todo cuidado para com a criança. A ausência paterna, de alguma forma, favoreceu o funcionamento e a dinâmica da família, mas mesmo que não se assuma uma posição crítica no que se refere a

necessidade da figura masculina na família, no caso em discussão, o que emerge é que a criança em algum momento deve ou terá que lidar com o impacto do abandono.

Raquel refere que tanto ela como a companheira dão sempre preferência a filha, ela diz:

*“...sempre dar a ela prioridade, não ficar sempre só eu e a Roberta, preocupadas com ela, sempre preocupadas com a educação dela, levar pra escolinha, ir em reunião, fazer a lição de casa. Sabe, em sempre tá junto, sempre, não é separado, é sempre em grupo, unidas as três, se respeitando...”*

Uma das formas dela dar “*preferência*” a filha é estipular alguns limites com a companheira, é o que ela chama de “*respeito*” por Renata. Raquel fala que em sua casa há muito “*respeito*” para com a filha, e que este “*respeito*” é demonstrado entre outras formas, não permitindo que suas amigas homossexuais se beijem na casa delas, e mesmo ela diz nunca ter feito isso durante os treze anos que vive conjugalmente com Roberta. Ela conta que a criação de sua filha foi feita “*...sempre com muito respeito, ela nunca viu nós nos abraçarmos, nos beijarmos, ela nunca viu nada...*”. E com isso conseguiu o “*respeito*” da filha.

O que ela chama de “*dar preferência*” ou “*respeitar*” a filha, na verdade é o limite que estabeleceu com a companheira para a demonstração de afeto que poderia haver entre elas diante de Renata. Raquel acha que não existe lugar para a demonstração de afeto, nem mesmo um abraço, que é uma forma muito pouco sexualizada de demonstrar carinho por outra pessoa. Assim como os pais sabem mas ela não confirma, a filha sabe mas não pode presenciar.

Desta forma, Raquel mostra-se novamente ambígua em relação a sua aceitação como homossexual. Seu discurso mostra atitudes que visam deixar a sua

homossexualidade escondida dentro de seu quarto, apenas lá é apropriado para se ser homossexual.

Já quanto ao relacionamento conjugal, Raquel demonstra uma enorme admiração pela companheira, fala dela com muito amor, sempre ressaltando suas qualidades. Hetherington e Kelly (2003) apontam que o amor romântico é a cola que uni duas pessoas no início do relacionamento, mas que ela é temporária, e o casamento só se mantém se ele for construído com respeito, suporte, e interesses mútuos, e essas características são encontradas em abundância no relato de Raquel.

A união do casal é tão grande que nos faz pensar em fusão, McGoldrick (1995) aponta que a tendência da mulher é, por sua criação, definir-se por seus relacionamentos e mesmo, “perde-se” neles. Durante a entrevista, a participante parece não conseguir se distanciar de sua companheira ao falar de sua filha, são sempre as três juntas. Raquel gosta de tudo em Roberta, e as duas parecem juntas formar uma par que se funde e encontra sua completude desta forma.

A autora ainda ressalta que em casais homossexuais essa tendência a fusão é ainda maior, pois a não-aceitação do casal por sua família e pela cultura em geral os tornam mais unidos e sem espaço público para conviverem, criando uma fronteira entre sua família e o mundo heterossexual.

#### **4 – Relação com a filha**

Como foi dito anteriormente, o relacionamento entre Raquel e sua filha teve início quando ela soube que estava grávida, e pouco a pouco a mãe foi criando uma forte ligação com o bebê que ia nascer. Em um movimento que Winnicott (2001) diz ser necessário para que a mãe possa reconhecer as necessidades do filho que está por vir.

Em seu relato a primeira preocupação com sua filha era que no momento do nascimento ela fosse trocada por outro bebê. Ela diz:

*“Olha direitinho na pulseira pra ver se não vão trocar o bebê. (...) aí eu sei que tinha nascido um menino e uma menina aquela noite, mas quando ela nasceu eu vi, peguei ela no colo e vi o queixo dela, sabia que era a minha filha, errar eu não vou errar, no meio de um monte de bebê eu vou saber quem é.”*

Logo após a separação, cujo um dos motivos foi não querer criar a filha em um lar conturbado, Raquel conheceu sua companheira e em quinze dias resolveu que ela iria morar em sua casa, com sua filha. E assim, formou-se a família R.

Durante todo o seu relato, Raquel aponta diversos acontecimentos que confirmam a priorização do relacionamento com a filha em detrimento de qualquer outro. Entretanto, ao ser questionada como foi para ela tomar essa decisão, seus pensamentos e sentimentos diante da futura mudança, e quanto o ter uma filha pesava em sua decisão de morar com outra mulher, ela inicialmente responde que pensou mais em si do que em como isso afetaria sua filha:

*“Isso, eu pensei em ser feliz, eu não pensei se ela ia me aceitar ou se ela não ia me aceitar, porque eu sofri tanto, eu pensei que pior do que eu já tinha sofrido não ia ser. Então pior que ela ver um pai e uma mãe brigando dentro de casa, se estapiando, não ia ser. (...) Qualquer coisa que eu escolha, vai ser melhor; então, eu não pensei muito assim sabe, se isso iria a agredir ou não, porque eu defini que vida que eu quero ter, como eu queria...”*

No entanto, ela termina por dizer que sua escolha também foi feita pensando no que ela gostaria de oferecer a Renata. Raquel diz que não poderia ser uma boa mãe se fosse infeliz, se não sentisse prazer em fazer as coisas. O importante para ela é criar uma filha em um lar com harmonia, equilíbrio e principalmente respeito. E que de alguma forma, ela estando feliz, a filha também estaria.

Renata era muito nova quando Roberta foi morar com ela, e não lhe foi dito que aquela mulher que estava entrando em sua família era também a companheira de sua mãe. Pelo relato de Raquel, as preocupações que tinha com a filha nessa idade não

estavam relacionadas ao fato de estar morando com Roberta, mas sim com o bem estar da filha e a educação que dava a ela. Cita que uma das suas preocupações estava no fato de ter que deixar a criança na casa de seus avós, para que ela pudesse trabalhar. E esse distanciamento físico que o trabalho ocasionou no relacionamento com sua filha é visto como fonte de culpa para a Raquel. Uma culpa que é muito comum a qualquer mãe, ela conta:

*“É ruim porque eu tava trabalhando, minha mãe ligava: Renata, bateu a cabeça. Tinha que levar a menina pra dar ponto, não é legal, (...) porque é uma fase tão lindinha, também uma fase que corre tanto, que parece que tem rodinha nos pés, toda hora tá se machucando, entendeu, se batendo, batendo a cabeça. A Renata já levou tanto ponto na cabeça naquela época, que eu me sentia culpada, sabe, que meus pais também...”*

E o ter que trabalhar ela sente que deixou de aproveitar os momentos com a filha:

*“...eu acho que se a mãe puder não trabalhar, até os seus quatro, cinco anos, é melhor ficar com seu filho, só em necessidade mesmo, voa e você não vê, você chega cansada, (...) e solicitava e ficava pulando em cima de mim, e eu querendo dormir, pregada, e levantar de manhã, e troca fraldinha, daí punha pra dormir comigo, aí levantava, deixava na minha mãe, é ruim isso...”*

Apesar de seu trabalho, havia muitos momentos bons que vivia com a filha.

Relata a infância como sendo uma fase muito gostosa e tranqüila, com muitos passeios na vida das três. Conta que a filha chamava as coleguinhas pra brincar em sua casa, que tudo era motivo para festa e brincadeiras.

Durante esse período, até os oito anos da filha, diz que não sentiu a necessidade de contar-lhe que era homossexual, pois a menina não demonstrava curiosidade sobre o assunto, não perguntava e não parecia ter dúvidas sobre qual papel cada uma tinha em sua vida. O outro motivo está mais relacionado com o relacionamento que tinha com a companheira:

*“...só que a gente achou que não era a hora, a gente não tava se sentindo assim, incomodada, a gente tava tranqüila, não tinha o que falar, porque nós não estávamos, eu e a Roberta, a gente não se privava de nada, nem a Renata, a gente tava vivendo bem, então pra que falar?”*

Foi apenas quando a filha fez oito anos que Raquel começou a notar alguns comportamentos que indicavam que Renata estava tentando entender melhor o relacionamento de sua mãe com a amiga, quem eram as pessoas a sua volta, de onde vieram, qual a sua ligação com ela e porque sua família era diferente das outras. Raquel conta:

*“Ela ficava atrás da porta ouvindo, eu abria a porta e pegava ela, é, eu tava conversando aqui, ela tava ali de butuca, ela já tava sabe, espionando, hã... ela jogava umas indiretas, (..) aí a gota final foi quando foi na casa da irmã da Roberta, que ninguém sabe, quer dizer, entre aspas, né, aí o sobrinho perguntou porque que eu e a Roberta usava um anel igual no mesmo dedo. Aí a Renata falou: Só você que é bobo que não sabe, elas são casadas. Nossa... um jantar em família, ai, eu queria morrer.”*

Neste trecho de sua entrevista, Raquel deixa claro que quem ficou desconfortável com a situação foi ela, e que a filha, além de já saber, lidava mais naturalmente com o assunto do que ela. Mason (1994) aponta que o sentimento de vergonha é experimentado quando se viola a lei social ou o código moral, ou seja, quando a pessoa sente que se desviou do padrão, e a Raquel vive esse sentimento, quando Renata faz emergir algo que todos sabem, mas que não se fala a respeito. O não-dito é trazido à tona pela filha, que demonstra não só que já sabia que a mãe e a Roberta eram um casal, com também não via a necessidade de ocultar o assunto, de deixá-lo na penumbra.

Renata vivia com Roberta havia anos, e apesar dessa clara indicação por parte da filha que estava pronta para lidar com a verdade, a mãe decide não confirmar aquilo que ela já desconfiava, e talvez já tivesse como certo. Raquel aponta que não tinha certeza se a filha sabia ou não e que depois deste acontecimento resolveu colocá-la em um

psicólogo e ela mesma foi a outro. Relata que não sabia exatamente o que fazer e como contar para sua filha, então buscou uma ajuda profissional. Ela diz:

*“...mas pra ela saber foi um processo muito complicado, porque eu coloquei ela numa terapeuta, eu não sei o caminho das pedras, é a minha única filha, então o que eu fiz? Vou colocar ela na terapeuta, essa terapeuta vai me ensinar o caminho que eu devo seguir...”*

Raquel relata que esse não foi o único motivo pelo qual levou Renata ao psicólogo, essa curiosidade por entender quem era sua família estendia-se ao seu pai, ou melhor, a ausência do pai, que começou a ser sentida nesta época. Ela perguntava onde estava o pai, e se ele estava morto. A menina tinha nessa época oito anos, e começava a perceber que sua família era diferente das outras, não apenas por sua mãe ter uma companheira, mas também por ela não ter um pai. Mesmo que ele não estivesse presente na vida dela, ela começa a perceber que ele existia e que a abandonou.

A filha permaneceu no psicólogo por três anos e Raquel por apenas seis meses. Ela trabalhou com a psicóloga questões como a forma de demonstrar amor pela companheira, a qualidade do relacionamento que as três tinham, e as reações que a filha poderia ter ao se confirmarem suas suspeitas, como a rejeição. Por fim, a mãe decidiu contar o segredo quando Renata tinha nove anos. É importante ressaltar que nessa idade já estava difícil esconder o relacionamento conjugal da filha, a idade de Renata acabou por impor a mãe que confirmasse a existência do relacionamento. Desta forma, parece que a revelação veio pelo movimento da Renata em descobrir a verdade e não da vontade da Raquel em revelar o segredo.

Era dia dos namorados e a mãe fez um jantar especial, a luz de velas e colocou três pratos na mesa, foi quando a filha perguntou a razão desse jantar:

*“Ah, mas por que?  
Aí eu falei:*

- *Olha, você sabe muito bem Renata, você não é boba.*
- A Renata tem uma inteligência muito aguçada. Aí eu falei assim:*
- *Você sabe muito bem, que eu e sua tia não só somos namoradas como somos casadas, há 8 anos e vivemos muito bem, e a gente tá celebrando porque é o dia dos namorados, e você é muito bem vinda, tem três pratos na mesa, pra gente comer juntas, sentar.”*

A reação da menina, segundo Raquel foi de surpresa, mas uma surpresa apenas pela confirmação, pois ela já desconfiava e agora tinha obtido uma certeza. A conversa terminou aí, e a mãe ficou esperando que Renata perguntasse ou comentasse algo. Depois de dois dias a filha lhe perguntou:

- “- Mas mãe, você é casada mesmo?*
- Eu falei:*
- Sou filha.*
- Mas no papel?*
- Não no papel a gente não é, porque não pode.”*

Então Raquel aproveitou a conversa e reafirmou dois aspectos que ela achou importante. Primeiramente ela falou o porque ela decidiu revelar-se para a filha:

*“Olha Renata, você tem que aprender uma coisa, eu não quero te violentar, a gente nunca quis te violentar, eu só tô te colocando porque a sua curiosidade tá tão grande, que eu já sei que você escuta atrás das portas, e uma coisa é fato, a verdade liberta, sempre, em qualquer situação, é lei, então, eu acho que eu tenho que ser honesta com você...”*

Novamente Raquel aponta que dizer aos outros que é homossexual é uma forma de violentar as pessoas, ela quase se desculpa por ter que contar, numa demonstração de que, de alguma forma, ser homossexual é algo que “*violenta*” as pessoas. Não há em seu relato muitas referências diretas a um medo de sofrer preconceito ou de ser estigmatizada, mas ela evita situações em que isso possa ocorrer, seja com seus pais, seja com seus amigos, o que remete a afirmação de Goffman (1988) que o estigma conduz a exclusão. Entretanto, parece que o que a motiva para evitar essas situações não é mesmo

o medo de sofrer preconceito, mas a vergonha de ser homossexual, de ser diferente, algo que está dentro dela e não o medo de que algo exterior aconteça.

O preconceito é o segundo aspecto importante que ela ressaltou para sua filha, considerando que ela poderia sofrê-lo se revelasse as outras pessoas que sua mãe era homossexual. O maior medo de Raquel naquele momento era que os colegas de Renata a marginalizassem:

*“Você tem nove anos - embora ela tenha uma inteligência muito grande - mas você tem que guardar isso pra você e pra gente, senão você pode passar pros seus coleguinhas e você também vai constranger a mim e a sua tia, e outras pessoas vão se afastar de você, existe um preconceito imoral, mas é natural ao mesmo tempo, mas é imoral, porque é natural...”*

Nesta conversa com a filha, a própria mãe demonstra que ser homossexual é algo que constrange, e que ninguém deve ficar sabendo. Não é apenas o preconceito que a preocupa, nem o afastamento das pessoas, e sim a vergonha e o constrangimento. A forma com que ela tenta ajudar a filha a lidar com essa situação é mostrando que a ocultação e o segredo são as melhores opções, o comportamento correto a ser seguido. Entretanto, Raquel parece não perceber que desta forma também está afirmando que gostar de outra mulher é algo vergonhoso e errado.

Neste trecho também fica evidente a compreensão da mãe de que o estigma é algo que se passa para aqueles que o cercam. Goffman (1988) aponta que as pessoas que convivem e se relacionam com o estigmatizado tendem a serem confundidos com o próprio estigmatizado e vistos como uma só pessoa. Raquel teme que isso aconteça com sua filha e a previne para que possa lidar melhor com a situação.

Raquel parece seguir o seu próprio conselho de tomar muito cuidado em escolher pra quem contar que é homossexual. A sua volta estão pessoas que “desconfiam” e que “sabem” sem que ela tenha dado a confirmação. As pessoas de sua vizinhança e mesmo

os seus pais são envoltos neste não-dito. Ela justifica essa não-necessidade de contar aos outros, apontando que isso é algo íntimo e privado que deve permanecer dentro de sua casa, e não fora dela.

Renata segue o conselho da mãe no sentido de tentar manter a intimidade da família dentro da própria casa. Ela contou para alguns poucos colegas e para outros não, sendo que não houve qualquer problema com as pessoas pra quem ela contou, que freqüentam a casa e que sempre respeitaram a todas.

No entanto, quando os colegas de Renata que não sabem que sua mãe é homossexual vão até sua casa, ela pede a mãe: “*Ó, vai vir umas amigas minhas, então vocês fecham a porta do quarto*”, e recolhe os porta retratos que tenham fotos da mãe com a companheira. Esta situação que poderia ser sentida como incômoda pela mãe, não o é, e Raquel concorda com a vontade da filha e explica o porque:

*“...é um direito dela de se resguardar. (...) É, porque de repente uma amiga pode achar: Se sua mãe é, você também é! Já vem rotulado, digas-me com quem andas, que eu direi quem tu és...”*

Segundo Clunis e Green (2003), a forma como a mulher lida com sua sexualidade é um dos fatores mais influentes na forma como os próprios filhos lidam com a homossexualidade materna. Para as autoras, quanto mais confortável a mãe se sentir, mais confortável o filho se sentirá, e no caso da Raquel, ela deixa claro que ser homossexual é algo que precisa ser escondido, e sua filha segue os passos da mãe.

Para resguardar a família, Raquel costuma ir às reuniões de pais, na escola da filha, sozinha, sendo que a Roberta vai “às vezes”, mas que a referência feminina que a escola tem é a dela, e a masculina, a do avô. Ela diz não haver necessidade de contar para todos algo que é íntimo delas, de “*levantar a bandeira*” por uma causa. Considera que conquista o respeito das pessoas de outra forma: respeitando ao outro também.

Entretanto, não se pode negar que de alguma forma o não-contar demonstra um receio de sofrer preconceito, e torna-se um segredo que ela, a companheira e a filha têm que manter para algumas pessoas ao seu redor, conduzindo a fronteiras mais rígidas entre o núcleo familiar e o mundo exterior.

Ao mesmo tempo que prefere não se revelar a muitas pessoas, a mãe conta que ter contado para Renata que ela e a companheiras eram casadas foi o momento mais marcante de seu relacionamento com a filha. A partir desse momento o relacionamento delas mudou, elas se tornaram mais próximas. Raquel fala sobre isso:

*“...acho que esse foi o maior recado que eu dei pra ela de verdade, de sinceridade, de franqueza, porque a partir daí ela passou a contar as coisinhas íntimas dela, então eu senti uma resposta, e isso pra mim foi, correspondeu muito forte, (...) então eu achei que eu dei uma abertura pra ela dar a dela.”*

Outro trecho da entrevista, que inserido no todo, demonstra a ambigüidade em que a entrevistada vive sua homossexualidade, ora ela sente orgulho de ter contado a filha, ora aponta que não se deve contar isso a mais ninguém. Ora ela diz que ter contado a filha só trouxe coisas positivas, e ora ela teme contar aos outros e sentir-se envergonhada. Desta forma, a sua homossexualidade tem apenas um lugar, sua casa, e mesmo dentro de sua casa, apenas seu quarto. Há fronteiras nas fronteiras.

Clunis e Green (2003) apontam que existem graus diferentes de reconhecer, aceitar e declara-se homossexual, já que formar uma identidade homossexual é um processo, muitas vezes não-linear. Primeiro é preciso aceitar a atração por outra mulher, depois tomar consciência que não há nada de errado em ser homossexual, por fim, revelar-se aos outros.

Raquel parece ter revelado a filha sem ter conquistado essa filosofia positiva sobre o homossexualidade; ela revelou-se para a Renata, nos termos das autoras ela

“*coming out*”, porém não há um “*being out*”, ela continua a viver como se a filha não pudesse presenciar esse relacionamento conjugal, que é invisível aos olhos das pessoas. Para Raquel o “*being out*” é algo que agride, tornar seu relacionamento visível para a filha é violentá-la.

Nessa fase atual, de adolescência, Raquel percebe muitas mudanças em sua filha e conseqüentemente em seu relacionamento com ela, relatando diversos momentos em que esteve com Renata como forma de protegê-la, como sua ida à shows de música e a danceterias. Fala de sua filha com muita propriedade, detalhando momentos de seu relacionamento com ela e contando passagens em que a ajudou a resolver problemas.

Ela aponta que agora uma de suas principais funções é tentar colocar limites, e a outra é orientar a jovem em assuntos como drogas, sexo e relacionamentos. Raquel diz que é muito diferente criar uma filha e educar uma filha. Quando perguntada que conselho daria para uma mãe homossexual, diz que é ter amor e muita paciência, e que este também é um conselho para todas as mães, nas palavras dela:

*“...existe duas coisas, educar e criar. Criar eu crio minha gata, meu cão, meu passarinho, educar é insistir milhõões, centeeenas, (ela ri): Põe o chinelo! Come de boca fechada! Sabe, é repetir, é paciência e perseverança.”*

As suas atuais preocupação também são bem comuns a todas as mães, referem-se a segurança da filha, com seqüestros, roubos e a violência em geral. Sobre estes temas diz:

*“A gente tenta por limite, porque eu prefiro fazer, levar e buscar, mesmo que seja às 5 da manhã, eu vou buscar, me sinto mais segura do que deixar ela sair por aí tomar metrô, ônibus enfim...”*

Por fim, refletindo sobre como Renata recebeu e elaborou a notícia de que sua mãe é homossexual, diz acreditar que não tenha sido difícil para a filha, porque:

*“... mas como ela cresceu comigo e com a Roberta, é tudo que ela conhece na vida dela, é o passado dela, então ela aceitou isso com facilidade, ela queria entender, mas ela não se chocou, não se sentiu violentada, porque minha mãe sempre namorou homem e agora tá entrando uma mulher dentro de casa, que eu não conheço, não tenho intimidade, são situações diferentes, então com ela, a Roberta tirou a fralda dela, ela cresceu comigo e com a Roberta, ela olha pra trás, pro passado dela, e sou só eu e a Roberta, então é uma coisa que já é natural pra ela, que ela cresceu assim...”*

Desta forma, tem-se que o relacionamento de Raquel e Roberta parece ser bastante próximo e íntimo, mas que a forma como a mãe lida com sua homossexualidade, o fato de sentir que é algo que precisa ser camuflado, acaba por fazer a filha sentir que deve fazer o mesmo.

### **Reflexões do caso:**

Renata foi morar muito cedo com a companheira de sua mãe, ela tinha apenas dois anos quando isso ocorreu, e desta forma, todas as suas memórias são constituídas em torno de uma família com três pessoas: ela, a mãe e a companheira. A relação entre ela e Roberta extrapola os limites da boa convivência e passa a ser uma ligação forte. A companheira é chamada de tia, mas também tem seu papel na educação da menina, é respeitada e conquistou seu espaço dentro da família, um espaço que segundo Raquel é bem próximo ao de uma segunda mãe.

Fica claro a admiração que a Raquel tem por sua companheira e sua felicidade em conseguir educar a filha no ambiente que sempre desejou, com uma grande estabilidade e em um ambiente no qual todos se respeitam. Elas formam um núcleo bastante coeso e afetivo. Esta felicidade parece ofuscar aqueles que estão fora. As pessoas de fora da família parecem ter mais um papel de apoio do que de rejeição, entretanto a questão do revelar-se parece ser algo que ainda não foi muito bem negociado entre elas. A insistência de Raquel em dizer que não há necessidade de confirmar o que já se

desconfia, e mesmo que esta confirmação parecerá uma agressão, faz sugerir que há um segredo entre as três e o resto do mundo, e tem-se a certeza que existe uma fronteira rígida entre a família R e as outras pessoas. Apesar deste segredo aparentemente não ter conseqüências emocionais para ninguém, a família R tem que evitar falar sobre isso com os demais familiares, tem que esconder fotos, e limitar quem entra em sua casa.

A forma como Raquel lida com sua homossexualidade influi na vida em que leva, seja dentro como também fora de sua casa. Dentro dela, o “respeito” para com a Renata faz com que ela não possa demonstrar com ações seu amor pela Roberta, segundo ela esse amor é percebido pois temos a capacidade de “*identificar pela energia*”. Entretanto, o modelo de relacionamento conjugal que a filha parece estar presenciando é um modelo ausente de demonstração de carinho, ausente de afeto, já que estas demonstrações devem ser feitas apenas dentro do quarto. Como a própria mãe diz, a Renata nunca presenciou um abraço entre ela e a companheira. Desta forma, tem-se que o fato de Raquel sentir que sua homossexualidade é algo que precisa ser ocultada, a faz impor limites bastante rígidos para si dentro e fora de casa.

## Família D

A família D é composta pela Daniela (mãe); Débora (filha); Dolores (primeira companheira); Dominique (segunda companheira) e Doroty (terceira companheira)

Idade atual	40 anos
Idade no casamento heterossexual	19 anos
Quanto tempo de casamento heterossexual	3 anos
Filhos	♀
Idade atual dos filhos	20 anos
Idade dos filhos quando a companheira foi morar com eles	4 anos
Idade dos filhos na revelação	14 anos
Número de companheiras após o casamento	3
Relacionamento homossexual mais duradouro	10 anos
Com quem vive hoje	Comp + filha

O relato da Daniela é focado em seus sentimentos, ela não se limita a contar o que aconteceu em sua vida, ela detalha a forma como reagiu aos acontecimentos e as razões que possam ser os desencadeadores dos mesmos e de suas ações. Ela fez três anos de análise, e talvez por isso consiga falar de si com tamanha clareza e riqueza, entretanto a impressão que fica de seu relato é que, muitas vezes, ela se define e se constrói através de seus relacionamentos.

### 1 – O casamento heterossexual e a separação

Daniela começa seu relato dizendo que tinha interesse em mulheres quando era adolescente, mas que a vida leva para um caminho heterossexual. McGoldrick (1995) aponta que até alguns anos atrás, não havia um questionamento de “se casar ou não”, casar era a única rota para se tornar um adulto completo e maduro, era inevitável e natural casar-se e Daniela parece falar desta imposição social. Desta forma, ela conheceu o pai de sua filha com dezessete anos, namoraram por um ano, até que ela engravidou e decidiram se casar. Sobre seus sentimentos diante da gravidez ela comenta:

*“Casei, saber que eu tava grávida, eu lamento, eu casei, eu acho que se fosse outra situação, eu teria ficado mais feliz, eu acho que é um momento pra se ficar muito feliz, eu não posso, eu afirmo, eu não tive essa super felicidade, porque eu não pude curtir, mesmo, porque o medo, e não era a hora, não era o cara, sei lá.”*

O casamento durou pouco, pois era intercalado por brigas e reconciliações, um relacionamento que descreve como tendo duas polaridades muito fortes, uma hora estavam apaixonados, na outra estavam brigando. Daniela relata que não foi nada bom o período em que estava grávida e casada. Diz que tem recordações ruins desses momentos, em que era muito nova, estava grávida e brigava com o pai de sua filha.

Segundo seu relato, o casal era ligado por uma forte atração, e que isso os unia após os conflitos. McGoldrick (1995) aponta que a transição para a paternidade é muitas vezes acompanhada de uma queda da satisfação sexual, pois agora o casal tem que atender as demandas de um bebê, perdem tempo de intimidade sexual, bem como de energia para tal.

A primeira separação ocorreu quando a filha tinha um ano, e a última e definitiva quando ela tinha três anos. Nos momentos de separação ela voltava para a casa dos pais. Daniela não fala das separações e do divórcio de forma que transpareça que foi um momento de dor e tristeza, de perdas e lutos. Os conflitos sim parecem trazer um conteúdo triste e doloroso, mas não a separação deste homem e as perdas pelo que tinha desejado e pelo que tinha construído com ele.

Segundo McGoldrick (1995), os casamentos que ocorrem quando a mulher está grávida tem duas vezes mais chances de acabar em divórcio que os demais. Aqui não houve muito tempo para a transformação de casal para pais, o casal enfrentou a inclusão de um filho na díade sem ter tido tempo para criar seus rituais, acostumar-se ao convívio intenso com o cônjuge, e criar uma intimidade forte que os unisse. Aquilo que os uniu, a atração, não os manteve juntos por muito tempo.

Apesar da ligação entre o casal não ter sido suficiente para manter o casamento, os momentos que viveram juntos fortaleceram a ligação entre o pai e a filha. Pai este que nunca ficou sabendo que a Daniela é homossexual, sendo que ela afirma ser da filha a decisão dessa ocultação.

Entretanto, sabe-se que a filha só foi saber que a mãe era homossexual quando tinha quatorze anos, e desta forma, percebe-se que houve uma decisão anterior da mãe em não contar para o ex-marido que vivia com outra mulher. Como considera que a decisão foi da filha, não se sabe qual o motivo que a levou a criar este segredo, embora seja possível perceber que o motivo está relacionado a própria vergonha que sentia por ser homossexual.

Não se sabe se o segredo foi criado apenas com base na vergonha de Daniela ou no preconceito que poderia enfrentar. Ela achava que sendo homossexual, não poderia ser uma boa mãe, e sendo assim, ela sabia da possibilidade dos outros pensarem da mesma forma. No entanto, este não é um assunto que é abordado detalhadamente pela entrevistada. Em seu relato não há indícios de que ela temeu a perda da guarda e por isso optou pelo segredo.

Hoje o relacionamento que Daniela tem com a própria homossexualidade mudou, ela diz ter se aceitado e, talvez a decisão do ex-marido não saber, seja mesmo da filha. Ela diz:

*“Não tenho problema algum em me assumir, mas porque eu sei que ela não quer, a Débora, acho que pra ela vai ser difícil, por ela saber que todos são bastante preconceituosos, enfim, caretas, pra que entendeu? Pra ficar um alvoroço?”*

O relacionamento atual da Daniela com o ex-marido é quase inexistente, eles pouco se falam. No entanto, o mesmo não ocorreu com o relacionamento entre esse pai e a sua filha, Débora. Eles se vêem constantemente desde o momento da separação, ele

paga pensão, pagou uma viagem ao exterior e deu um carro de presente a filha.

O ex-marido constituiu uma outra família, Débora tem uma irmã por parte de pai, com quem mantém um contato freqüente, não só com a irmã e com o pai, como também com toda a parte paterna de sua família.

## **2 – Relação com a família de origem**

Daniela sempre teve uma relação forte com sua família de origem. São as pessoas que lhe dão suporte, é para esta família que ela que voltava nas brigas com o marido e é para ela que pedia para cuidarem de sua filha quando queria sair ou trabalhar. Ela vê o relacionamento dos pais como tendo sido muito bonito e de grande união, mas aponta que muitas vezes o relacionamento com os filhos não era assim. Daniela relata alguns conflitos com sua mãe em sua adolescência, pois entre elas há uma grande diferença de idade, o que ocasionou conflitos não apenas na sua criação, como também na criação de Débora. A liberdade que não teve com os pais é um das coisas que tentou dar a sua filha.

A forte ligação não é vista apenas para com os pais, mas também para com os irmãos, a quem pede conselhos e para primos e primas em quem encontra compreensão de sua orientação sexual, e com quem já conversava sobre o assunto mesmo antes de revelar-se aos pais.

Depois de algum tempo separada, Daniela conheceu sua primeira companheira, Dolores, e foram morar juntas em cinco meses. Ela afirma, que resolveu contar aos seus pais que era homossexual, e que iria viver com a Dolores, deixando a filha para que eles cuidassem, cabendo a ela apenas visitas diárias. Essa decisão foi tomada por achar que a vida homossexual que ela iria viver não seria boa para a filha. O seu próprio preconceito não a permitia pensar em ser homossexual e ser mãe ao mesmo tempo.

Ela escreveu uma carta para os pais e quando voltou, houve uma reunião na família, e no fim ela saiu de casa, mas levou a filha junto. Ela conta que o irmão a fez

perceber o erro em sua decisão dizendo:

*“- E outra, se você acredita que essa é uma vida boa pra você, porque você vai, como não pode ser boa pra sua filha? Que contradição é essa?”*

*Então, eu realmente:*

*- É, não sei... é aquela coisa, não é que é boa pra mim, é o que eu gosto, mas ao mesmo tempo eu acredito que aquilo não é bom, vai ter problemas, ela não pode, ela não vai poder saber disso.”*

A família levou um susto ao saber da orientação sexual da Daniela, proibiu a Dolores de ir a casa deles, mas ela continuou a deixar sua filha com os avós durante o dia, para que trabalhasse e para que a menina fosse a escola que ficava lá perto.

Entretanto, seu pai mal lhe dirigia a palavra e a sua mãe dizia apenas duas coisas sobre ela ser homossexual: que seu pai e companheira não poderiam nunca estar no mesmo lugar e; a preocupação com a neta quando ela soubesse, já que achava que a Débora poderia se revoltar contra a Daniela. Desta forma, também havia uma separação entre ser filha e ser homossexual, não decorrente do segredo e sim do preconceito. Ela conta sobre sua “*vida dupla*”:

*“...quando tinha o aniversário da Débora, ela (Dolores) me ajudava a fazer o bolo, fazer os doces, montava a festinha, na hora que começava a festa, ela tinha que ir embora.”*

Durante muito tempo houve uma segregação de mundos em relação aos seus pais. Assim, ou Daniela era filha ou era homossexual, as duas coisas não podiam se unir. E essa clivagem fazia Daniela sofrer, pois percebia que seu pai se afastava cada vez mais dela, não conhecia e nem compartilhava de uma parte importante de sua vida.

Um tema importante que não foi abordado por Daniela em sua entrevista, é o segredo que compartilhou com os pais, em um movimento conjunto para que Débora não viesse a saber que Dolores era na verdade sua companheira. Tanto Daniela como a avó

temiam a reação de Débora ao saber, e assim, criou-se um segredo que durou mais de 10 anos e que excluía Débora. Não se sabe os efeitos deste segredo, mas certamente omissões e mentiras foram criadas para mantê-lo distante da menina.

Daniela manteve o relacionamento com todos os familiares, todos sabiam que ela era homossexual, mas ninguém comentava e o assunto nunca foi abordado. Entretanto, ela compreende o que seus familiares passaram e sabe que se o relacionamento deles tomou essa forma é porque ela também colaborou para isso:

*“...se eu tinha vergonha, se eu me escondia, não queria falar, nem falar do assunto, como é que posso exigir isso deles, que eu sinto, né? Eu que sinto, que vivo a estória, tenho isso dentro de mim, imagina eles que não entendem, não sentem, quer dizer, vão ignorar mesmo né?”*

Para Daniela, da mesma forma que foi um processo para se aceitar como sendo homossexual, também foi um processo para seus familiares. Com o passar dos anos eles perceberam que ela continuava a ser a pessoa com quem se podia contar, que tinha criado bem sua filha e que esta mesma aceitava a mãe. Um fato que ela cita como sendo importante no relacionamento com os pais foi a doença que sua mãe teve, a qual acabou aproximando-os. A forma como ela e a terceira companheira, Doroty, apoiaram o pai nos momentos difíceis, fez com ele se reaproximasse e aprovasse a atual companheira da filha.

Hoje, Daniela sente-se totalmente aceita por seus familiares. Ela e a companheira participam dos encontros da família, e segundo a própria, são vistas como um casal. Relata que percebeu ser aceita em uma festa de final de ano, pois seus familiares sempre fazem um amigo secreto e quando sugeriram que a Doroty participasse foi como se declarassem a aceitação a ambas:

*“...meu coração tava só alegria, de tudo, bom agora, pra mim foi assim, foi o passo de entrada, aceitaram por completo, né? Ela é minha*

*esposa, entrou no amigo secreto, o amigo secreto é todos os meus irmãos, meus cunhados, meus sobrinhos, só, fecha, não tem nenhum primo a mais, nenhuma tia a mais, é só isso. Então aceitaram, ela é minha companheira, né?”*

Mas ela percebe que houve um processo de aceitação. Inicialmente seus pais não queriam estar nem no mesmo lugar que sua primeira companheira, já a segunda não queria estar com os pais dela. Foi apenas com a terceira que tudo se encontrou, o pai dela querendo fazer parte novamente da vida da filha depois de ter se afastado e a companheira querendo ser parte da família. Agora ela se sente aceita completamente por toda a sua família e pela família de sua companheira.

### **3 – As companheiras na família**

As companheiras de Daniela parecem ter papéis fundamentais em sua vida, ela mesma admite que sua vida foi mudando ao mesmo tempo em que ela foi mudando de companheira. Elas influenciam na forma como lidava com os pais, com sua filha e mesmo na forma como se aceitava como homossexual.

McGoldrick (1995) aponta que essa tendência da mulher em “entregar-se” a um relacionamento, e mesmo definir-se conforme seu relacionamento é consequência da educação que as meninas recebem, que diferentemente dos meninos, está focada nos relacionamentos, no manter uma família feliz, em construir um lar agradável. Até pouco tempo atrás, as meninas eram definidas pela qualidade do homem com quem se relacionavam. Já os meninos são criados para conquistar o mundo externo, para a competição e para prover sua família.

Daniela parece ter suas companheiras como marcos em sua vida, com cada uma delas teve um relacionamento diferente e foi aprendendo novas coisas; mas também foi uma pessoa diferente com cada uma, e a troca de parceiras foi que proporcionou o contexto para a evolução de si mesma, e de sua aceitação como homossexual.

A primeira companheira, Dolores, teve um papel importante na vida de Daniela, foi por ela que resolveu assumir-se homossexual diante da família, e foi por ela que pensou em deixar a filha aos cuidados dos avós.

Segundo a mãe, Dolores incentivou a decisão de deixar a filha com os avós :

*“Ela morria de ciúmes da minha filha, entendeu? E lógico que isso não era declarado, hoje eu tenho muito mais consciência disso, e me fez acreditar também, como eu não queria levar minha filha pra esse mundo, que era melhor deixar minha filha com os meus pais, né?”*

Apesar de muito consciente de si e das suas motivações, Daniela aponta que se deixou levar pela paixão e pela opinião da companheira para decidir o futuro de sua filha. Ela diz claramente que considerava que a vida homossexual não poderia ser vivida tendo uma filha, pois seria prejudicial à criança, mas que a isso somou-se ao ciúme da companheira que não queria uma criança para atrapalhar a vida delas. Por esses dois motivos Daniela tomou a decisão de deixar a filha aos cuidados dos avós, mas como foi dito anteriormente, a decisão acabou não se concretizando.

Esta não foi a única vez que a companheira interferiu nas decisões da mãe quanto ao que fazer com Débora. Daniela conta que sempre teve uma grande preocupação em relação à educação da filha, ela se questionava se estava fazendo certo, pois uma das qualidades que queria que a relação entre ela e a filha tivesse era a união e intimidade. Sempre quis ser amiga da filha, ter uma relação mais íntima com ela, que a filha não escondesse as coisas dela e sim que tivesse vontade de contar-lhe o que estava acontecendo em sua vida. Desta forma, optou por falar a “*língua da filha*”, e ouvia críticas de Dolores e também de sua própria mãe por ser liberal demais, aquela dizia:

*“Você não põe limites! Você não põe limites! Essa menina pode tudo! Tá criando, vai criar uma menina feia e sem limites! Ela manda em você! Ela manda em você! E isso tudo na minha cabeça, então pra educar, sei lá, foi meio penoso, foi meio complicado pra mim essa fase*

*toda...*”

Desta forma, tem-se que apesar da Dolores ter ido morar com Débora quando ela tinha apenas dois anos, a companheira não era vista por Daniela, como sendo uma figura parental, suas opiniões sobre como criar uma criança não eram consideradas, e ainda era fonte de angústia para a mãe. Este foi um dos motivos que desgastaram o relacionamento de ambas, o fato de Dolores querer interferir na forma como Daniela tinha optado por criar sua filha.

Entretanto, ela diz que esses conflitos eram apenas entre elas, e que Débora e a companheira nunca tiveram qualquer discussão. Elas mantinham um relacionamento amigável, que a mãe define assim:

*“... (a Dolores) é uma pessoa, com quem ela (Débora) tinha um relacionamento estável, calmo, tranquilo, entendeu? Sem muita afetividade, e sem problemas...”*

Daniela relata que a companheira fazia a comida da filha e participava da vida dela, mas que não havia um relacionamento afetivo forte entre ambas, tanto que quando a primeira foi embora, nenhuma das duas teve “traumas”. A Débora chamava a companheira pelo apelido dela, um encurtamento de seu nome.

Assim, o relato da entrevistada indica que apesar de terem vivido juntas por dez anos, tanto ela como a filha não viam Dolores como tendo algum papel de educadora, quando muito, realizava cuidados materiais ou operacionais. Talvez a necessidade de esconder o relacionamento conjugal para a filha, não tenha permitido um relacionamento afetivo entre Débora e Dolores, já que as três nunca estavam juntas, eram relacionamentos separados, como a própria Daniela diz: ou ela estava com a companheira ou estava com a filha, nunca com as duas juntas. Desta forma, a possibilidade de Débora perceber Dolores como uma figura parental era dificultado até

pela convivência que as três não tinham juntas.

Daniela considera o relacionamento com sua segunda companheira, Dominique, como sendo precipitado, no qual se deixou levar pelo momento de paixão. O relacionamento durou três anos e teve seu término, entre outros motivos, porque a companheira tinha mais preconceito do que ela e porque não concordava com a educação que a mãe dava para a filha, que em sua opinião era muito liberal.

Desta forma, mais uma vez Daniela entrava em conflitos com a companheira por causa da filha, por causa da educação que dava. No entanto, esses conflitos não saíam do relacionamento conjugal e a filha nunca soube disso. Ela sempre se deu bem com as companheiras não tinha ciúmes delas e nem disputava a atenção da mãe.

Foi durante esse relacionamento com Dominique que Débora recebeu a notícia que sua mãe era homossexual, quando já tinha quatorze anos. Entretanto, a revelação do segredo não surtiu efeitos no relacionamento entre a nova companheira e a filha, e da mesma forma com que a mãe fala sem muito afeto ou nostalgia desse relacionamento, parece que a filha também não criou laços fortes com Dominique.

A terceira companheira de Daniela, Doroty, representa o ápice do processo de aceitação de todos que cercam a família D. No momento atual, ela está com uma companheira que segundo seu relato, conquistou a todos em sua família. De início, elas não foram morar juntas como aconteceu nas outras duas relações. A decisão dela foi de não morarem juntas:

*“...daí ela tinha a casa dela, casa própria, próxima da minha, eu a minha, iniciamos gostoso, eu falei: Ahh, que bom você tem sua casa, eu tenho a minha casa, aí que maravilha, ninguém vai precisar, não vou casar de novo, chega né? Já casei com homem, duas mulheres, já deu tudo errado, então não vou mais casar, cansei de casar, cada um tem sua casa mesmo, então tá ótimo”*

Então elas passaram um ano e quatro meses vivendo em casa diferentes, e

convivendo com as dificuldades que isso criava como ter que levar a roupa para casa da outra e ficar preocupada por não saber se a filha está dormindo em casa. Entretanto, já nesse momento a relação entre as três era muito boa e afetuosa, tanto que segundo Daniela, a decisão por morarem juntas foi da Débora, que falou:

*“Ah, mãe não dá, um saco morar em duas casas, porque a gente não vai morar junto de uma vez?”*

Daniela encarou essa sugestão como uma demonstração de aceitação. Ela conta a sua reação :

*“Hã!! Eu assim: O que? Minha filha agora tá propondo pra eu casar. Pra você ver como são as coisas, ela falava: Porque que tem que casar. A primeira frase dela. E agora ela vem me falar isso? E eu acho que era o que faltava mesmo, eu ter certeza que ela tava aceitando mesmo a estória toda.”*

Daniela aponta que foi Doroty que, com a sua tranqüilidade em relação a sua orientação sexual possibilitou que ela compartilhasse essa tranqüilidade e tornasse a ela mesma, a sua família extensa e a Débora tranqüilos também. Foi apenas quando conseguiu aceitar-se plenamente, que a filha pôde ter um relacionamento afetuoso com a companheira. De certa forma, foi a mãe quem deu a permissão para que esse contato se estreitasse.

Daniela fala sobre os momentos recentes de sua vida com muita alegria, descreve como a naturalidade que ela e a companheira vivem a relação pôde trazer a Débora mais próxima dela e da Doroty. Conta sobre o ano em que trabalhava em casa e a filha estudava apenas de noite, hoje a filha também trabalha. Depois de anos em que a Débora descobria sua vida e seu mundo, passeava com os amigos e namorado, tirava carta, escolhia o que prestaria no vestibular, o que tornou o relacionamento um pouco distante, as três se tornaram mais próximas. A filha e a companheira são amigas, se ajudam e

gostam de conviver uma com a outra. A entrevistada exemplifica:

*“Tem uma integração muito legal, são coisas que eu nunca vivi, hoje eu vivo com a Débora, se a Débora vai chegar, a Doroty: Ah, que legal, quando vem? To com saudade. Ah então hoje ela vem pra casa, então não vamos sair, vamos ficar.”*

Desta forma, Daniela refere que conseguiu unir-se a filha e a companheira apenas nesse terceiro relacionamento. É um relacionamento recente, mas que já é repleto de afeto e carinho. Certamente Doroty não tem um papel parental operacional para com Débora, que hoje já faz faculdade e trabalha, mas construíram uma relação sólida de ajuda mútua e amizade.

#### **4 – Relação com a filha**

Daniela aponta que o momento em que ficou sabendo que estava grávida não foi feliz, pois de alguma forma não estava certa se seu namorado era a pessoa com quem queria ter um filho e sabia que aquele não era o momento ideal para isso. Seu sentimento era de medo pelas incertezas que viriam, de como contaria aos pais, pelas constantes brigas e rompimentos que tinha com o namorado e pela responsabilidade que um filho traz.

Apesar dos conflitos que tinha com o pai de sua filha, o relacionamento com a Débora foi sendo construído e mesmo antes da criança nascer, Daniela já estava muito ligada a ela:

*“...e as vezes que eu brigava com o pai dela, eu pegava na barriga: Ai L (nome que daria se fosse menino), você tá aqui... Chorava, tinha um vínculo muito forte, eu lembro que, que, que eu, eu lembro de algumas cenas assim forte, de eu muito triste por brigar com o pai dela, e tá chorando, e já tá dividindo isso com aquela criança, sabe?”*

O medo que sentia aumentou quando o parto estava por vir, mas no momento em

que tomou a anestesia, seu medo desapareceu, e o nascimento de sua filha, por cesariana, é descrito como sendo tranquilo e sereno. E apesar dos constantes conflitos com o marido, Daniela aponta que sua relação com a filha era maravilhosa, ela amamentou Débora no peito até os dez meses. Fala destes primeiros anos com sua filha com muita alegria. Ela ficou o primeiro ano de vida da mesma sem trabalhar, e os demais trabalhando meio período. Ela diz:

*“...curti bem essa idade até dois anos, que eu acho que é a idade mais gostosa da criança, dois anos, foi bem curtida, no sentido de tá bem com ela, tá bastante com ela, ela entrou na escola com dois anos e meio, (...) mas curti bastante todas as fases, quando andou, quando engatinhou, quando andou, eu tenho tudo super anotado”*

Daniela relata ter só uma preocupação para com sua filha naquela época, ela passou a trabalhar e deixava-a com os avós, e como ela já tinha visto casos em que a criança de tanto conviver com a avó, acabava por se apegar mais a esta do que a mãe, tinha medo que isso pudesse acontecer com ela:

*“...mas meu grande medo, era se um dia, eu ver a Débora chorando pela minha mãe, e não chorando por mim, mas nunca, minha mãe podia, embora minha mãe sempre ficou muito com ela, né? (...) graças a Deus a Débora nunca gostou mais dela do que de mim, né, esse era o meu grande medo, de gostar mais dela.”*

Com o passar do tempo e a separação do agora ex-marido, Daniela começou a ter alguns relacionamentos homossexuais passageiros, e com isso mais uma preocupação foi adicionada. Ela afirma:

*“Dentro da gente, a gente tem toda uma criação, voltada pra, não pra aceitar esse caminho, esse tipo de vida, então era um turbilhão dentro da gente né? (...) Posso dizer, tinha vergonha, porque eu falava assim: Se é esse o meu caminho, mas então eu nunca mais com homem eu vou casar, e nem com mulher, porque o pessoal falava isso isso, a mensagem era essa: Eu tenho uma filha, como é que eu vou casar com outra mulher se eu tenho uma filha? Então minha opção é essa, mas de*

*repente, às escondidas, nunca vou assumir pra minha família, nem pra minha filha, como é que eu vou contar pra minha filha esse absurdo?”*

A entrevistada conta que tinha seus casos homossexuais, e não “ficava mal” por causa disso, mas que o preconceito se mostrava ao achar que esse tipo de vida não era certo, que ela nunca poderia mostrar esse seu lado para sua família e sua filha. Para ela, assumir para si mesmo ser homossexual, não fez desaparecer o preconceito que foi recebido em sua educação. O aceitar-se é um processo gradual e lento.

Antes mesmo de Daniela ir morar com a filha e a companheira, ela já temia que um dia a Débora soubesse, e que a menina fosse prejudicada de alguma forma por ter uma mãe lésbica. Logo no início de seu relato, fica claro, que para ela, ser homossexual e ser mãe são dois papéis que não podem co-existir em uma mesma pessoa. Desta forma, quando conheceu sua primeira companheira com quem iria morar nos próximos dez anos, pensou em não levar sua filha, mas como foi visto anteriormente, decidiu-se por morarem as três juntas.

Débora era muito nova quando foi viver com a companheira da mãe, tinha quatro anos, e nada foi falado para ela sobre o relacionamento conjugal que existia entre ambas. A entrevistada fala desses anos focando seus sentimentos, principalmente o sentimento de culpa por ter que deixar a filha para viver em seu outro mundo, o homossexual. Relata que muitas vezes deixava a filha com os parentes, para poder viajar com a companheira, assim, a filha passava a semana com os tios no interior para que a mãe pudesse viver o seu lado homossexual:

*“...por ela (a filha) não poder saber, por eu ter tanto medo, por tudo que eu tava vivendo com os meus pais, por outro lado assim, um sentimento muito forte com o que eu tava tendo com a Dolores, eu deixei ela muito de lado, porque eu queria estar muito com a Dolores”*

Mas não sem que isso repercutisse nela:

*“...eu tenho muito culpa aí, eu tenho muita culpa, eu tinha culpa, então era uma relação que eu vivia com a Débora, carregada de muita culpa, graças a Deus, hoje eu olho pra trás e falo: Que delícia, não tem mais, por que foram, quase dez anos com a Dolores, assim, minha relação, sempre com minha filha de culpa, e daí a noção de culpa não é natural, se eu to dando alguma coisa pra minha filha, eu to dando porque, até pode ser porque de fato eu queria dar, mas junto com espontaneidade, de quero-estar-aqui-com-você, tem um preciso-estar-aqui-com-você, será que eu estou te suprindo porque agora eu não te deixei, aquela hora, eu estou aqui, será que eu não estou aqui? Atrapalha tanto que você nem consegue estar, então não tem muita qualidade...”*

Daniela mostra que vivia em dois mundos que não se encontravam nunca, que ou ela estava com a Débora, sendo mãe, ou ela estava com a Dolores e com as amigas, sendo homossexual. Exemplifica dizendo que nunca foi com a companheira e a filha ao cinema, durante os dez anos que ficaram juntas:

*“...pra você ver como não existia o relacionamento Dolores, Daniela e Débora, esse relacionamento não existia, ou estava com a Dolores e meus amigos, ou estava com a minha filha, quando eu ficava com a minha filha, a Dolores ficava com a família dela. Se eu viajava no final de semana, de férias, com os meus amigos e com a Dolores, a Débora não ia. Então era uma vida completamente separada, eu era mãe, ou eu era homossexual.”*

Desta forma, pode-se ver a conseqüência do segredo que Daniela mantinha para com a filha. O relacionamento não pôde ser vivido plenamente, a comunicação entre elas estava prejudicada, havia uma divisão de mundos em que a mãe não podia mostrar para a filha parte do que era, parte do que vivia. E para manter estes mundos separados, também teve que se separar de Débora, criar uma distância física entre elas, o que a deixou submersa em culpa.

O relacionamento de dez anos teve seu fim pelo desgaste da relação, e então Daniela e a filha ficaram sozinhas juntas por apenas três meses até que a mãe encontrou outra mulher e foram morar juntas. Eram três novamente, e a Débora tinha agora

quatorze anos. Essa nova situação fez Daniela repensar o que a filha já sabia sobre sua orientação sexual, e o que ela deveria fazer sobre isso:

*“Alguns meses, de início de relacionamento, eu pensei: Agora não é possível, agora minha filha teve certeza, tudo bem, poderia ter ficado dez anos sem ter namorado, mas saiu a Dolores da minha vida, entrou uma outra. Agora ela tem certeza, então, aquilo tava me travando, achava que eu tinha que chegar junto dela e conversar...”*

A entrevistada conta que elaborou a questão dentro de si antes de revelar-se para a filha:

*“...aquela coisa, nesses dez anos eu também fui trabalhando, essa questão foi ficando mais madura, e entendendo e aceitando, e também não só, mesmo aqui no Brasil, foi ficando cada vez mais aberto, é televisão, é novela, então, você vai vendo que dá pra falar, que acha que vai dar, que fala com uma amiga que tem família, que já tem filho e que contou: Pô que bacana, e como é que foi essa estória?”*

Assim, já estava pensando em contar para a filha quando essa perguntou:

*“- Mãe, você tem namorado?”*

*Daí eu olhei pra ela e falei assim, foi indo pra padaria:*

*- NamoraDO não, mas acho que agente tá precisando conversar sobre isso.*

*Aí ela:*

*- Perai.*

*E tum, bateu a porta do carro, desceu na padaria pra comprar o pão, e eu pensei: Vixi, vai ser hoje, não vai ter jeito, chegamos em casa eu falei:*

*- Acho bom agente falar...*

*- Não, tá tudo bem mãe.*

*Aquela coisa de, aticei e agora to morrendo de medo de saber, eu falei:*

*- Não, vamos conversar sim, senta aqui e vamos conversar.*

*Aí eu falei:*

*- O que eu vou falar você já sabe, você tem quatorze anos, você não é boba, entendeu? Eu me relacionei sim por dez anos com a Dolores, e agora to com a Dominique (...)*

*E ela só falou:*

*- Não, tudo bem.”*

Daniela mostra que nessa conversa que durou menos de quinze minutos, reafirmou algumas coisas que considerou importante, como dizer que a atitude dela ia continuar a mesma, que ela iria continuar a respeitá-la, e falou sobre contar para os amigos dela e para o namorado. Ela diz que aconselhou a diferenciar para quem ela poderia contar e para quem não seria legal contar. Desta forma, ressaltou a existência de um preconceito e estigma e a possibilidade de Débora vir a sofrer com eles, mas que por outro lado ser homossexual não era errado. O motivo de se ocultar dos amigos era cultural e social e não era por vergonha, por achar que está fazendo algo anormal e fora dos padrões.

Segundo seu relato a única pergunta que a filha fez foi sobre casamento: “*Ah, só acho estranho, porque você tem sempre que casar?*” Que ela respondeu dizendo que os homossexuais não tinham um espaço público para namorarem, então era bastante convidativo morarem juntos. Sobre essa pergunta da filha ela refletiu:

*“...eu associei isso de ter que morar junto a aquela coisa dos meus amigos vão sacar, minha mãe morava com uma amiga, agora tá morando com outra, eu associei muito mais a essa questão, pra ela propriamente dito, ou então, o porque que tem que ser mais uma pessoa entre nós, acho que também tinha um fundinho disso né?”*

Daniela refere que depois de ter contado e também a inclusão desta nova companheira, tornaram a relação dela com a filha diferente, uma “*relação mais gostosa*”, “*mais natural*” e “*leve*”. Agora não havia mais culpa, ela podia sair com a Dominique e dizer que ia ao cinema com ela, não precisava incluir mais ninguém no passeio. Como Débora já tinha quatorze anos, ela também já podia ficar sozinha em casa, e mesmo fazer os seus programas longe da mãe, com amigos e namorado. A entrevistada resume todos os fatores que fizeram com que a relação com sua filha melhorasse:

*“...foi a época que eu pude começar realmente a respirar, porque não tinha a minha mãe, não tinha mais a Dolores, eu não precisava mais tá deixando a minha filha, isso me causou muita culpa, pra poder me divertir, ela ficava em casa sozinha, ela já tinha idade pra isso, que legal, então, e eu já tinha contado pra ela, lógico que isso também pesou, contei pra ela, (...) foi uma conversinha de dez, quinze minutos, foi uma revelação, eu dei uma certeza pra ela que ela já tinha, mas isso também me aliviou...”*

Entretanto, o assunto homossexualidade da mãe não era abordado entre elas, elas nunca mais conversaram sobre isso, e então Daniela decidiu buscar informação de outra forma. Ela conta que perguntou para uma das amigas da filha, uma que sabia que ela tinha contado, sobre como a filha estava:

*“E aí como é que tá a cabeça da Débora, que sei lá? Ela: Não, tá tudo bem, ela só fala que não quer ver você beijando. (ela ri) Tanto que até hoje eu nunca fiz isso mesmo, então, é... embora a Débora soubesse, também não falava nada com a Débora assim, nem dividia muito os meus problemas, nem nada...”*

Desta forma, apesar do segredo ter sido revelado, do sentimento de culpa da mãe ter sido aliviado, a comunicação entre elas teve apenas uma pequena melhora, não havia mais omissões e mentiras, mas o assunto continuava sendo algo do qual não se conversava, um tema tabu. Daniela conta que a revelação lhe trouxe alívio e também deu uma certeza a Débora, entretanto, o relacionamento que elas tinham não se modificou. Segundo o relato, o que foi modificado foi o fim do sentimento de culpa.

Apesar da homossexualidade da mãe não ser discutida entre elas, Daniela conta que Débora sempre deu indícios que tudo estava bem. Depois da conversa, ela continuou sendo a mesma, com todas as qualidades que sempre teve. Além disso, ela sempre levava as colegas para casa e muitas sabiam do relacionamento com a companheira; o namorado dela também sabia, e sempre respeitou a todas.

Daniela diz que foi nessa época que viu que a educação que tinha dado para sua

filha estava dando resultado: a filha era boa aluna, não era rebelde, passeava bastante mas sempre dando satisfação. Relata que passou muito tempo achando que estava fazendo tudo errado, pois sua mãe dizia isso, suas companheiras diziam isso, mas que agora se sentia segura com o que havia feito e não queria que mais ninguém se intrometesse.

Daniela descreve que se revelar homossexual para a filha fez mudar alguns limites para a expressão do afeto conjugal. Antes as expressões de carinho eram feitas apenas quando Débora não estava presente, e agora passava a haver mais liberdade para o casal, os limites são menos rígidos. Nas palavras dela:

*“Porque eu imagino que até hoje a Débora não quer, até eu não quero, entendeu? Agente até fica junto no sofá, pode até, faz carinho, dá a mão, não sei o que, agente tem, não é que agente tem um distanciamento, agente tem um aconchego, sem problema algum na frente da Débora, mas num chegamos a nos beijar na frente dela...”*

O relato de Daniela mostra como inicialmente Débora era uma fonte de sentimentos e acontecimentos ruins, como a culpa por ter que mentir para a filha ou ter de deixá-la para aproveitar sua vida como homossexual. Débora limitava sua vida, dentro e fora de casa.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a entrevistada foi aceitando-se homossexual e assumindo-se para a filha, o relacionamento entre ambas também foi mudando. Talvez a revelação não seja o ponto que divide estes dois momentos relatados, mas sim a aceitação da própria Daniela quanto a sua homossexualidade. Foi apenas quando sentiu-se confortável sendo uma mãe homossexual, que permitiu que sua filha também se sentisse assim.

Como afirma Clunis e Green (2003), a forma como a mãe lida com a sua homossexualidade reflete na forma com os filhos lidam, se uma mãe transmite de

alguma forma que ser homossexual é algo errado, os filhos percebem. No caso da família D, Daniela ao revelar para Débora que havia tido e estava tendo um relacionamento conjugal com outra mulher, ainda não se sentia confortável com sua orientação, e o fez apenas porque achava que sua filha já tinha certeza, ela tinha quatorze anos, e tornava-se difícil ocultar isso.

No entanto, no relato fica nítido que muito caminho ainda seria percorrido para perder a vergonha de ser homossexual, ultrapassar o preconceito e alcançar a aceitação do que se é. O que só foi alcançado nos anos mais recentes, com a atual companheira, Doroty, que trouxe para dentro da família a forma natural com que tratava sua própria homossexualidade, e serviu de exemplo para Daniela e para os que a cercam.

Clunis e Green (2003) diferenciam o “*coming out*” do “*being out*”, são dois termos que não possuem uma tradução exata na língua portuguesa, o primeiro termo está relacionado com um anúncio, uma revelação, já o segundo termo, com a forma como a homossexualidade está visível para os demais. Esta diferenciação mostra que se revelar não é o mesmo que deixar transparecer que é homossexual, assumir-se e estar confortável com isso. Daniela, após a revelação, ou “*coming out*”, não se mostrava como uma pessoa que vivia um relacionamento conjugal homossexual, agora todos sabiam disso, mas mesmo assim não viam este relacionamento que continuava a aprisionado no quarto e nos lugares freqüentados por homossexuais.

Foi um longo processo para que a entrevistada se aceitasse como sendo uma mãe que também é homossexual, e foi um longo processo também para sua família extensa. E desta forma, também foi um longo processo para que o relacionamento de Daniela e Débora pudesse usufruir dessa nova condição de aceitação e conforto.

Duas passagens do relato demonstram com o relacionamento com a filha foi mudando durante o desenvolvimento da mesma, a primeira sobre o desejo de chegar o

momento de estar sem a menina:

*“...teve um momento lá trás, que eu sempre falava assim: O dia que a Débora casar – mas isso a dez anos atrás – eu não vejo a hora dela crescer bastante, bastante, bastante, casar, eu acho que eu vou sair dessa cidade”*

E agora, neste momento, diante da possibilidade de Débora sair de casa:

*“...e outro dia tava falando (o namorado da filha):  
- Vamos fazer, vamos pro exterior, ficar um ou dois anos lá fora primeiro, eu vou fazer MBA e tal, daí você também vai Débora, fazer um curso de Inglês.*

*E eu:*

*- Não!*

*E ela:*

*- Eu quero ir pra...*

*Sei lá onde ela falou, e eu:*

*- Não, não, não! Vou morrer.*

*Já é uma outra estória, né, não tem nada daquela coisa de quero me ver livre, casa logo, pra eu sair de Sp...”*

Refletindo sobre a relação que tem com sua filha hoje, ela diz que está satisfeita em ver que realmente conseguiu ter intimidade e união, que eram as coisas que mais desejava para sua relação com ela. Ela afirma:

*“Então é uma outra estória, uma relação gostosa, nossa a culpa ficou lá trás, bem longe, e eu acho que, é muito gostoso ter ela, e ela chega sempre muito empolgada, querendo contar tudo que ela viveu, que ela fez, ela gosta de dividir, conta pra mim e pra Doroty...”*

Por fim, Daniela relata que o grande sonho de Doroty é ser mãe, e que ela não será feliz se não tiver um filho. E apesar da mãe ter preferência por não ter mais filhos, as duas estão planejando ter um filho para esse, ou para o próximo ano. Um filho que terá duas mães, e saberá disso desde o início de sua vida.

**Reflexões sobre o caso:**

A entrevistada compreende que as mudanças são lentas, precisam de tempo para serem elaboradas e trabalhadas, e que a aceitação é um processo, um processo que ela teve que viver, os pais dela tiveram que viver e a filha também. Relata sua história de vida como se ela fosse sempre em direção a um avanço, que a cada ano foi aprendendo novas coisas, aceitando-se mais, o mesmo acontecendo com aqueles que estão a sua volta. Muito desse processo está ligado às companheiras que teve, ela se sucederam e cada uma trouxe sua participação na família D.

Ao mesmo tempo ela tem a compreensão que fez o melhor que pôde, que o tempo que demorou para revelar-se para a filha foi necessário, antes nem ela e nem a filha estariam prontas para a revelação. Arcou com as conseqüências do segredo, porque apesar de ser homossexual ainda mantinha os preconceitos em que foi educada, e segundo ela, é esse preconceito que a fez temer contar para a filha, a fez temer a reação da mesma. Foi apenas no momento que pôde se aceitar, que permitiu que ela também a aceitasse como um todo.

Mesmo após a revelação, Daniela relata o processo longo que foi unir os dois mundos que antes vivia, o processo que foi aceitar-se como mãe e como homossexual, e que isso só foi possível depois de muito tempo, e depois de todos terem passado pelo processo de aceitação de sua forma e no seu ritmo.

Neste caso, fica claro o que Mason (1994) aponta como sendo a diferença entre vergonha e culpa. Ele aponta que vergonha refere-se ao *self*, e a culpa ao comportamento. Daniela sentia os dois, mas quando revelou o segredo para a filha, deixou de sentir culpa, pois não precisava mais mentir e se esquivar. Entretanto, a vergonha continuou, e foi isso que a levou a permanecer escondendo seu relacionamento conjugal, mesmo com sua filha já sabendo de sua existência, mas foi o que também foi ultrapassado no terceiro relacionamento.

## Família S

A família S é composta por: Sabrina (mãe); Selene (filha); Sérgio (filho); Solange (primeira companheira); Sônia (segunda companheira) e; Soraia (terceira companheira)

Idade atual	47 anos
Idade no casamento heterossexual	17 e ? anos
Quanto tempo de casamento heterossexual	2 e 6 anos
Filhos	♀ ♂
Idade atual dos filhos	23 e 26 anos
Idade dos filhos quando a companheira foi morar com eles	5 e 13 anos
Idade dos filhos na revelação	7 e ? anos
Número de companheiras após o casamento	3
Relacionamento homossexual mais duradouro	13 anos
Com quem vive hoje	Filhos + neta

A entrevista de Sabrina foi realizada na proximidade da neta dela de três anos, que ficou brincando calmamente na sala ao lado. A vida de Sabrina é cheia de pessoas que entram e saem de sua estória, muitas vezes sem terem algum significado para ela. São muitos os acontecimentos, e em sua maioria, dolorosos e tristes. Ela sempre voltava ao mesmo assunto: sua primeira companheira, mesmo quando era perguntada diretamente sobre seu relacionamentos com os filhos. Para se compreender melhor o caso seriam necessários outros encontros, porém não foi possível tê-los, depois de dez tentativas de falar com a mãe ao telefone e deixar recados com os filhos, optou-se por desistir.

### 1 – O casamento heterossexual e a separação

Sabrina inicia seu relato fazendo um breve resumo de sua vida, dizendo que já foi casada, que teve dois filhos, dos quais só um foi criado por ela. Depois volta a falar de seus casamentos. O primeiro deles ocorreu aos dezessete anos, ela engravidou e seus

pais a obrigaram a casar com o marido, já que ela, na verdade, gostava de outro homem. Conta que a mãe a chantageou, ameaçou se suicidar caso ela não casasse, e sendo muito nova acabou casando.

Desta forma o casamento já foi concretizado tendo vários dos fatores que McGoldrick (1995) associa com a instabilidade conjugal, mulheres que casam com menos de 18 anos, gravidez pré-conjugal e pressão dos pais.

A primeira filha nasceu, mas o bebê morreu com três meses de vida, em consequência de infecção hospitalar. Assim, a razão que uniu este casal acabou por desaparecer, mas Sabrina continuou casada durante dois anos e oito meses. Quando decidiu que iria se separar, os pais continuaram a intervir em sua vida, e a mãe chegou a atirar uma faca em Sabrina por ela ter pegado as roupas dela e ameaçado ir embora. No entanto, o casamento era um “*inferno*”, relatando que o marido tentou matá-la por duas vezes, jogou o carro nela, atirou-lhe uma faca, e ela por sua vez quase enfiou o estilete no pescoço dele. Os pais, depois de muita conversa, perceberam que mantendo o casamento algo de ruim poderia acontecer, e assim, Sabrina obteve a permissão para se divorciar de seu primeiro marido.

Este primeiro casamento já demonstra muito sobre como é Sabrina e a forma como conduz sua vida. Fica claro que ela tem uma forte ligação com os pais, e que mesmo casada não saiu do domínio deles, deixando que sua vida fosse decidida pelo que eles achassem melhor. Não houve para Sabrina o período que McGoldrick (1995) chama de “jovem adulto solteiro”, um momento em que se estabelecer uma identidade nos mundos do trabalho e dos relacionamentos, ela não conquistou sua independência. Além de filha ela passou a ser esposa, mas continuou sendo uma pessoa manipulada pelas vontades de seus pais, deixando de lado o que queria para sua vida.

Quando se divorciou, voltou a namorar a pessoa de quem ela gostava antes do casamento, um homem que os pais não aprovavam por achar que não era bom o suficiente para sua filha. Ele estava noivo e manteve os dois relacionamentos por algum tempo, a noiva era o relacionamento oficial, enquanto Sabrina era o relacionamento paralelo. Sua primeira filha viva, que hoje tem 26 anos, é fruto desse relacionamento. Quando ela completou cinco meses, o pai casou-se com a mulher de quem era noivo.

Novamente nota-se o descontrole que Sabrina tem de sua vida, ela optou por ter um filho com alguém que já era comprometido, talvez numa tentativa frustrada de fazê-lo decidir-se por ela. Entretanto, de alguma forma, este homem não assumiu nem a filha, não contribuiu com a criação dela e de alguma forma, Sabrina não obteve a ajuda financeira obrigatória que este pai devia a filha. Selene só foi conhecê-lo quando já tinha treze anos e foi procurá-lo, mas o relacionamento entre eles foi superficial, já que a esposa dele não podia saber quem ela era. Ele morreu quando a filha tinha dezesseis anos.

Sabrina casou-se novamente quando sua filha tinha quatro anos, e permaneceu casada por seis anos, com um homem que é bem mais velho do que ela. Ela define o relacionamento entre eles como sendo bom, era um marido que não deixava faltar nada, mas que era muito ciumento e não a deixava fazer nada. Com este homem ela teve seu segundo filho, que hoje tem 23 anos. Ela não fala do segundo marido com muitos detalhes, não diz ter gostado dele mas sim que ele era uma pessoa boa, que cuidava dela.

As dificuldades que Sabrina relata sobre este relacionamento eram a implicâncias dele por ela trabalhar e a limitação que ele impunha a sua vida social. Assim, quando ela descobre-se apaixonada por Solange, decide separar-se de seu segundo marido, e ir morar com a sua primeira companheira. Sabrina diz sucintamente que o marido conheceu Solange e que quis ficar com o filho, mas que ela não deixou. A forma como

fala de sua separação faz sugerir que talvez este não tenha sido um ponto marcante e importante em seu trajeto.

Talvez por ter se separado para morar com outra pessoa, Sabrina não tenha passado pelo divórcio como Hetherington e Kelly (2003) o descreve, como sendo um processo doloroso de incertezas e readaptação. Além da felicidade e esperança de um novo amor, um dos fatores que talvez tenha contribuído para isso é a situação econômica tanto da Sabrina como da Solange, que possibilitava a continuidade do conforto material do qual estava acostumada.

Entretanto, pela falta de informações fica difícil compreender como se deu a disputa pela guarda do filho, se é que houve uma disputa. Mas sabe-se que o relacionamento de Sabrina com o segundo marido é amigável, eles se encontram e conversam civilizadamente, e até poucos anos atrás ele ainda pedia para que voltassem a viver juntos.

O relacionamento do Sérgio com seu pai é constante, eles continuaram a ter contatos, o ex-marido freqüentava a casa da Sabrina regularmente, e Sérgio passava alguns dias com o pai.

## **2 – Relação com a família de origem**

A relação de Sabrina com seus pais é bastante complicada, ela é muito ligada a eles, principalmente a sua mãe, mas em seu relato eles só aparecem para contrariar ou mesmo prejudicar a sua vida. A mãe é descrita como alguém que sempre a limitou muito, não a deixava fazer o que desejava, e isso ocorreu não apenas em sua infância como na adolescência e na vida adulta. Os pais parecem ter um poder muito grande sobre as decisões de Sabrina, e tiveram duas participações em seu relato que são marcadas por sofrimento e angústia. A primeira delas quando a proibiram de namorar

quem gostava e a obrigaram a casar quando estava grávida, e a segunda está relacionada com a Selene.

Após separar-se do primeiro marido, Sabrina voltou a morar na casa dos pais, mais precisamente na casa que ficava nos fundos da casa dos pais, o que facilitou que ela trabalhasse deixando a filha de três meses aos cuidados da avó. Ela relata que a filha nasceu com bronquite e que quando ela tinha cinco meses a doença foi se agravando, e ela foi deixando a filha na casa da avó para que ela não pegasse friagem. E essa foi uma das causas da Selene ter sido criada pela avó. Nas palavras da Sabrina:

*“...aí minha mãe falou: Vai passar com essa menina na chuva, tá chovendo, e choveu a semana inteirinha, aí ela falou: É melhor você deixar a tua filha aqui. Eu deixei, só que daí a menina foi se apegando a ela, e o dia que eu levava a menina pra minha casa, ela não dormia, ela chorava a noite inteira, e minha mãe também chorava e não dormia, e foi se apegando cada vez mais, e eu não tive como tirar, mas eu sofria muito, eu sentia falta, eu só tinha ela.”*

Dessa forma, a entrevistada explica como foi perdendo a filha para a avó, até que um dia, quando a menina tinha três anos, a avó foi até a casa da Sabrina e contou que registrara a Selene como filha dela. Sabrina não denunciou o ocorrido por medo de ver seus pais na cadeia, e fazer sua filha sofrer. Assim a filha dela passou, oficialmente, a ser sua irmã. O que ela sentiu e pensou sobre o que aconteceu ela expressou nesta passagem:

*“Eu fui pra casa da minha irmã, eu chorava, chorava, chorava, eu falava: Não tá certo o que ela fez, a filha é minha, quem pôs no mundo fui eu. Eu não tô dando a minha filha, não é um animal que você põe no mundo. E a minha filha é muito apegada aos meus pais, aí ela falava assim: Tenta entender, a menina é apegada a eles, você trabalha. Mas não é justo, a única hora que eu tenho pra ficar com minha filha, a noite, eu não posso, porque eles tomam conta, não querem deixar eu ficar com a menina. Aí a minha irmã falou: Pensa bem, se você denunciar, eles vão pra cadeia. Aí eu só chorei, me tranquei no banheiro e chorei, chorei, chorei, chorei, chorei.”*

O que pode ser visto no relato de Sabrina é que ela não teve forças para lutar

contra as decisões de seus pais, mesmo quando era seriamente prejudicada. A dependência que tinha não parece ter sido apenas econômica, morava na casa dos fundos, mas também era uma dependência emocional, sentia-se manipulada por eles, que a chantageavam com a possibilidade de suicídio caso não fizessem o que desejavam. Têm-se pais que não queriam que a filha crescesse e tomasse suas próprias decisões, e uma filha que abria mão de suas vontades para manter a família bem. Por muito tempo Sabrina permaneceu presa nesse jogo de forças, do qual sempre saía perdendo.

Mesmo assim, continuou a morar na casa dos fundos de seus pais, e sua filha sendo criada pelos avós. Desta forma, ela manteve contato com a filha, e mesmo quando se casou novamente, e mudou de casa, este contato não foi perdido. Apesar da Selene ser agora oficialmente sua irmã, Sabrina sempre ia visitá-la e levar presentes, nesses momentos ela dizia a filha:

*“A sua mãe sou eu, você tá chamando a sua vó de mãe, pode continuar chamando, mas a mamãe sou eu.”*

Durante os anos de casamento, os pais não aparecem no discurso de Sabrina, eles só voltam a aparecer quando ela já havia separado de seu segundo marido e os pais “descobriram” que ela foi morar com uma mulher. Sabrina relata que ambos nunca aceitaram essa atitude da filha, sua nova orientação sexual, pois sempre acreditaram que ser homossexual era algo errado e feio.

E com essa nova visão da filha, os avós tentaram dificultar ainda mais as visitas que ela fazia a Selene, embora segundo Sabrina, ela nunca tenha desistido e continuou a ver a filha durante toda a sua estadia com a avó. Entretanto, ela não pôde impedir que a avó transmitisse seus ideais para a filha, que cresceu ouvindo que a mãe era homossexual, e que isso era errado, anormal e motivo de vergonha para toda a família.

A relação com os pais foi piorando cada vez mais, e depois que Selene decidiu

voltar a morar com a mãe biológica, quando tinha treze anos, a relação tornou-se insustentável. Chegou ao ponto em que Sabrina disse a eles:

*“A partir de hoje, eu não venho mais aqui, vocês não vão na minha casa. Eu acho que fui um pouco radical, pouco não, acho que foi muito. Se vocês morrerem, não mande me avisar, e se eu morrer, não precisa ir no enterro, porque assim não vão passar vergonha, vocês não vão sentir vergonha de ter uma filha sapatona, e eu não vou ficar com remorso de ver vocês sofrerem pro minha causa tá bom assim? (...) Doeu viu? Doeu muito, às vezes eu choro quando sinto falta, dele não, da minha mãe, com tudo que a minha mãe fez de ruim, mas eu sinto falta dela.”*

Desta forma, tem-se que Sabrina não mais podia contar com seus pais desde que souberam que ela era homossexual, não havia mais suporte, não havia sequer uma convivência razoável entre eles. Entretanto, foi ao assumir-se homossexual que ela conseguiu afastar-se da forte influência que os pais tinham sobre ela. Perdeu o suporte deles, mas ganhou a liberdade para fazer suas escolhas.

O relacionamento hoje continua ruim, e Sabrina fala:

*“Até hoje eles não aceitam, já tem vinte anos, e eles não me aceitam, porque eu não falo com minha família, só tenho uma irmã que aceita, assim numa boa, elas e os filhos dela, o resto, todo mundo critica, que acha ridículo...”*

Sabrina fala com muita tristeza sobre esse desligamento que teve com sua família de origem, sente a falta da mãe, mesmo depois de todo sofrimento que ela lhe causou. Entretanto, durante seu discurso busca evidenciar que a presença de seus pais era sempre negativa, seja na infância e adolescência em que se sentia muito presa, seja em sua vida adulta, com a barreira que eles faziam para ela não crescesse e assumisse sua própria vida.

Apesar da homossexualidade de Sabrina ter sido o fato que a separou de vez de sua família, ele não foi o fator que deteriorou a relação, pois muito antes disso a relação

já estava desgastada devido ao jogo de poderes, ao uso da chantagem, mentiras e omissões. A forma como a família de origem e a Sabrina resolveram a situação apenas reflete o que já havia sido construído entre eles e evidenciou a falta de compreensão, de comunicação e de coesão que existia.

### **3 – As companheiras na família**

Sabrina conheceu sua primeira companheira no trabalho, onde todos sabiam que Solange era homossexual. Ela era discriminada por isso, mas Sabrina mostrou-se ser uma pessoa sem preconceitos e tornou-se sua amiga. Essa amizade durou um ano e dois meses, quando a entrevistada começou a se perguntar se o que ela sentia era amor ou era apenas uma amizade. Relata, e em seu discurso fica evidente, que ela sempre se sentiu atraída por homens, namorou alguns, casou com outros dois, mas que começou a perceber que sua relação com Solange era diferente. Nas palavras delas:

*“...aí eu descobri realmente que o dia que eu não a via, eu tava sentindo falta, mas eu achava que eu tava sentindo falta da amiga, que a princípio não era só isso, mas foi difícil, no começo eu relutei bastante, que eu não aceitava da mulher, que eu era casada, fui namoradeira, de repente se interessar por uma mulher, então foi muito difícil, eu imaginava o que iam dizer, minhas irmãs...”*

Sabrina descobre-se apaixonada por outra mulher e decide separar-se do segundo marido para viver com a Solange e com seu filho Sérgio. Estes anos em que os três moraram juntos é considerado por ela como os momentos mais felizes de sua vida, estava com seu filho e com a mulher que amava, e viviam todos juntos com muita tranquilidade e harmonia. Segundo Sabrina, o Sérgio era uma criança muito carinhosa e tinha uma ótima relação com a companheira. Nas palavras dela:

*“...pra ela (Solange) o Sérgio era o filho que ela nunca ia ter, tá? Então ela, no sábado ela não trabalhava, ela levava ele pro circo, pro videogame, ele era fascinado por casa de fliperama, em tudo os*

*lugares que ele queria ir, ela levava. Ela se sentia o paião pro Sérgio, e o Sérgio até hoje chama ela de tia, respeita ela muito...”*

Quando Solange entrou para a família S, Sérgio tinha cinco anos e ambos construíram uma boa relação, uma convivência repleta de afeto e carinho que dura até hoje. Quando a filha de Sérgio nasceu, Solange considerou-se avó, pois, para ela, tinha sido como uma mãe para ele. A visão de Sabrina é a mesma de Solange, ambas eram figuras parentais para Sérgio, elas eram responsáveis pelo sustento da casa, por criar e educar o menino.

Este período de alegria teve seu fim quando a filha, Selene, decidiu, aos treze anos, que preferia morar com a mãe do que com a avó. De início, o relacionamento entre todos foi tranquilo, a menina era o membro novo da família, e chegou assustada e cordial. Entretanto, Sabrina conta que com o tempo a filha foi “*pondo as garras para fora*”, começou a responder e ser mal-educada com a “tia”.

Sabrina conta que Selene tinha vergonha dela, não aceitava o fato dela ser homossexual. Como foi criada pela avó, cresceu ouvindo que sua mãe era homossexual, e o quanto isso era errado, feio e anormal.

Outros fatores podem explicar essa dificuldade com a companheira. A pesquisa feita por Lewis (1980) verificou que os filhos culpam as companheiras da mãe por ela “se tornar” homossexual. Desta forma, a raiva é direcionada apenas para a companheira, que passa a ser o alvo de intrigas e das tentativas para que ela deixe o lar.

Selene não era mais uma criança quando iniciou seu relacionamento com Solange. Em suas pesquisas sobre famílias heterossexuais re-casadas, Hetherington e Kelly (2003) afirmam ter encontrado uma grande resistência das meninas pré-adolescentes em relação ao novo cônjuge materno, que muitas vezes é visto como um intruso, talvez o mesmo ocorra com as companheiras das mães lésbicas.

Quando o irmão mais novo da Solange veio morar na casa da família S, ele aliciou-se a Selene para tentar terminar o relacionamento de ambas. Escreveram uma carta para a companheira dizendo que Sabrina tinha uma amante. Solange acreditou no que tinha lido na carta e foi tirar satisfação com a Sabrina, o que gerou uma briga cheia de agressões, que teve seu fim no hospital.

No total Sabrina, Solange, Selene e Sérgio ficaram juntos por quatro anos e pouco, mas depois desta briga o relacionamento conjugal delas não foi mais o mesmo. Sempre havia suspeitas de traições, falta de confiança, e elas não conseguiram superar as conseqüências de terem se agredido. Era o fim de um relacionamento de treze anos.

Sobre o término desse relacionamento Sabrina diz:

*“E sei que a minha separação foi mais pela minha mãe e pela minha filha, na época minha filha não aceitava. (...). Não aceitava eu estar com ela, o mundo de entendidos pra eles, minha mãe é... ensinou pra minha filha que era feio, que mulher tinha que casar com homem, então a Selene tinha muito preconceito.”*

A entrevistada demonstra aqui, a dificuldade que teve com seus filhos, mais especificamente com sua filha, e com suas companheiras. As mesmas dificuldades que são encontradas em qualquer re-casamento, adicionadas com o preconceito da filha. É visível a diferença de comportamento entre Selene e Sérgio.

Pode-se identificar três variáveis muito importantes que diferencia os dois filhos de Sabrina. A primeira delas é o sexo, as meninas, segundo Hetherington e Kelly (2003), mais que os meninos tendem a oferecer resistência a introdução de um padrasto, e neste caso, a companheira da mãe. A idade é outro fator importante, Selene tinha treze anos quando foi morar com a Solange, a idade mais complicada para esse acontecimento, já Sérgio tinha cinco anos, era muito mais novo, e portanto tinha uma tendência maior a aceitar um novo relacionamento de sua mãe e também a construir, ele mesmo, um bom

relacionamento com essa mulher. Entretanto, o que mais se sobressai no relato de Sabrina é o fato de não ter criado Selene, e assim ela não pôde transmitir a ela seus ideais, conceitos e crenças. Quem o fez foi a avó, que tem preconceito de homossexuais e os transmitiu a Selene.

A filha cresceu ouvindo a avó dizer que sua mãe era homossexual e o quanto isso era errado e anormal. Embora opte por se afastar da avó, Selene não deixa de sentir vergonha de sua mãe, sentir vergonha por ter uma mãe que fugia ao que aprendeu a considerar ser correto. Tendo vivido uma situação de rupturas, Selene dificilmente teria construído um bom relacionamento com a Solange, e vê-la como a vilã que levou a mãe para o caminho errado da homossexualidade é mais fácil do que aceitar que sua mãe gosta de mulheres.

Sabrina aponta que a filha foi a principal causa do término de seu primeiro relacionamento homossexual:

*“E a Solange fazia de tudo pra conquistá-la, mas o preconceito dela falou mais alto, aí era muitas brigas, muitas discussões, aí a Solange mesma resolveu ir embora...”*

Desta forma, tem-se que Selene alcançou seu objetivo de desestabilizar o relacionamento da mãe, entretanto, no relato de Sabrina fica claro que a tentativa da filha de separá-las, escrevendo uma carta relatando uma falsa traição, é apenas um dos fatores que levou a essa separação. O que decorreu após esta carta, as agressões físicas e mesmo um relacionamento da Sabrina com outra mulher no período entre brigas, contribuíram para o término da confiança que existia neste primeiro relacionamento conjugal de Sabrina. Entretanto, como acontece em todo o relato, a fala da entrevistada parece indicar que ela não contribuiu para o término da relação, ela não tem controle do que acontece em sua vida.

A saída de Solange da família S indica como os dois filhos relacionaram-se diferentemente com ela. O carinho que Sérgio tinha por Solange fica evidente quando a mãe fala de como ele ficou triste, sentiu a falta dela e até hoje é ligado à mesma. Já a filha apenas sentiu a queda econômica da família. Queda econômica que, segundo Hetherington e Kelly (2003), é experimentada por grande parte das mães que se divorciam de seus maridos. Sabrina diz:

*“Só que depois, foi ficando difícil, e eu não tinha ela pra me ajudar, e agente teve que, algumas mordomias foram cortadas, acho que foi aí que a Selene caiu na real, que ela fazia falta, mas desse lado só, que ela sentiu falta da Solange.”*

Após um ano morando sozinhos, a segunda companheira da mãe, Sônia, foi morar com eles. O relacionamento durou quatro anos, e ela o descreve como “*uma catástrofe*”, pois a companheira não trabalhava, passava o dia no “*boteco*”, e além disso:

*“...aqui ninguém sabia que eu era entendida, aí eu passava, os outros mexiam, e ela já tava meia alta: Que que você tá mexendo com a minha mulher? Sabe? Começou a falar que eu era a mulher dela, e a minha filha ficou se sentindo envergonhada...”*

Este relacionamento foi bastante conturbado, e segundo a mãe, cheio de brigas e só terminou quando a Sabrina pediu para que a mãe de Sônia viesse buscar a filha e a levasse embora.

Ela refere-se a esse relacionamento como tendo sido um erro, e conta algumas confusões que Sônia causou em sua vida, além disso, nenhum dos filhos parece ter construído um relacionamento afetuosos com ela. Selene manteve seu comportamento de repúdio as companheiras da mãe, enquanto Sérgio tinha um relacionamento agradável com ela, porém sem muita proximidade. Sônia entrou e saiu da família sem ter construído laços fortes com qualquer um deles.

Já a terceira companheira de Sabrina morou junto de sua família por três anos. Ela considera que esta é a única companheira com quem o filho não se relaciona bem. Ele “emprestou” seu nome a ela, para uma compra, mas com isso ela não pagou o que devia, e o nome dele acabou indo para o SPC e ele não pode fazer o empréstimo para pagar o último ano de sua faculdade. Ela diz que Sérgio não a suporta, mas não a maltrata, fala com ela por e com educação. A filha também “*não se deu bem*” com essa companheira, tentou separá-las da mesma forma que fez com a primeira, e assim, contribuiu para que a estadia dela na casa tivesse seu fim.

Assim, nota-se que novamente Selene não aceitou a companheira da mãe dentro de sua casa. Entretanto, segundo a mãe o fato dela ser homossexual não é o único motivo do comportamento rude de Selene para com as suas companheiras, ela aponta que a filha é muito ciumenta, e sempre disputava sua atenção. Desta forma, não se pode afirmar que depois de todos esses anos Selene não tenha aceitado que sua mãe é homossexual, mas sim que não aceitou uma mulher vivendo com ela e com sua mãe.

Apesar do relato de Sabrina ser mais focada em suas companheiras do que nos filhos, ela aponta que em sua vida, ela fez o contrário, que se anulava pelas crianças:

*“Quando ela (Solange) chegava do serviço eu não sabia fazer um carinho nela mais, porque... eu trabalhava fora também, então quando eu chegava ficavam todos em cima de mim, e eu não conseguia dividir o carinho, eu só dava atenção pra eles e me esquecia dela, e isso eu acho, é um erro meu muito grande...”*

Portanto, segundo a mãe, ela foi muito dedicada aos filhos, e mesmo prejudicou seus relacionamentos pois não conseguia conciliar o tempo, a atenção e o carinho que tinha entre os filhos e as companheiras. Sabrina considera que havia uma grande mistura de interesses, necessidade atenção, ciúmes, preconceito e que ela própria tem consciência dessa mistura que fez entre suas companheiras e seus filhos. Quando

perguntada que conselho daria a uma mãe homossexual, ela diz:

*“...olha eu acho assim, que não deve deixar misturar as coisas, fazer o que eu fiz, deixar de viver sua vida, pra viver só a vida dos filhos, porque agente não cria filho pra gente, cria pro mundo, depois eles casa, vai cada uma pra sua casa, e você fica sozinha. Mas também não deve desprezar seus filhos por ninguém, por caso nenhum, porque o caso acaba, existe ex-caso, mas ex-filho não existe. Então nem tanto a montanha, nem tanto Maomé. Não brigue com seu caso por causa de seus filhos, não brigue com seus filhos por causa de casos, porque eu acho que não vale a pena.”*

Durante o relato Sabrina mostra-se dividida entre agradar os filhos e agradar a si mesma e a companheira, pois parece que durante seus três relacionamentos não conseguiu ter ambos, sem que alguém estivesse descontente. O conselho dela seria que as mães conseguissem algo que ela própria não conseguiu.

#### **4 – Relação com os filhos**

Esta mãe não fez a linha do relacionamento com os filhos, e assim algumas informações deixaram de ser obtidas. O foco da entrevista é dado em como a homossexualidade está inserida no relacionamento entre Sabrina e seus filhos, ficando de fora algumas informações sobre a gravidez, o relacionamento inicial dela com as crianças, bem como outros pontos não relacionados a homossexualidade da mãe que não apareceram no discurso e que visavam compreender o relacionamento mãe-filhos de forma mais ampla.

Outro fator que prejudicou a entrevista, foi a tendência da Sabrina de falar de sua primeira companheira mesmo quando a pergunta era sobre seu relacionamento com as crianças. Esse tema voltou diversas vezes durante a entrevista, pois como ela mesma afirma, ela “*mistura as coisas*”, e sua fala reflete isso.

Sabrina foi morar com sua primeira companheira, Solange, quando Sérgio tinha apenas 5 anos e nesse momento ela teve uma conversa com o filho, na qual disse:

*“Ah, eu sentei ele, e expliquei: A mamãe não dá mais pra ficar com o papai, a mamãe conheceu a tia Solange e nós vamos morar tudo junto, tá bom? Daí ele falou: Tá bom”*

Desta forma simples, Sabrina contou a Sérgio que estava se separando do pai dele e também que agora ele iria morar com outra mulher. Da maneira como Sabrina relata o acontecido, parece apenas ter anunciado a separação, não houve um diálogo, uma reafirmação que os pais continuavam a gostar dele, qual o motivo da separação, ou qualquer conversa sobre os sentimentos envolvidos nessas mudanças.

Ela continua seu relato dizendo que foi “*preparando*” o filho, dizia que algumas pessoas achavam feio que as duas morassem juntas, mas que elas não achavam. Sérgio era muito novo e de alguma forma a informação que sua mãe deixou seu pai para ficar com outra mulher não foi compreendida, seja pela idade que ele tinha, seja pela dificuldade ou não intenção de Sabrina de explicar ao filho. Ele entendeu apenas que não veria mais seu pai com tanta frequência e que agora moraria com Solange, uma pessoa de quem sua mãe gostava.

Sabrina relata que Sérgio só “*teve certeza*” dois anos depois dessa conversa, quando ele compreendeu quem era a Solange e o que elas “*estavam fazendo lá*”. A mãe conta, que certo dia, ele perguntou se ela namorava a tia, ao que ela respondeu que sim. Sabrina aponta que o menino ouviu na rua isso, e que ele apenas disse “*tudo bem*” diante da confirmação que sua mãe e a “tia” Solange tinham um relacionamento conjugal. Novamente nota-se a ausência de comunicação, foi apenas uma confirmação, não houve uma conversa sobre o que isso significava pra ele, como ele deveria lidar com os colegas que contaram para ele, o que ele sentia.

Segundo Sabrina essas duas foram as únicas conversas sobre o assunto até ele fazer treze anos. Portanto, tem-se um pacto de silêncio no qual nenhum dos membros da família S falava sobre o assunto. Clunis e Green (2003) comentam que os pactos de

silêncio ocorrem quando a mãe deduz que tudo está bem e que seu filho não tem dúvidas e questionamentos, pois ele não pergunta nada, já o filho não pergunta nada pois acha que esse é um assunto que não deve ser tocado, pois sua mãe evita falar dele.

Apesar dessa ausência de comunicação quando o tema é a homossexualidade ou seu relacionamento com Solange, Sabrina relata, em todo o seu discurso, que o filho Sérgio sempre a aceitou como sendo homossexual, que não houve preconceito nem rejeição. Ela descreve que sabe disso pois ele sempre se relacionou muito bem com ela e com a Solange, era carinhoso e afetuoso com elas, ao contrário da Selene que sempre mostrou seu descontentamento por meio de agressões verbais e tentativas de separar a mãe de suas companheiras.

Os três viveram oito anos juntos, até que a filha mais velha, veio morar com eles. A decisão de sair da casa da avó foi da própria Selene, que segundo Sabrina, não agüentou as imposições e o rigor da avó, que não a deixava sair de casa. Assim, pela primeira vez, a mãe estava reunida com seus dois filhos, e também com sua companheira.

Sabrina não precisou contar para Selene que era homossexual, pois a avó já o tinha feito e a adolescente sabia disso quando optou ir morar com a mãe. Essa decisão poderia ser uma demonstração de aceitação mas não o é, e com o tempo o preconceito foi sendo mostrado. Ela conta que de início a filha chegou toda retraída e tímida, chamava Solange de “tia”, e que a família S teve bons momentos juntos. Ela relata um deles:

*“...então, na semana, era impossível, almoçar e sentar todo mundo junto, eu trabalhava e ela também, às vezes eu chegava num horário, ela em outro, os horários assim, então no sábado e no domingo eu não abria a mão disso, eu que colocava a mesa, que colocava comida no prato de todo mundo, e todo dia eu queria fazer uma sobremesa diferente, sabe?”*

Sabrina conta que apesar de não estar todos os momentos de sua vida com os filhos, pois ela trabalhava, sempre fez tudo por eles: faziam os passeios que eles gostava, comprava os que eles queriam. Aponta também, que isso até acabou os prejudicando, tornando-os um pouco acomodados. Exemplifica que dias antes da entrevista, estava na casa da atual companheira e o Sérgio, que hoje tem 23 anos, ligou para reclamar que ela só tinha comprado frango.

Como foi dito anteriormente, Selene ficou sabendo que sua mãe era homossexual pela sua avó, que também transmitiu seus conceitos de que isso era errado, feio e pecaminoso. Desta forma, Sabrina refere que a filha “*tinha vontade de morrer*” por ter uma mãe homossexual, que sentia muita vergonha e quando levava colegas em casa pedia para que Solange não chegasse nem perto da Sabrina. E apesar da mãe nunca ter beijado sua companheira na frente dos filhos, a filha dizia:

*“Nossa, a Selene tinha vontade de morrer, a Solange não chegava nem próxima de mim: Ah, tia Solange não encosta nela não! Encosta nela não! Aiii...”*

Sabrina também diz que nunca ter beijado a companheira na frente dos filhos é um respeito que tinha por eles, mas que ela sempre foi muito carinhosa com a companheira, mas da mesma forma que o filho também o era, demonstrando seu carinho deitando no colo, fazendo cafuné, dando beijo no rosto, enquanto assistiam à televisão.

Entretanto, fica claro que o limite ideal era diferente para Sabrina e Selene. A mãe expressava seu afeto pela Solange com atos pouco sexualizados, este parece ser o limite que Sabrina põe em seu relacionamento em respeito aos filhos. Porém, por sua fala, há a indicação de que Selene gostaria que este limite foi muito mais rígido e que não houvesse qualquer contato entre elas em sua presença.

Desta forma, parece que Sabrina sentia-se confortável, pelo menos dentro de sua casa, sendo homossexual, para ela não havia motivos para se envergonhar do amor que sentia pela Solange e nem razão de não expressá-lo na frente dos filhos. Já Selene sentia-se envergonhada ao menor contato entre elas, o que indicaria que os conceitos que sua avó lhe passou realmente foram introjetados.

Apesar dos pedidos de Selene para que não presenciase o relacionamento conjugal, o assunto homossexualidade só foi realmente conversado quando Sérgio tinha treze anos e Selene quinze, eles perguntaram para a Sabrina como era “*mulher com mulher*”. Antes havia pedidos e desentendimentos, mas não uma conversa. Ela conta como foi a conversa que teve com os dois:

*“Ahh, eles queriam saber na parte sexual, como duas mulheres faziam, como dois homens faziam, e eu falei pra eles. Foi um ataque de riso, eles riam tanto que não conseguiam parar de rir, eu achei normal, assim, a atitude dele, de eles rirem, que eles não sabia, aí depois começaram a ver fita, eu tinha uma locadora, daí pegava fita pra eles verem. **Que fitas?** Fitas pornô mesmo, de mulher com mulher, homem com homem, pra eles não ficar fazendo tanta pergunta, e tem coisas assim que por mais liberal que eu fosse, você fica assim né? Hoje não que ele já é um homem, agente não tem rodeios uns com os outros, mas na época fiquei assim sabe? Eu falei: Quer saber, vou dar uma fita pra eles assistirem.”*

Neste trecho da entrevista, Sabrina deixa transparecer que se sentia envergonhada quando os filhos perguntavam algo sobre sua sexualidade, e que mostrar um filme pornô para eles foi a forma de fazer com que parassem de perguntar sobre as coisas que ela não se sentia à vontade para responder. O filme não foi um instrumento de conhecimento, uma ilustração que a mãe quis dar aos filhos, mas sim uma forma de calá-los e de se livrar das perguntas constrangedoras. Foi também uma forma de distanciar o tema de si, de modo que não tivesse mais como foco o relacionamento sexual dela com a companheira mas sim as relações homossexuais em geral.

É difícil ter um esboço de como funcionava essa família, como era o relacionamento entre eles, como era seu cotidiano, pois ao ser perguntada a mãe sempre voltava a falar de Solange mesmo quando ela não morava mais com a família S. Esse movimento pode ser observado claramente quando se pergunta a Sabrina como foi para ela morar sozinha com os filhos. Ela responde:

*“Ué, pra mim normal, que já tinha um ano que eu tava lá morando com eles, só estranhei ter vindo pra esse bairro, porque eu não suporto isso aqui, tanto é que eu to indo embora daqui. Mas eu sinto saudade, acho que é a única mulher que passou na minha vida, que eu senti saudade mesmo, foi com ela...”*

Este trecho é bastante significativa para se compreender a entrevista, e em como ela contém pouco do relacionamento com os filhos, e muito sobre as companheiras que a mãe teve. A sensação que fica é que Sabrina ainda não se desligou da Solange até hoje, e que é muito pesaroso para ela saber que sua vida não está mais intimamente ligada a da companheira, que ambas seguiram separadamente seus caminhos.

O filho Sérgio é descrito pela Sabrina como sendo muito afetuoso, uma pessoa que não cria e nem se envolve em conflitos, alguém fácil de se conviver. Já Selene é vista como criadora de conflitos, a filha é descrita como “*meio problemática*”, tem ciúmes do irmão, das companheiras, e em seu discurso, ela aparece diversas vezes como a fonte dos problemas conjugais de Sabrina.

Em sua descrição, a filha passou a aceitá-la apenas há dois anos atrás, quando Selene passou por uma experiência muito importante que a fez valorizá-la. Sabrina conta que a filha saiu de casa, por causa da briga com a terceira companheira, Soraia, e foi morar com alguns amigos, mas quando Selene sofreu um acidente ninguém cuidou dela, e ela voltou para casa para que a mãe o fizesse.

A Sabrina fala de como foi essa mudança:

*“Ela ficou sabendo pelos meus pais e minhas irmãs né, que contaram, mas contou daquele jeito, assim: A sua mãe é uma sapatona, sua mãe é sapatona, é horrível isso, é pecado. Pra ela era um bicho de sete cabeças, hoje ela fala: Como eu fui ingênua, como eu fui preconceituosa. Fazer o que né? Mas um dia agente aprende né? No começo eu também não aceitava, eu não me aceitava, imagina ela, com a minha mãe que fazia a cabeça dela, hoje em dia eu posso ficar com quem eu quiser, eles não ta nem aí, querem mais é que eu seja feliz. Ainda brinco muito com eles, daí o Sérgio fala: Mãe, você tem mais é que beijar na boca e ser feliz. E ela: É mesmo mãe.”*

No momento moram na casa Sabrina, Selene, Sérgio e a filha deste, e o relacionamento deles, segundo a mãe é “normal”, não há mais brigas, apenas pequenas discussões que ela chama de “brigas de mãe com filho”, para que eles não esqueçam a roupa suja no banheiro, ou para que Sérgio cuide melhor da própria filha. Ela diz que eles assistem à televisão juntos, conversam muito sobre namoradas e namorados e brincam muito também, ela relata que sempre fala para a filha:

*“Eu vou arrumar um gato pra você, tá? Porque assim, se você quer cuidar da vida dos outros, você vai cuidar de um gato, sete vidas ainda, daí você deixa a minha vida.”*

Essa frase que é em tom de brincadeira, na verdade expressa o quanto a mãe se sentiu prejudicada com a intromissão de sua filha em seus relacionamentos, e seu desejo que ela não interfira mais na vida dela. A frase também indica a dificuldade própria de definir limites e controlar a própria existência.

Olhando para trás, Sabrina faz uma reflexão dizendo que muitos dos problemas que teve com a filha são advindo da criação que Selene teve, que a vergonha que sentia por ter uma mãe homossexual é consequência de ter crescido ouvindo a avó dizer que isso era errado e feio. É-lhe difícil imaginar quão confusa deve ter sido sua infância tendo mãe e avó alternadamente identificando-se como figuras maternas, e não tendo contato com o próprio pai. Ela acredita que o fato dela ser lésbica tenha feito a filha não

vê-la como amiga. Ao ser perguntada sobre o que a homossexualidade teria trazido para sua relação com seus filhos, ela diz:

*“Eu acho... que ela não me vê como amiga, é... difícil ela se abrir muito comigo, só quando ela não tá agüentando mais, ela prefere se abrir com outros do que comigo, me afastou dela.”*

Já o filho mais novo foi criado por Sabrina, ele era pequeno quando soube que sua mãe era homossexual e nunca teve vergonha disso. Assim, ela relata que o fato dela ser homossexual não interferiu em nada o relacionamento deles.

Sabrina manteve seu relacionamento com a Soraia, mas a companheira não quer morar com a filha dela devido aos acontecimentos do passado. Assim hoje planeja sair de casa para ir morar com ela, levar consigo a neta e deixar os filhos morando sozinhos.

Sobre o futuro Sabrina diz:

*“Eu acho assim, vai ficar uma distância entendeu? Porque eles vão estar morando aqui e eu na (bairro), vai ficar uma saudade no começo, eu sou chorona, sei que vou chorar muito, entendeu? A Soraia vai ter que ter muita paciência comigo, porque eu sou muito apegada a eles, vai ser muito difícil pra mim, vai bater aquela saudade, a preocupação, se eles estão comendo, se a roupa deles tá limpa, que a Selene não é muito de lavar a roupa, ela só faz comida direitinho quando ela tá afim, quando não tá faz qualquer coisa, eu vou tá sempre preocupada com isso.”*

A forma que encontrou para não ter que ficar sem os filhos foi futuramente abrir um comércio perto dos filhos, passar o dia perto deles e assim tentar ter tanto os filhos como a sua companheira. Desta forma, Sabrina pretende não cometer os erros que ela acha que teve em sua vida. Ela diz:

*“Não brigue com seu caso por causa de seus filhos, não brigue com seus filhos por causa de casos, porque eu acho que não vale a pena. Se agente pudesse juntar o útil ao agradável, é difícil, muito difícil...”*

### **Algumas reflexões sobre o caso**

A sensação que se tem ao ler a transcrição da entrevista é que a entrevistada está tentando tomar o rumo de sua vida, que antes ela não foi capaz de fazer isso, os acontecimentos parece que estavam longe de seu controle, ela não pôde casar com quem queria, não pôde ficar com a filha, não pôde continuar com seus relacionamentos. A sua vontade, desejo e sonhos parecem não contar em sua vida, eles não chegam nem a fazer parte de uma decisão, pois parece que não há decisão, as coisas simplesmente acontecem.

Sabrina traz uma estória de vida bastante complicada, e que por si só já se despende muito tempo para compreendê-la em seu todo. Muito pouco se soube sobre o que ela pensou e sentiu nesses momentos, diante de tantos acontecimentos, parece que estes tomam um segundo lugar em seu discurso, no qual ela tem, muitas vezes, o papel de vítima.

Quando a companheira foi morar com a mãe, o filho era bastante novo, e a aceitou como parte de sua família. Entretanto, a filha estava com treze anos quando entrou neste sistema, a mãe não teve a oportunidade de revelar-se para ela, e nem de prepará-la e ajudá-la a lidar com a situação.

O relato de Sabrina aponta para uma mãe muito dedicada aos filhos, e que muitas vezes essa dedicação é sentida como uma submissão, assim como a vontade dos pais prevaleceu quando era jovem, quando adulta prevaleceu a vontade de seus filhos. Hoje ela parece se ressentir de ter deixado de lado seus desejos, de não ter lutado por eles, entretanto a saída que encontrou para os constantes conflitos entre suas companheiras e sua filha é não morarem todos juntos, é ela sair de casa. Desta forma, Sabrina não conseguiu criar formas de fazer com que todos vivam harmoniosamente, ela não encontrou uma solução para que seus re-casamentos se estabilizassem.

## Família J

A família J é constituída por Janaína (mãe); Jenifer (filha mais velha); Jéssica (filha mais nova) e Joana (companheira)

Idade atual	48 anos
Idade no casamento heterossexual	24 anos
Quanto tempo de casamento heterossexual	11 anos
Filhos	♀ ♀
Idade atual dos filhos	16 e 20 anos
Idade dos filhos quando a companheira foi morar com eles	4 e 8 anos
Idade dos filhos na revelação	4 e 8 anos
Número de companheiras após o casamento	1
Relacionamento homossexual mais duradouro	13 anos
Com quem vive hoje	Comp + filhas

Janaína dificilmente refere-se a sentimentos, pensamentos, dúvidas ou questionamentos de modo explícito, preferindo manter-se apenas na descrição dos acontecimentos. A impressão é de uma mulher segura de si-mesma, e com uma crença forte de que a verdade, o respeito e a liberdade de escolha são sempre os conceitos que determinam o melhor caminho a ser percorrido. Para esta mulher nada é considerado um problema ou algo ruim, mas sim coisas a serem superadas e acontecimentos que trazem ensinamentos.

### 1 – O casamento heterossexual e a separação

Janaína começa seu relato com o casamento que durou onze anos. Um relacionamento que ela considera ter sido bom, com respeito e carinho mútuos. Havia uma forte amizade entre os dois, mas que, de alguma forma, ela sentia falta de algo:

*“Se eu falasse: Ahhh, eu to com vontade de tomar sorvete. Ele ia lá e comprava. Tudo o que eu queria ele sempre me deu, eu nunca soube... o que foi uma dificuldade, não era isso... o que eu queria, entendeu? Então dentro de mim eu sentia um vazio, eu tinha tudo, conforto, tudo que uma mulher gostaria de ter, vai. Mas por dentro eu*

*era uma pessoa vazia.”*

O relato de Janaína sobre o casamento é breve e sem detalhes, atendo-se a dizer o quanto era amiga e ainda o é de seu ex-marido, e de como ele satisfazia suas vontades. A descrição do casamento é sem paixão, mas com muito carinho.

Com o passar dos anos o relacionamento que tinha com o marido foi modificando-se, passou de amor a amizade, e apesar de todo o companheirismo que tinham, a parte sexual tornou-se inexistente. Eles já haviam combinado que permaneceriam juntos até que um dos dois encontrasse e se apaixonasse por um terceiro.

Hetherington e Kelly (2003) apontam que o que faz um casamento durar é ele ser construído com base no respeito, suporte, e interesses mútuos. Essas características estão presentes no casamento de Janaína, e talvez tenham sido elas que o sustentaram por onze anos, mas que não foram suficientes para mantê-lo.

O que parece ter faltado foi realmente a satisfação sexual e o forte envolvimento emocional por parte dela, pois pelo relato o casamento era constituído de amizade, carinho, afeto, suporte, compreensão mútua e mesmo uma comunicação fluente. E talvez isso explique como os acontecimentos se desenrolaram durante e após a separação.

Quando Janaína conheceu sua futura companheira e percebeu-se apaixonada, a primeira coisa que fez foi contar ao marido, relatando-lhe que tinha encontrado outra pessoa e que essa pessoa era uma mulher. Segundo Janaína, a reação dele foi bastante compreensiva, não brigou com ela, nem pediu a separação, solicitou apenas que desse um tempo para si mesma, para refletir sobre o que estava acontecendo, para avaliar se não era apenas uma aventura ou uma curiosidade. Ela ficou por mais alguns meses na casa com o marido, mas não pelo motivo que ele pedira, e sim porque precisava reformar a casa onde mora até hoje.

A reação do marido foi diferente do que é relatado por Green e Clunis (2003)

como sendo o usual, e talvez Janaína soubesse que seria assim. Trata-se de uma decisão que já se encontrava em estado potencial, é o que se denomina divórcio emocional, no qual o desinvestimento na relação já ocorrera.

Segundo Hetherington e Kelly (2003), muitas mulheres mantêm um casamento insatisfatório por temer a perda de poder aquisitivo após o divórcio, o que de fato acontece, mas Janaína sempre trabalhou e assim um dos motivos estressores para as mães não existia no caso dela. Ela também não temeu por momento algum perder a guarda da criança, e ao ser perguntada, justifica dizendo que o marido sabia que ela era uma boa mãe, e que gostava muito das filhas e que isso não mudaria apenas porque ela agora se relacionava com uma mulher. A possibilidade de sofrer preconceito e ser estigmatizada também não é considerado como foco de ansiedade ou insegurança.

Neste período de tempo em que permaneceu morando com o marido, Janaína continuou se encontrando com Joana, que foi apresentada para ele, chegou a freqüentar a casa na festa de aniversário da Jéssica. Ela conta que na festa a companheira foi bem tratada pelo marido.

Após o tempo que teve de esperar a casa ficar pronta para morar com a companheira, Janaína contou para as filhas que iria viver com outra mulher e foi morar sozinha com a Joana. Ela deixou a filha mais velha, de oito anos, com os avós e a mais nova, de 4 anos, com o ex-marido. Ela relata que a Jéssica ficou com o pai, pois estava no meio do ano, e não queria que a filha mudasse de escola de repente, e a empregada que sempre cuidou das crianças permaneceu com o pai. Nas palavras dela:

*“Aí ele pediu um tempo pra mim, ele falou: Tudo bem é a sua vida, mas deixa as crianças comigo porque a escolinha era perto, aí você vem todo dia, vai ser normal, mas deixa elas. Porque tinha uma senhora que cuidava das minhas filhas desde que elas nasceram, e que morava na minha casa...”*

Assim, por alguns meses, Janaína e Jenifer moraram sozinhas, sem as crianças. A mãe via a filha mais nova nos fins de semana e a mais velha nas férias.

Em seu relato, fica claro que Janaína vê o papel de mãe como sendo o de cuidadora e mentora, sem que haja a necessidade de um relacionamento íntimo e próximo para que consiga exercer seu papel. Ela, como mãe, preocupa-se com o bem-estar das crianças e deseja que elas vivam com o maior conforto que possam ter, seja com o pai, com a avó, ou com ela mesma. Desta forma, parece permitir com tranquilidade que as filhas fiquem longe dela por alguns períodos de tempo. Por outro lado, não se pode negar o seu desejo de viver plenamente a sua re-descoberta da paixão e a vontade que teve de ficar sozinha com a companheira.

Três anos depois que saiu de casa, o ex-marido casou novamente, e para tal, eles se divorciaram legalmente. Janaína aponta que esse foi um momento importante na vida dela e de suas filhas pois foi nesse momento que as crianças acharam que poderia haver um distanciamento delas com o pai. Desde que a mãe saíra de casa, não havia dias marcados para visitas, o pai e as filhas se viam e se falavam freqüentemente, até mesmo ela e o ex-marido se encontram algumas vezes para conversarem, pois após o divórcio todos continuaram próximos e unidos. Neste momento Janaína re-afirmou que nada mudaria e as crianças pediram para que ela mantivesse o sobrenome do ex-marido e ela o fez.

A manutenção do nome do ex-marido parece não ter sido feito apenas para agradar as filhas, mas também porque é um símbolo da união que permaneceu entre todos, mesmo após o divórcio. Foram constituídas novas famílias, mas sem que houvesse perda do que os unia anteriormente, o carinho, a amizade, o suporte e o companheirismo, indicando que muitos divórcios podem manter a qualidade de relacionamento entre os envolvidos.

## 2 – Relação com a família de origem

Janaína fala de sua infância e adolescência como tendo sido muito limitada pelos pais, que a obrigavam a estar onde ela não queria, a se comportar de forma que não era ela. Ela vem de uma família numerosa, mas pouco fala de seus irmãos. Ela foi criada em um estado no Norte do país, em uma educação que ela chama de tradicional.

Os pais de Janaína continuaram a morar em um estado distante de São Paulo, quando a filha veio para cá, mas continuaram muito próximos. Eles vieram para o nascimento da filha mais velha e a avó permaneceu morando com eles por um ano e seis meses. A ligação era tão forte, que quando Jenifer fez sete anos, ela pediu e foi morar com os avós.

Entretanto, a forma como a família de origem de Janaína reagiu não foi a mesma do marido. Ela foi até a casa dos pais para revelar que estava morando com outra mulher, e a reação deles foi a de rejeição. A avó morreu alguns meses depois da revelação e apenas com o tempo seu pai passou a perguntar como a companheira estava, mas nunca passou disso.

Segundo ela, os irmãos não aceitam a sua homossexualidade até hoje. Durante um tempo eles ligavam na casa dela, e quando a companheira atendia, eles a xingavam e agrediam, até que ela falou para sua irmã:

*“Olha, por favor, respeite as pessoas, você não as conhece, não te dei esse direito, se você tem vergonha de mim, se você não quer me aceitar por eu ser homossexual, simples minha irmã, acabou, viva sua vida que eu vivo a minha, cabo! Sem histerismo.”*

A entrevistada aponta que a irmã mais velha é quem “fez a cabeça” dos outros irmãos. Ela dizia que a companheira apenas queria se aproveitar dela e de seu dinheiro, e que ela ouvia isso e apenas dizia que a vida era dela e que fazia dela o que quisesse. Nunca entrou em conflito direto com a irmã.

Janaína comenta que uma vez ela e a Joana foram a um aniversário de um familiar, e que ninguém falou, agrediu ou fez alguma brincadeira para com a companheira, pois ela não a deixou sozinha nem por um instante, mas que tudo foi muito falso, e que optou por não mais ir aos encontros familiares. Sobre esse desligamento de sua família de origem, ela revela:

*“...pela ignorância de meus irmãos, em nenhum momento eu senti uma ponta de sofrimento, porque meus irmão não aceitam o meu relacionamento, em nenhum momento, porque o importante é eu aceitar, eu, que sou eu que vivo.”*

Por seu relato, tem-se que Janaína sempre foi independente, veio para São Paulo, fez curso superior e mesmo dentro do casamento ela trabalhava e participava do sustento da casa. Ela passa a imagem de ser auto-suficiente, de não ligar para o que os outros falam ou pensam, pois sabe que ela consegue manter-se sozinha e ser feliz assim. Desta forma, o afastamento da família de origem parece não ter tido muitas conseqüências em sua vida, já que ela e a família J estavam vivendo bem e felizes, sem a necessidade do apoio e suporte de qualquer outro familiar.

Com o tempo o relacionamento com os familiares foi mudando. Hoje eles respeitam, não agredem mais e nem xingam a Joana. Janaína define seu relacionamento atual com a família de origem dizendo que eles “*se dão bem*”, mas não são próximos e não se encontram freqüentemente. Nota-se claramente que durante os anos que viveu com sua companheira, Janaína não teve apoio ou suporte de nenhum de seus familiares, mas obteve-o de seus poucos amigos e de seu ex-marido.

### **3 – A companheira na família**

Janaína conheceu a Joana em estabelecimento comercial e tornaram-se amigas, mas desde o começo houve uma sintonia entre elas. Janaína fala sobre o encontro com

sua futura companheira:

*“Desde esse dia, aí, aí ela falou: Nossa eu te conheço! E eu falei: Também te conheço. De onde não sabemos até hoje. Sei que vai fazer treze anos, que nós moramos junto, desde esse dia agente nunca mais se separou.”*

Ela não relata sobre os seus sentimentos quando se descobriu gostando de outra mulher, apenas que nunca teve atração por mulher, e que continua assim, ela gosta e sente atraída única e exclusivamente pela sua companheira, pela pessoa que ela é, e que o fato dela ser mulher é apenas mais uma de suas características.

Joana inicialmente conheceu o marido e a filha mais nova de Janaína, na festa de aniversário da Jéssica, tendo sido apresentada como sendo uma “*amiga*” da mamãe. Já a filha mais velha, Jenifer, estava morando com os avós quando a mãe namorava a Joana, e portanto só conheceu a companheira da mãe ao chegar para morar com ela.

Inicialmente Jéssica passava apenas os fins de semana com a mãe e com a Joana, indo pegá-la as sextas-feiras e levando-a para o pai, no Domingo. Ao ser perguntada como eram os finais de semana que passava junto com a filha e a companheira, ela limita-se a dizer:

*“Então... era... era legal, porque tipo assim, ela vinha a noite, agente dormia, quando chegava sábado, eu saia, ia pro zoológico, passava o dia, ou então agente ia pro horto florestal, levava ela no cinema, aquelas coisas todas, e passava o dia, e quando era no Domingo a noite, levava ela, e era assim.”*

O relato sobre os fins de semana que passou com a filha, assemelha-se com as atividades que são feitas com o pai que ficou sem a guarda da criança e agora passa alguns fins de semana com os filhos. São momentos de lazer e de alegria, com muitos passeios, numa tentativa de ter qualidade no tempo que passam juntas, de realmente aproveitar, já que não há muita quantidade. Além disso, parece não haver a parte chata

de ser mãe, como cobrar que estudem, que ajudem nas tarefas da casa, e outras cobranças que muitas vezes fazem parte da educação de uma criança.

Por alguns meses as coisas transcorreram dessa forma, até que a avó faleceu de enfarto, e Janaína foi buscar a primogênita e trouxe também a caçula pra morarem as quatro juntas. Ela conta que já tinham um quarto para a filha mais nova, mas que a companheira dela teve poucos dias para arrumá-lo pra chegada das meninas, apenas o tempo de buscar a filha mais velha.

Houve nessa família uma inversão de acontecimentos, o comum em uma família re-casada é o padrasto, no caso a companheira, chegar para morar com a família que já está constituída, mas na família J ocorreu o contrário, as crianças é que foram introduzidas na vida do casal, que estava morando junto há alguns meses.

Antes de todas morarem juntas, a mãe conversou com as filhas sobre a sua companheira, ela disse:

*“Então eu falei:*

*- Ó filha... é... a Joana você não precisa chamar ela de nada, né? Porque ela é minha companheira, vai viver com a mamãe, agente dorme junto, tudo.*

*- Ah, posso chamar de tia?*

*Porque? Porque aqui em Sp tudo é tia né?*

*- Você pode chamar de tia Joana. Tá, tá bom.*

*E ficou tia Joana até hoje.”*

A entrevistada relata que essa transição de casas ocorreu tranqüilamente, que nunca teve problema algum com as crianças e nem com a companheira. Ao ser perguntada como foi estarem todas as quatro morando juntas sendo que, as crianças não conheciam a companheira, ela fala:

*“Elas eram pequenas, então a Joana também sempre gostou de criança, e agente dava toda a atenção pra elas, né? Ia pegar na escola, tia Joana ia buscar, porque eu trabalhava,(...) então vinha trazia em casa e a senhora tomava conta delas aqui, sempre houve assim, esse*

*intercâmbio aí, sempre desde pequena, nunca teve assim... Então, é tipo assim, como elas eram pequenas, elas, na realidade, se moldaram a nossa vida... tá? Elas se moldaram, não foi uma coisa imposta, né? Elas foram se adaptando. Mas como foi isso? Assim, tranqüilamente, tranqüilamente.”*

Uma das características da Janaína é sempre ressaltar o conforto material em detrimento das necessidades emocionais. Assim, ao contar como foi a entrada das filhas em sua vida conjugal, enfatiza, o quarto das meninas, as mudanças que a companheira teve que fazer para que ele estivesse adequado para duas crianças, como por exemplo comprar um armário maior para que coubesse as roupas das duas filhas.

Outro aspecto que chama a atenção é que Janaína afirma que foram as crianças que se moldaram ao casal que já morava junto. Apesar de não dar detalhe algum de como foi esse período de transição, o que é esperado é que todos se adequassem as novas circunstâncias. Entretanto, como a própria mãe afirma, foram as crianças que entraram na família, elas é que se moldaram ao que já existia. Não foi ela e a companheira que o fizeram.

Já quanto ao relacionamento das filhas com a Joana, a entrevistada não fornece muitos detalhes, sabe-se que as filhas chamam a companheira de “tia”, e que nunca houve qualquer tipo de discussão entre elas. À ela coube a tarefa de buscar as crianças na escola e em outras atividades, de substituir a mãe em reuniões de escola quando ela não podia ir, ou fazer a matrícula das crianças. Sempre estava presente nos passeios, nas conversas e no dia a dia das crianças e participava no sustento da casa. Algumas tarefas como por exemplo, fazer comida e mandar tomar banho, era feito pela empregada da casa.

Segundo Clunis e Green (2003), o lugar que a companheira ocupa na família é definido pelo que ela faz, e desta forma, segunda a visão da Janaína, a companheira funcionaria como uma figura parental, já que participa ativamente da vida e da educação

das filhas. No entanto, da mesma forma como a mãe descreve seu papel no cuidar das filhas, ela descreve o papel de sua companheira, elas estão sempre juntas, compartilhando as tarefas do dia-a-dia, mas não há descrição de sentimentos e afeto entre elas.

Entretanto, as filhas chamam a Joana de “tia”, e foram morar com ela quando tinham quatro e oito anos, sempre mantiveram a presença do pai, e a mãe não relata a relação das filhas com a Joana como sendo afetuosa, mas sim como uma relação de boa convivência. Desta forma, tem-se alguns fatores que Clunis e Green (2003) apontam como sendo características que dificultam a aceitação da companheira como uma parental. É importante ressaltar que nem mesmo quando Joana fala de seu relacionamento com as filhas, aparecem claramente nomeações de sentimentos e afetos.

Assim não é possível perceber que lugar Joana ocupa na família J, sabe-se que as meninas conviveram por treze anos com a companheira da mãe, e elas parecem tê-la como uma pessoa querida, que faz parte de sua família, mas que não necessariamente tem um papel parental. Neste caso, para saber o lugar que as filhas dão a Joana seria necessário ouvi-las.

Já o relacionamento entre Janaína e Joana é descrito como sendo muito harmonioso e equilibrado. Os conflitos são resolvidos rapidamente, seguindo-se sempre os preceitos da mãe: liberdade, verdade e respeito. Janaína, ao falar de sua companheira, deixa transparecer o orgulho de ter encontrado alguém com quem possa contar, que se relaciona bem com as filhas e, principalmente, que a faz feliz.

#### **4 – Relação com as filhas**

Janaína aponta que o relacionamento com suas filhas começou antes mesmo delas nascerem, pois ela planejou o nascimento delas, escolheu o momento certo dentro de seu casamento para que uma criança entrasse na família. Ela conta que sempre quis ter dois filhos, mas que não tinha preferência pelo sexo deles. Dois anos após o

casamento, começou a planejar o nascimento de seu primeiro filho, ela diz:

*“Então eu comecei aqui a fazer o enxoval, então eu fiquei praticamente um ano fazendo o enxoval do meu primeiro filho, independente de ser homem ou mulher, tá? Quando foi... (mês) ...de 84 a Jenifer nasceu. Quando a Jenifer nasceu, eu tinha tudo o que uma criança podia ter e muito mais, porque ela foi planejada, tá?”*

Ela ressalta que sua filha foi planejada, que foi da forma que sempre quis, e que dessa forma, ela já a amava antes mesmo do nascimento, e poder dar tudo a ela era uma forma de demonstrar seu amor. Novamente a sua fala destaca a questão de poder oferecer conforto material aos filhos.

Ao falar de suas filhas, aponta que um momento especial com elas era quando as amamentava, ela diz:

*“Porque eu sempre achei, que o lado da amamentação, é um lado assim muito sagrado do filho, então tem que ser um local calmo, entendeu? Então, nunca dei de mamar, pras minhas filhas, em nenhum local assim, casa de mãe, casa de irmã, na sala, não. Eu tinha aquele ritual, quando minha filha ia mamar, eu ia pro quarto, muito calmo, e ficava, tá?”*

São poucas as vezes que Janaína relata situações passadas que viveu com as filhas, momentos que compartilharam, e este foi um dos que ela contou sem que fosse perguntado diretamente. Apesar da ausência de nomenclatura de sentimentos, o que acontece em todo o seu discurso, pode se notar a preocupação e o cuidado que tinha para com as crianças.

Quando a avó voltou para sua cidade de origem, a Jenifer foi para a escolinha, e a mãe resume sua vida nessa época dessa forma:

*“Então, minha vida era, levar minha filha na escolinha, levar o pai dela até o metrô, do metrô eu ia trabalhar, deixava meu carro lá, e na volta, nós fazíamos o seguinte, eu esperava o pai dela no serviço, ia até o estacionamento, daí encontrava eu ele, nós íamos na escolinha*

*buscar a Jenifer e da Jenifer ia pra casa.”*

A maneira como Janaína fala de seu relacionamento com as filhas é dando ênfase a rotina e aos acontecimentos, quando se pergunta como foram para ela esses momentos, não insere no discurso seus sentimentos e sensações. Ela mantém-se sempre no racional, seja em seu discurso, seja na forma como ela lida com as filhas.

E durante algum tempo a sua vida foi essa, até que ela teve a segunda criança, e com ela uma de suas maiores preocupações: que suas filhas fossem amigas e companheiras, que fossem cúmplices e se preocupassem uma com a outra. Essa ligação entre as meninas é relatada pela mãe como uma de suas maiores conquistas. Ela conta que sempre “*trabalhou*” isso com suas filhas, e em uma das passagens mais longas de seu relato, aponta como preparou a filha mais velha para a chegada de sua irmã, com quem iria ter que compartilhar as atenções dali pra frente.

Esta forma de preparar a filha, de tentar manter o controle através da preparação é uma das marcas de Janaína, que prevê o que pode acontecer e, aos poucos, vai conversando com suas filhas para que as situações se resolvam da forma como acha melhor.

Um dos trechos que exemplifica a relação da mãe com suas filhas é:

*“E também, criei meus filhos não no colo, tá? Do mesmo que veio da maternidade, foram criados, horário pra mamar, punha no berço, tá? Não foram crianças acostumadas no colo, e tá o tempo todo, primeiro porque eu não tinha tempo porque eu trabalhava, apesar de ter uma pessoa que cuidava delas, que ficava na minha casa diariamente, mas eu nunca gostei de ficar com as crianças no colo, pra não criar vício na criança, né?”*

Nota-se que da mesma forma com que a entrevistada não nomeia seus sentimentos na entrevista, ela também não os fazia com suas filhas. Que talvez sua forma de demonstrar amor e carinho esteja no cuidar delas, no prover o que precisavam, na

educação e no exemplo que lhes deu.

Aos sete anos de idade a filha mais velha vai morar com a avó em outro estado do país. Janaína aponta que a decisão foi da própria menina, que sempre foi muito apegada aos avós, e que ela simplesmente respeitou o espaço e a decisão da Jenifer. Durante esse período ela a via nas férias. Quando perguntada sobre como foi viver sem a filha mais velha, a mãe diz:

*“ ...agente se falava constantemente. E eu mandava material escolar, comprava roupa, essas coisas todas. Então não houve aquela coisa: Pô, fiquei tanto tempo sem ver minha filha. Não houve. Não houve. Não teve assim, de falar: Puxa, teve uma fase da minha vida que eu fiquei sem ver minha filha tanto tempo. Não.”*

Neste trecho da entrevista, fica mais uma vez marcado que mesmo a filha estando longe, Janaína não achou que seu papel de mãe havia lhe sido tirado, pois ela continuava a prover a filha e a comprar o que precisava.

Aparece pela primeira vez um dos valores dessa mãe que é a liberdade de escolha, Janaína é foi muito autônoma, sempre soube o que queria e buscou essas coisas para si. Ela deseja que suas filhas sejam da mesma forma, ela respeita as decisões delas, mesmo quando tinham apenas sete anos. Janaína deseja que suas filhas não dependam de ninguém e que arquem com suas escolhas, pois assim aprenderão a lutar pela felicidade.

O outro papel que ela destaca é o de dar exemplo as filhas, de ser um modelo, e ela sempre procurou mostrar-lhes que ser verdadeira e sincera são duas das qualidades fundamentais de uma pessoa. Foi por esses motivos que resolveu contar-lhes que iria se separar do pai dela e morar com a Joana. Assim, ela esperou as férias de meio de ano, para que ela e a caçula pudessem ir até o encontro da Jenifer e lá ela revelou para as duas juntas a nova situação.

Sobre a revelação da separação para as filhas, Janaína diz que enfatizou para as

meninas que ela continuaria sendo a mãe delas, que mesmo com a separação o relacionamento que elas tinham não iria mudar. A Jenifer continuaria a morar com a avó e a Jéssica com o pai, mas que todos continuariam a se ver e se gostar, e assim aconteceu.

Entretanto, em seu relato Janaína fala mais detalhadamente de como contou às filhas que ela agora gostava de outra mulher. Nas palavras dela:

*“As crianças... a Jéssica, eu nunca esqueço, ela era pequenininha, ela sentou e eu falei:*

*- A mamãe precisa falar uma coisa pra você, sabe, olha, mamãe...*

*Essas palavras eu nunca esqueço (...) falei:*

*- Olha minha filha, a mamãe tá gostando de uma mulher. Como que é gostar de mulher (ela se pergunta)? Mamãe tá namorando uma mulher.*

*Mas elas eram pequenas a Jéssica então não entendia. A Jenifer falou assim:*

*- Namorando?*

*Falei:*

*- É.*

*- Como você namora o papai?*

*Eu falei:*

*- É. Só que agora a mamãe não vai mais namorar o papai...*

*Sabe e elas, sabe? A Jenifer, a mais (velha), falou:*

*- E mãe como é que é?*

*Eu falei:*

*- A mamãe beija, a mamãe abraça.*

*Explique i pra minha filha, sempre fui real com elas... né? Aí eu falei:*

*- A mamãe vai trazer ela aqui, vocês vão conhecer... né?*

*- Ahh então tá bom.”*

Para Janaína, o momento da revelação para as filhas não foi um momento de questionamento, nem de angústias, pois ela sabia que o fato de ter um relacionamento com outra mulher não implicava que ela fosse deixar de ser uma boa mãe, não implica que deixaria de exercer sua função. Ao ser perguntada se antes de contar ela se preocupou com a reação das filhas, se pensou no que elas poderiam dizer ou sentir, Janaína responde:

*“Não! Nem um... até hoje nunca pensei. E vou te explicar porque. Porque é o que eu falo pra você, tudo que você... sente, você tem que falar, você não tem que guardar, eu sou uma pessoa muito aberta, pra tudo, eu espero isso delas. (...) até hoje eu nunca parei pra pensar nisso, porque eu acho que é perda de tempo, eu não preciso perder meu tempo em achar o que você pensa de mim, eu não preciso perder meu tempo, porque eu sou uma pessoa, eu, Janaína, te dou do bom e do melhor, porque eu acho que você merece, é isso que eu quero fazer pra você. Se pra você (filhas) não tá bom, é você que tem que chegar em mim e fala: Ó mãe, não quero. Pára de fazer tal coisa. Eu vou parar, não quer, não quer. Mas enquanto você não vier falar pra mim, eu não vou saber, eu vou continuar fazendo.”*

A fala de Janaína indica que ela acredita que se nada foi dito pelas filhas, tudo estava bem. Ao ser perguntada como elas lidaram com o fato dela ser homossexual, diz que não pode falar pelas filhas, mas que elas “*deram a entender*” que não estavam incomodadas, já que não perguntaram ou falaram nada. O que Clunis e Green (2003) apontam como sendo um problema comum das mães homossexuais, que vêm no silêncio de seus filhos a aceitação e a boa elaboração dos novos acontecimentos. Muitas vezes, as mães acham que seus filhos não falam do assunto porque está tudo bem com eles, mas na verdade criou-se um pacto de silêncio, no qual a criança sente que este é um assunto que não pode ser conversado. Talvez este não seja o caso da família J, já que o assunto homossexualidade, mesmo que racionalizado, apareceu em outros momentos, tendo as crianças feito perguntas a Janaína após essa conversa inicial.

Ela comenta em outra parte da entrevista o que mais ela conversou com as filhas:

*“...eu falei: Filhas, vocês são crianças, então vocês só vão entender o que a mamãe sente quando vocês gostarem de alguém. Aí vocês vão poder avaliar o que eu sinto. Fora disso, vocês não tem condições de me julgar. Vocês vão ver conversa, a família vai falar, sua avó, seu avô, seus tios... tá? Mas a pura verdade é o que vocês sabem, e só vocês sabem como nós vivemos; as pessoas lá fora fazem uma imagem, reduzem... tá? Mas, não vivem com a gente. São só vocês mesmas, é que podem, né? Tá buscando, pra dentro de vocês, o que é bom e o que é não é. Se vocês se incomodam, se vocês sentem vergonha, vocês tem que chegar na mamãe e falar.... entendeu?”*

Janaína busca mostrar para as filhas a diferença entre o que elas viverão, e o que será falado e pensado sobre os homossexuais. Tenta explicar para as crianças o que é preconceito, ou seja, mostrar que muitas vezes as pessoas acham que algo é ruim sem mesmo conhecer. A mãe ressalta que as filhas sabem como a família é, e não precisam se envergonhar se os outros dizem que é errado ou feio, pois elas sabem que não tem nada de errado e feio na família delas.

Entretanto, é importante ressaltar que as crianças tinham nessa época quatro e oito anos, e que talvez a capacidade de compreensão delas seja ainda limitada para entender os conceitos complexos de estigma e preconceito. Mas Janaína foi fiel a sua forma de lidar com os acontecimentos e, foi preparando-as, desde pequenas, para as situações futuras.

Com as crianças em idade escolar a preocupação foi com o enfrentamento dos colegas, sendo este um ponto que Janaína diz ter conversado com as filhas: sobre o preconceito e como lidar com ele. Ela aponta ter ajudado-as a como dizer para os colegas que a mãe era homossexual e a como se defender das agressões de outras crianças. Ela relata:

*“Porque eu acho que eu trabalhei elas, desde crianças, já pra adolescência, porque vai pra escola a tia leva, quem é? É a companheira da minha mãe. Aí viriam as perguntas: Sua mãe é sapatão? É. Sua mãe é isso? É. Minha mãe é tudo que você quer que ela seja, minha mãe é. Pronto, ninguém sofre... porque é a verdade, é verdade. Pra que esconder?”*

Em sua fala a mãe deixa transparecer para as filhas que ser homossexual não é algo que precise ser escondido, não é algo que envergonha ou que seja errado. Porém, não se pode deixar de notar o tom impositivo de sua fala, não transparecendo que tenha deixado para as crianças a opção de contar para seus colegas na hora que em que acharem melhor, ou mesmo optar por não contar.

Outro ponto que a fala da Janaína traz é sobre o sofrimento que o fato dela viver com outra mulher poderia acarretar em suas filhas. Para ela o sofrimento seria decorrente da criação de um segredo, de ter que ocultar pra os colegas que se tinha uma mãe homossexual, no entanto ela parece não perceber que talvez contar para os colegas também traga sofrimento. Quando ela diz que ninguém irá sofrer pois é verdade, talvez quisesse dizer que esse é o caminho em que se sofra menos, mas não que não haja sofrimento.

A própria mãe sofreu com o preconceito de seus familiares por viver em uma família que faz parte de uma minoria estigmatizada, mas encontrou a sua forma de enfrentamento. No entanto, ela parece ter dificuldade de reconhecer que a sua é uma das formas de lidar com a questão, que talvez seja para suas filhas. Cada uma das três tem a sua personalidade, diferentes características e por sua vez, suas próprias formas de enfrentamento.

Entretanto, Janaína relata que as meninas sempre souberam lidar bem com os colegas sobre a homossexualidade da mãe:

*“Porque as minhas filhas nunca tiveram um impasse, assim: Sua mãe é sapatão? É! A sua mãe é lésbica? É! Escuta ela é a minha mãe. Adoro minha mãe ela é... porque eu sempre falei pra elas: Filha quando agente ama, não importa o que a pessoa é ou o que a pessoa não é. Agente ama a pessoa. Não são rótulos... que as pessoas costumam rotular as pessoas... entendeu?”*

Janaína conta que nem ela e nem as crianças tiveram problemas na escola, que ela nunca contou para ninguém que era homossexual, mas que ia a todas as reuniões de pais, ela ou a Joana, e que ela acredita que deviam saber, mas que nunca chegaram a confirmar com elas. As filhas, a partir do ginásio traziam as colegas para casa, iam pra casa das colegas e nas festas de aniversário os pais das crianças participavam e era tudo “normal”. Nunca houve problemas com os pais e nem com as crianças no que se refere

a sua homossexualidade.

Apesar de Janaína ter afirmado que foram as filhas que se moldaram a sua vida, ela aponta que ela também tomou cuidado com algumas questões como a não “agredir” suas filhas e nem ninguém por ser homossexual, ela explica:

*“Você é uma pessoa homossexual, você tá com sua companheira, eu to dentro da minha casa, tá eu também sou homossexual, e eu não admito que você fique se abraçando se beijando, fazendo isso, fazendo isso, porque eu sei que não existe essa necessidade, tudo tem seu lugar, tudo tem sua hora, então esse tipo de comportamento, eu não aceito, porque eu sou homossexual, e eu sei que não há razão disso, isso pra mim é agredir, isso é querer que as pessoas te aceite, não é por aí.”*

Esta é a única passagem da fala de Janaína que poderia deixar transparecer algum tipo de ambigüidade, que ser homossexual seria algo que agrida as pessoas. Entretanto, o relato mais parece mostrar que a expressão de afeto pode ser feita por muitos gestos como um abraço, estar de mãos dadas vendo TV ou mesmo um beijo, mas que para ela, sendo homossexual ou heterossexual, alguns gestos são adequados pra serem feitos na frente das crianças, enquanto outros não.

Algumas passagens da entrevista demonstram que foi um processo para as crianças compreenderem que a mãe era homossexual. Devido a idade das meninas quando da revelação inicial, talvez não tenham compreendido o que significava ser e ter uma mãe homossexual, e o assunto voltou em outros momentos. Janaína relata:

*“Quando nós viemos morar aqui, juntos, Jenifer e a Jéssica perguntaram: Como é que você faz amor com a tia Joana? Perguntou pra mim. Isso com quanto anos? A Jenifer estava com uns dez pra onze anos, tava ficando mocinha, e eu expliquei pra ela como fazia, duas mulheres faziam amor, sabe porque? Porque elas tinham curiosidade em saber, então era preferível que elas soubessem a verdade por mim, que sou mãe, do que saber as coisas fantasiosas que as pessoas acham que é, que não vivem a situação, tá?”*

E mais tarde:

*“...eu ia pegar filme pornô pra assistir, que eu assisto até hoje: Mamãe eu posso assistir? Pode. Elas assistiram aqui comigo, as duas, elas eram adolescentes, a Jenifer estava entrando na adolescência. Eu falei: Filha, isso aí é um trabalho e fui explicando pra ela, que é justamente pra ela não ter aquela, sabe? Pô, olha! Faz isso, faz aquilo. Isso é um trabalho, na vida real acontece e não acontece isso aí... tá? Todas as curiosidades delas, eu... sempre procurei ser mais realista possível. Elas... buscaram dentro da minha casa, através de mim, a verdade, nua e crua... entendeu? Tudo, em parte de sexo, amor, como faz, como não faz, tudo foi comigo, eu falei pra elas... tá? Mas tudo dentro do seu respeito, nada com vandalismo, nada assim com sabe? Com, com um ar de: Pô, essa menina tá querendo saber demais.”*

Nesta passagem fica claro a determinação da Janaína em mostrar o que ela chama de real e de verdade para as filhas, já que esta é sempre a conduta correta a se ter. Ela acredita que dizendo sempre a verdade “*nua e crua*” fará com que todos sofram menos, pois a verdade sempre vem à tona e então, que ela seja dita pela própria mãe.

O processo que a Janaína indica que as filhas passaram é puramente racional, é para se compreender o que é ser homossexual, e não um processo para elaborar o fato de terem uma mãe homossexual em um mundo que prioriza a heterossexualidade. Também se tratou de um processo de acomodação dessa nova pessoa na família, no caso a Joana. Foram muitas as mudanças na vida das crianças, elas presenciaram o divórcio de seus pais, mudaram de casa, de escola, a avó morreu, não vivem mais com a mãe, voltaram a viver com a mãe e com uma nova mulher que entrou em suas vidas. Apenas o divórcio dos pais já seria uma questão difícil para as crianças lidarem, acrescido de vários outros fatores dificilmente as crianças não passaram por momentos complicados em suas vidas.

No entanto, a mãe afirma que tudo foi muito tranquilo, fechando a questão dando a sua versão, e colocando que não pode falar pelas suas filhas. Desta forma, não se teve acesso a como Janaína ouviu às filhas, como era a receptividade dela para com as meninas.

As demais preocupações da Janaína para com as filhas são preocupações de

qualquer mãe, como apontam as autoras Clunis e Green (2003), que afirmam que muitas das questões de uma mãe homossexual estão relacionados com o desenvolvimento do filho e como auxiliá-los neste processo. A Janaína conta:

*“Porque eu procuro... sempre conversar muito, mostrar a realidade, sabe: Olha filha é assim, as drogas estão aí, olha filha cuidado, sexo é bom, falo de tudo com as minhas filhas...”*

Havia também as preocupações com o rendimento escolar das filhas:

*“Tudo, lição, as dificuldades, mais a Jéssica né? Que ela tinha de matemática, então eu ia em todas as reuniões, eu sempre saía do meu trabalho, vou lá, até hoje, quando eu não vou é a Joana que vai. Nota, aí eu converso: Filha você precisa estudar mais aqui, mais ali, coisa e tal.”*

Além de provedora, também é papel da mãe ensinar e educar as filhas, ser um exemplo para elas, mostrar-lhes os perigos da vida, estando incluso a possibilidade de sofrerem preconceito.

Hoje, tendo as filhas dezesseis e vinte anos, o papel de mãe também engloba um relacionamento horizontal, de amizade íntima e verdadeira para com elas, poder conversar sobre tudo e compartilhar momentos importantes da vida das mesmas:

*“Existe uma relação gostosa ente nós... né? De mãe e filha e de mulher, conversando com mulher, mesmo, adulto conversando com adulto, mulher, eu mulher, você mulher... **O que vocês costumam conversar (pergunta da entrevistadora)?** Com a minha filha, onde vai, que motel que vai, onde vai, mãe vou dormir fora, vou dormir na casa do D...”*

Os valores nos quais essa mãe acredita e segue em sua vida, são marcantes em seu discurso, ela preza muito a autonomia e a assertividade, e o segue em quase todas as situações que tenha relatado. A liberdade que ela dá as filhas, e o acolhimento às escolhas delas, é um das marcas da Janaína:

*“...sempre foi uma coisa assim sempre liberal, eu não sou uma pessoa, assim, tradicional, não, filho tem que almoçar, passar o natal com a mãe, passa o ano, não. Porque eu respeito a liberdade dos meus filhos, do mesmo jeito que eles respeitam as minhas, a minha liberdade, entendeu?”*

Apesar da Janaína justificar muitos de seus atos dizendo que apenas acolheu a escolha das filhas, quando se trata da questão homossexual a orientação parece ser outra. Ela ensinou as filhas que deveriam sempre dizer que a mãe é lésbica quando perguntadas, indicando outro valor que também é um valor muito importante para si, a verdade:

*“E, e educo as minhas filhas nisso, eu falo sempre com elas isso: Filha, seja você, agente sofre, agente chora, às vezes fala: Ah, eu sou incompreendida porque eu falei isso, isso e isso. Você falou a sua verdade, o ser humano filha, é difícil de lidar, ninguém gosta de ouvir verdade,(...) se você conseguir ser verdadeira com você, você pode ter certeza que você terá poucos amigos nessa vida, o melhor amigo seu é você mesma.”*

Janaína aponta que de alguma forma esses valores foram absorvidos pelas filhas, e hoje elas vivem conforme os valores passados. Ela confirma isso relatando que sua filha mais velha conversou com ela antes de iniciar sua vida sexual, e que a Jenifer foi com o pai ao ginecologista.

Outra demonstração desses valores, que também é uma demonstração da aceitação da homossexualidade da mãe, foi dada pela filha mais velha. Ela namora há cinco anos o mesmo moço, e Janaína relata que a forma como a filha revelou que a mãe dela era homossexual para o namorado foi uma de suas maiores provas de aceitação:

*“...ela chegou e falou: Ó mãe, to namorando o D. e eu quero que ele venha aqui, porque eu já falei pra ele que a Senhora mora com a Joana, que vocês tem um relacionamento, e que se ele quiser alguma coisa séria comigo, vai ter que aceitar a Senhora como a Senhora é.”*

Janaína considerou esse momento a prova de que as filhas a respeitavam e que compreendiam que ser homossexual não é motivo para sentirem vergonha. O fato de trazerem seus namorados para dentro de casa e arriscarem perdê-lo por optar não ocultar que tinham uma mãe homossexual é tido pela mesma como uma prova de aceitação e de que a educação que deu para suas filhas foi um sucesso, sem preconceitos de nenhum tipo.

Para Clunis e Green (2003), um dos fatores que influenciam a forma que a criança vai lidar com o fato de ter uma mãe homossexual é a naturalidade da mãe, a forma como ela própria lida com isso. Janaína demonstra durante a entrevista e nos acontecimentos de sua vida, uma segurança muito grande, ela nunca duvidou que o que estava fazendo era certo, não temeu o preconceito e o estigma, e desta forma, talvez as suas atitudes e sua auto-estima tenham refletido em suas filhas, fazendo-as perceber que ser homossexual não é uma vergonha e não precisa ser ocultado.

Outro ponto em seu discurso, que demonstra sua aceitação como homossexual, ocorre quando está relatando que tem um contrato de convivência homossexual com a companheira, e que ao saberem que a mãe iria “casar” com a “tia”, as meninas disseram:

*“Ahh mãe legal, o papai casou, agora a senhora casa. Entendeu? Então, existe essa né? É foi legal, porque se houvesse aí um: Ah mãe pensa bem, vai casar? Poderia, não poderia? Mas não houve nenhum tipo de, foi isso.”*

De forma geral, Janaína define seu relacionamento com suas filhas da seguinte forma:

*“Ótimo, eu definiria como ótimo nosso relacionamento, porque é um relacionamento de respeito, não existe imposições, existe respeito, por isso nosso relacionamento é ótimo, eu respeito o espaço delas e elas respeitam o meu espaço, como mãe, como amiga e como mulher.”*

Ao olhar para trás, Janaína aponta que nunca teve dificuldades com as filhas, que elas sempre foram boas alunas, não deram trabalho na adolescência, namoram há muito tempo os mesmos moços, tem respeito por ela e sua companheira, e são todas as quatro muito unidas e amigas. Essa ausência de conflitos e discussões é, segundo a mãe, resultado da educação que ela deu às filhas, pois elas também são reais e verdadeiras; quando algo está incomodando, elas falam logo, “*abertamente, sem mentira e sem rodeios*”, não deixam acumular os sentimentos, assim como ela mesma sempre fez. E desta forma as questões são resolvidas.

No momento atual, Janaína aponta que as filhas passam mais tempo com os namorados, ficam menos em casa, e que muitas vezes as conversas são feitas por bilhetes. Ela reconhece que as meninas estão em um momento de conquistas pessoais e individuais, de afastamento da família e que no futuro será apenas ela e a Joana em casa.

Aos ser perguntada sobre o que o fato dela ser homossexual possa ter contribuído na vida de suas filhas, ela responde que não interferiu em nada, que não mudou nada, que nada seria diferente se ela fosse heterossexual ou homossexual.

### **Pensamentos sobre o caso:**

Joana enfoca em todo o seu discurso a necessidade de ser verdadeira, mesmo que o preço dessa verdade seja alto. Foi seguindo esse preceito que ela revelou ao marido que era homossexual, contou para os pais e para as filhas e as incentivou a confirmar as suspeitas dos colegas. Foi também, segundo ela, esse o motivo de ter mostrado um filme pornô para suas duas filhas pré-adolescentes. No entanto, em seu relato não sabemos o quanto as verdades possam ter afetado aqueles que estão ao seu lado, tem-se apenas a versão dela da estória. Não se sabe qual a reação das filhas diante de tamanha realidade quando ainda eram pequenas.

Em seu discurso a “verdade” se sobrepôs aos sentimentos. Há raros relatos de como ela se sentiu, o que pensou, suas motivações, pensamentos e questionamentos, bem como o de suas filhas. Como ela própria afirma, é melhor viver na verdade do que na mentira, e talvez a verdade seja mesmo a melhor forma de se evitar sofrimento, e acreditar nisso talvez possa ter impedido um autoquestionamento, dúvidas e incertezas quanto ao rumo a se tomar.

Esta é uma pesquisa baseada apenas em entrevistas, e a ausência de conflitos, de ansiedade e angústias em seu relato pode ser resultado da necessidade de mostrar uma família perfeita, de mostrar apenas a parte boa, ocultando todo o resto como se ele não fizesse parte da imagem que ela queria passar de sua família. Conflitos, ansiedades, angústias e questionamentos fazem parte da vida de todas as pessoas.

Ao dar a palavra a uma pessoa, segundo Minayo (1992), dá-se a possibilidade dela revelar seus sistemas de valores, normas e símbolos mas nunca sem esquecer que ela é a porta-voz de um grupo específico, que está contextualizado em condições históricas e sociais, políticas e econômicas, que determinam sua fala. Assim, a mãe pode ter sentido a responsabilidade de mostrar sua família como sendo funcional. Durante o processo de entrevista, as informações são sempre controladas.

Minayo (1992) aponta que existem duas regiões conseqüentes de uma entrevista, a exterior, ou seja, a versão oficial que o entrevistado relata, e a região interior que é constituída de segredos que não devem ser revelados. Chama-se “controle de impressões” mostrar a região externa e ocultar a interna, e talvez seja isso o que a Janaína tenha feito.

A mãe nega que o fato dela ser homossexual possa ter trazido questões a serem elaboradas para si e para as filhas, nega que isso torne sua família diferente das demais, como se a presença de diferenças tornasse-na menos adequada. Durante a entrevista,

pairou sempre a dúvida se realmente não havia grandes conflitos, questionamentos e angústias, se a mãe não as via, ou mesmo não dava importância a isso. Entretanto, as negações talvez sejam conseqüências do método escolhido para essa pesquisa, ou mesmo de falhas na entrevista, pois ela claramente não se sentiu a vontade para compartilhar seus medos, questionamentos e angústias.

Entretanto, de alguma forma, a família encontrou um equilíbrio, um bom funcionamento dentro daquilo que a Janaína acredita e que seguiu em sua vida. Não se sabe exatamente de que forma isso ocorreu, mas o relato dela aponta para um bom entendimento e um ótimo convívio entre as quatro integrantes da família J.

## Capítulo 7

### Discussão

As mães homossexuais e seus filhos são o foco de um número crescente de pesquisas, mas até hoje o que se tem é um amontoado de estudos por meio dos quais não se consegue uma visão global do fenômeno. Não há bases de comparação, teorias e conceitos específicos, apenas pontos importantes a serem abordados por sua comunalidade ou especificidade. Desta forma, o que será feito agora é ressaltar o que já foi estudado e relacionar com o que foi descrito pelas participantes.

A falta de material específico sobre a maternidade homossexual também gera a necessidade de aproximação com situações que tenha similaridades, como o que se refere ao divórcio e pós-divórcio, já que as famílias aqui apresentadas não deixam de ser re-casadas. Mesmo que os cônjuges sejam do mesmo sexo, as famílias apresentam semelhanças como o rompimento de um laço anterior, a entrada de uma nova pessoa na família e outros pontos que serão vistos no texto.

As quatro mães apresentadas têm idades aproximadas, tiveram seus filhos em casamentos heterossexuais e após se separarem do marido, logo se uniram a outra mulher e mantiveram com uma das companheiras um relacionamento de pelo menos 10 anos. Apesar dessas semelhanças, de forma geral tem-se quatro mães muito distintas, cada qual com sua forma de ver a vida e de lidar com os acontecimentos dela.

#### **Questões no divórcio**

Diferente do que acontece com as pesquisas recentes feitas no exterior, as participantes do presente trabalho tiveram filhos em relacionamentos heterossexuais, na contra mão das pesquisas que cada vez mais se restringem às mães de inseminação

artificial. A escolha pelas mães de inseminação artificial é feita para reduzir as variáveis como ausência paterna, divórcio, idade em que os filhos foram morar com a companheira etc., medida importante quando se faz um estudo comparativo entre os filhos de mães homossexuais e os de heterossexuais. Aqui no Brasil, a pesquisa com mães que foram casadas apenas reflete o tipo de família majoritária existente, e inclui as variáveis dentro da pesquisa.

As quatro mães que participaram do estudo foram casadas legalmente e tiveram pelo menos um dos filhos durante esse relacionamento. Desta forma, muitas das questões que são apresentadas em livros e sites para mães homossexuais, não podem ser aplicadas aqui, como por exemplo, fazer uma escolha consciente de se ter ou não um filho ou de que forma ter um filho. Entretanto, todas elas têm uma variável em comum que é o divórcio.

O casamento heterossexual dessas mães não foi satisfatório, Janaína e Sabrina tinham um bom relacionamento com seus maridos, viveram anos com eles, mas de alguma forma não se sentiam completas. Eram maridos que proviam tudo o que elas precisavam materialmente em um relacionamento com carinho e compreensão, mas que também eram ciumentos e restringiam as esposas. Já Daniela e Raquel tiveram casamentos que foram conflituosos, com altos e baixos e muitas brigas, e por esses motivos foram também curtos, não passando de três anos.

Os fatores que levaram essas mulheres a se separarem de seus maridos podem ser variados, mas a forma como elas falam dele não o é. O relato das mães sobre seus divórcios não é o mesmo que Hetherington e Kelly (2003) dizem ter encontrado mais comumente em suas longas e detalhadas pesquisas. As autoras apontam que o divórcio é experimentado como o fim de sonhos, experiências, memórias e esperanças compartilhadas com o cônjuge, é também uma nova situação com muitos desafios,

incertezas e mudanças. Por esses motivos, as pessoas sentem-se confusas, tristes, com medo e muito ansiosas.

Nenhum dos relatos obtidos trouxe essa dimensão, nem mesmo são citados problemas comuns que as mães enfrentam, como a queda do poder econômico e a dificuldade de cuidar sozinha da casa e dos filhos. Isso talvez tenha ocorrido pois duas das mães – Janaína e Sabrina – saíram de seus casamentos para entrar em outro relacionamento conjugal, obtendo a ajuda da companheira e construindo novos sonhos e esperanças.

Já Daniela e Raquel viveram breves momentos de dificuldades, nos quais tiveram que recorrer à ajuda das famílias de origem, entretanto, há uma grande diferença entre como elas falam dessas dificuldades, e de como Hetherington e Kelly (2003) apontam o sofrimento nos dois anos seguintes ao divórcio, os anos necessário para a família se restabelecer. Raquel, em menos de dois meses já estava morando com sua nova companheira, e Daniela conheceu sua companheira e em cinco meses elas já moravam juntas. Talvez o fato delas já terem vivido relacionamentos homossexuais anteriores ao casamento, indique que de alguma forma sabiam que um relacionamento heterossexual não funcionaria para elas, e que o casamento tenha ocorrido por questões culturais e sociais.

O surpreendente nesse tema foi a pouca atenção que as mães deram a questão da guarda dos filhos. Clunis e Green (2003) apontam que esta é uma das maiores preocupações das mães homossexuais que se separam, as quais temem que seus maridos disputem e ganhem a guarda dos filhos. Elas sabem que vivem em um mundo que tem preconceito contra os homossexuais e que muitos acham que ser homossexual e ser mãe são dois papéis incompatíveis. No entanto, esse temor não foi descrito por nenhuma das quatro mães. Como este não era o foco principal de interesse do presente trabalho, fica a

sugestão de produções de pesquisas que aprofundem a compreensão dos processos subjacentes.

Raquel não contou ao seu ex-marido, que desapareceu de sua vida e de sua filha. Daniela foi que a que teve maior tempo entre a separação e a entrada da companheira na família, mas também não se revelou ao ex-marido até hoje. Janaína expôs-se ao seu ex-marido, o qual não duvidou em momento algum de sua competência como mãe. O ex-marido de Sabrina também ficou sabendo, e ela conta simplesmente que ele quis ficar com o filho, mas que ela não deixou, não houve uma disputa judicial e nem uma grande dificuldade para que ficasse com o filho.

Apesar de na presente pesquisa não haver uma mãe que tenha passado por uma disputa judicial pela guarda dos filhos, os resultados apontam que são diferentes as formas com que essa questão foi resolvida pelas mães. Pode se optar por criar um segredo ou então contar ao pai. No segundo caso ainda abre a possibilidade de diferentes reações do ex-marido, que pode aceitar, pode não aceitar e entrar na justiça, ou mesmo não aceitar mas não lutar pela guarda da criança.

Embora as mães não falem abertamente do medo de perder a guarda dos filhos, o fato de não contarem aos pais pode indicar que se temia uma reação negativa deles e uma posterior disputa pela guarda dos filhos. Entretanto, parece não ser possível afirmar essa correlação, já que há outros motivos para ocultar a informação desses homens, como a vergonha, a possibilidade de sofrer preconceito, não querer ver sua vida íntima exposta, ou mesmo como diz Daniela, não querer causar tumulto.

Certamente, a disputa judicial da guarda dos filhos é, dentre essas possibilidades, a que mais demanda emocionalmente da mãe, com ela vem o medo de perder o contato íntimo com os filhos, a vivência do preconceito, o julgamento se é capaz ou não de ser

mãe. Talvez por não terem vivenciado estas experiências, este momento não foi marcante na vida dessas mães.

Dentre os quatro casos estudados, apenas Janaína dá ênfase ao seu relacionamento com o marido, o papel dele na criação das filhas, e em como a separação e o divórcio ocorreram, as demais mães têm relatos onde há a ausência desses ex-maridos, como se eles realmente não tivessem marcado suas vidas.

Excetuando-se Janaína, não há nos relatos como ocorreu a transformações de papéis e relacionamentos, os maridos não se tornaram ex-maridos, eles se tornaram nada, não são fonte de angústia, tristeza, conflitos ou suporte e amizade, pode até haver um relacionamento entre eles, mas parecem significar quase nada para essas mulheres, que rapidamente re-construíram suas famílias introduzindo a companheira em seus lares.

### **A introdução da companheira no lar**

Diferentemente dos casais heterossexuais, os casais homossexuais não possuem rituais ou mesmo processos legais para legitimarem suas uniões para o Estado ou para a sociedade. Não há casamento religioso, não é comum ter festas, não há papéis a serem assinados. Mesmo para os casais heterossexuais, no qual um deles está casando pela segunda vez, parece não haver rituais e nem normais sociais que os valide. Quando este casal é homossexual, realmente não há nada que marque essa passagem de namorados para cônjuges.

Como pode ser visto pelas quatro mães da amostra, seria muito complicado reunir seus familiares, seus amigos e seus filhos para celebrarem a união do novo casal. De início, nenhuma delas são aceitas como homossexuais, quanto mais como um casal homossexual ou uma família com dois cônjuges do mesmo sexo. De certa forma, as quatro mães mostram que se assumir homossexual também é arriscar ser segregada da

família de origem. Janaína e Sabrina perderam o contato com seus pais, Daniela reconquistou sua ligação com a família após quinze anos, e com muito esforço. A única que sempre manteve a família de origem próxima de si foi a Raquel que optou por não relevar-se aos pais mantendo um não-dito.

Da mesma forma como não mais encontraram seus lugares dentro de sua família de origem, pode-se dizer que esses casais não possuem em espaço público para conviverem. Diamond e colegas (1999) apontam que os adolescentes homossexuais não possuem um espaço público para estarem juntos de seus namorados, que não sejam os específicos para o público homossexual, sendo este um dos fatores que levam os garotos homossexuais a terem relacionamentos exclusivamente sexuais, pois não têm oportunidade de terem outro tipo de relacionamento: eles não podem expressar seu afeto na rua, na fila do cinema, no restaurante. Além disso, este tipo de relacionamento, evita a suspeita da família, a possibilidade de rejeição, perturbações e violência.

A falta de um lugar público também parece determinar o tipo de relacionamento que as mães homossexuais tendem a ter, pelos mesmos motivos, elas resolvem morar com a companheira, pois suas casas são os únicos lugares onde podem estar juntas, e como foi visto, algumas vezes apenas no quarto de suas casas isso é possível. Talvez este também seja o motivo da rápida entrada das companheiras nas famílias estudadas, como a própria Daniela aponta, é muito convidativo morarem juntos quando não há outro lugar para estarem, o relacionamento torna-se íntimo muito rapidamente.

A ausência de rituais, além de apontar que não há uma aceitação social, e nem formas de se demarcar e celebrar o relacionamento, também pode favorecer a entrada das companheiras nas famílias, pois não é necessária uma festa para que isso aconteça, não é necessária a legitimação de ninguém e de nenhuma instituição. Desta forma, fica a sensação que as companheiras simplesmente “caíram” dentro dessas famílias, não houve

sequer um processo para isso. E dentro desse contexto, o momento em que a mãe conta aos seus filhos quem é essa mulher que vai morar com eles, torna-se muito importante, pois de certa forma, é o ritual que demarca a entrada da companheira na vida familiar.

### **A revelação para os filhos e a elaboração da questão**

Antes da companheira ir morar definitivamente com determinada família, as mulheres possuem dois caminhos a serem escolhidos, contar para os filhos que essa mulher será sua companheira, ou ocultar a informação preferindo um segredo entre elas e os filhos. Ela tem que optar entre arcar com a possibilidade de rejeição dos filhos ou com as conseqüências de um segredo, com as mentiras, omissões e ansiedade que surgirão.

Cada um desses caminhos tem sua representante na amostra. Tem-se Janaína que contou as filhas logo que foi morar com a companheira; Daniela e Raquel cujos filhos conviveram pelo menos sete anos com as companheiras sob o título de “amiga” da mãe, até que ela resolveu revelar o segredo; e por fim há Sabrina que não revelou que Solange era sua companheira, mas que o filho ficou sabendo por terceiros e perguntou a ela que respondeu que sim, era sua namorada. Cada caminho tem as suas especificidades.

No momento em que Janaína revelou-se às filhas que iria morar com outra mulher, que seria sua namorada, houve a sobreposição de outras informações importantes: o divórcio dos pais, a homossexualidade da mãe e a entrada dessa companheira na família. São informações que foram dadas juntas para essas crianças e que ocasionariam muitas mudanças em suas vidas.

Ao relatar sua conversa com as filhas, Janaína enfoca o seu sentimento para com outra mulher, o preconceito que está envolvido nele e a entrada da Joana na vida das crianças. Pouca atenção é dada ao divórcio e ao rompimento do relacionamento que unia

seus pais. Esse enfoque talvez seja decorrente de Janaína saber que a pesquisa é sobre mães homossexuais, e não sobre divórcio, mas em sua fala não se pode negar a ênfase nos novos laços e não no rompimento dos antigos.

Como era esperado, as mães que contaram aos seus filhos rapidamente – Janaína e Sabrina – expressaram em seu discurso uma maior auto-aceitação de ser homossexual, bem como uma maior liberdade de demonstrar seu afeto pela companheira dentro de suas casas. Não parece haver nessas mães uma vergonha por ser homossexual, um sentimento de estarem fazendo algo errado e anormal, desta forma, segundo Mason (1994) não há o sentimento que gera o segredo, que é a vergonha por se fazer algo que é visto como socialmente errado.

Já as mães que passaram anos carregando o segredo, possuem essa característica de sentirem vergonha de ser homossexual, de acharem que este lado dela deva ser ocultado. Daniela fala claramente do processo que foi aceitar-se e de como ela só contou a filha após muitos anos elaborando a questão e mesmo assim só o fez pois manter o segredo tornou-se insustentável. Raquel não fala claramente sobre a dificuldade de se aceitar como homossexual, entretanto seu relato é marcado pela noção de que a homossexualidade é algo que “*violenta*” os outros.

O fato da visão das mães de que a homossexualidade é algo errado e anormal estar relacionado com a dificuldade em contar para os filhos era algo esperado, entretanto surpreende saber que estas mesmas mães são aquelas que já haviam tido experiências homossexuais antes de seus casamentos, e portanto já lidavam com a questão muito antes das outras duas mães. Surpreende também saber que, de alguma forma, essas são as mães que obtiveram maior suporte da família de origem e uma reação menos negativa comparada com as outras duas participantes.

Sabrina optou por um discurso ambíguo ao contar ao filho quem era a mulher que moraria com eles. Ela disse que era alguém de quem gostava muito e o filho, que tinha apenas cinco anos, só foi compreender que a mãe era homossexual quando ouviu de seus colegas. Saber de terceiros não é a forma ideal (Clunis e Green, 2003), já que a mãe não pode dar a sua versão e contar a ela da forma que acha mais apropriada. Entretanto, não se sabe qual a reação da criança, pois a mãe apenas viu o comportamento do filho e não investigou o que ele sentiu, o que pensava sobre o assunto.

Entretanto, esse procedimento não é exclusivo de Sabrina. Nenhuma das mães soube informar como foi o processo de elaboração dessa informação, nenhuma delas conversou sobre os sentimentos das crianças, da confusão que deve ser receber essa notícia vivendo em um mundo que privilegia a heterossexualidade. Elas conversaram com os filhos sobre o preconceito e como lidar com isso com os colegas e familiares. Ajudaram os filhos a lidar com os fatos. Entretanto, as conversas tinham um conteúdo racional, e não se falava em sentimentos, na ansiedade que os outros descubram, na vergonha de ser pertencente a uma minoria estigmatizada, no medo de perder amigos e na tristeza de sofrer preconceito.

Aconteceu em todas as famílias um pacto de silêncio, após a conversa inicial nada foi conversado e perguntado por nenhum dos dois lados. É o que Clunis e Green (2003) descrevem como sendo muito comum, as mães supõem que os filhos não têm dúvidas pois não perguntam, e os filhos supõem que não podem perguntar, pois o assunto nunca é abordado pela mãe. É o mesmo que ocorre no divórcio (Souza, 2000), que também este foi objeto de silêncio. A homossexualidade torna-se um assunto tabu, tanto que Daniela perguntou a amiga da filha como Débora estava, e não diretamente a filha.

O tema homossexualidade só voltou a aparecer anos mais tarde, e não em todas as famílias. Os filhos de Janaína e Sabrina quiseram saber como duas mulheres namoram, os demais não perguntaram mais nada. Entretanto, todas as mães apontam que hoje seus filhos as aceitam, e excetuando Selene, aceitam também as companheiras da mãe dentro de seus lares.

De alguma forma, que não foi possível acessar, os filhos elaboraram o fato de ter uma mãe homossexual, todos eles sabem da homossexualidade materna há pelo menos cinco anos e dão provas de que vivem bem com o fato, seja contando aos amigos, namorados ou vivendo bem com a companheira.

A única filha que se destaca por ter um comportamento atípico comparado aos demais é Selene, a única que demonstrou rejeição a homossexualidade da mãe e para com as companheiras de sua mãe. Ela também é a única que não foi criada pela mãe, e sim pela avó numa complexa infância de rupturas. Apesar dos demais filhos terem idades diferentes quando souberam que suas mães eram homossexuais, foram criados por mães homossexuais desde a infância, no máximo com oito anos, e assim as mães puderam, mesmo sem revelar que eram homossexuais, educá-los sem que tivessem preconceito, sem que vissem que a homossexualidade é algo pecaminoso e anormal.

Selene é a única que não foi criada nesse ambiente que favorece a aceitação das diferenças sexuais, e seu caso parece indicar a dificuldade que é largar um antigo conceito, uma antiga crença, para julgar por si mesma. Mesmo vivendo durante anos com a mãe, ela talvez hoje ainda não seja capaz de aceitar a homossexualidade materna, de presenciá-la isso e conviver com isso. A educação e experiências quando criança parece ter um papel fundamental na posterior aceitação da homossexualidade da mãe.

### **A adaptação ao novo arranjo familiar**

Quando perguntadas, as entrevistadas apontam que os filhos e as companheiras se adaptaram tranqüilamente ao novo arranjo familiar. De forma geral, demonstraram ter uma falta de consciência das dificuldades emocionais do re-casamento para os filhos, excetuando Selene, as mães relatam o relacionamento dos filhos com as companheiras como sendo funcional desde seu início.

Segundo McGoldrick (1995), as famílias recasadas heterossexuais esperam de si mesmas uma intimidade instantânea, mas que isso não é possível, pois o relacionamento entre padrastos e enteados é uma relação que precisa ser negociada, e que já começam no caminho, pois antes desse relacionamento outros já ocorreram.

O relato das mães aponta que o relacionamento entre os filhos e as companheiras já nasceu bom, o que pode ter sido facilitado pela idade das crianças. A mais velha delas começou a morar com a companheira da mãe quando tinha oito anos, sendo que as demais tinham até quatro anos. Segundo Hetherington e Kelly (2003) nos re-casamentos heterossexuais, um dos fatores fundamentais que está relacionado com o relacionamento satisfatório com os padrastos e companheiras é a idade, crianças tendem a ter um melhor relacionamento com a companheira do que os adolescentes. O mesmo fato é apontado por Clunis e Green (2003) para os re-casamentos homossexuais.

McGoldrick (1995) ressalta que a negação da importância de uma perda anterior bem como o pouco tempo entre os casamentos estão relacionados a um mau ajustamento dos filhos na família recasada. Entretanto, nos relatos o que aparece é que estes fatores não estão relacionados. O que ocorre para uma adaptação bem sucedida ainda exige melhores estudos, no entanto, o que o presente trabalho verificou é que este relacionamento pode ser positivo ao longo tempo, como qualquer outro re-casamento, ou seja, independentemente do sexo dos cônjuges.

Assim, a hipótese que Lewis (1980) levantou em sua pesquisa também não pode ser aplicada aqui. Ela aponta que muitas vezes os sentimentos negativos decorrentes de se ter uma mãe homossexual são dirigidos a companheira, vista como responsável pela nova orientação sexual da mãe. Selene é a única que o faz, entretanto sua vida aponta para diversas outras motivações, e não apenas esta. Os demais filhos têm bons relacionamentos com as companheiras, com respeito e amizade.

Nos relatos das mães não houve qualquer apontamento quanto aos conflitos de lealdade, lembrando que apenas um dos pais – família R – não era presente na vida dos filhos, os demais participaram da criação e educação das crianças. Entretanto, essa ausência pode ter ocorrido porque as mães não sabiam dizer o que acontecia com seus filhos, o que eles sentiam e pensaram sobre ter uma mãe homossexual ou ter a companheira da mãe em sua casa. Tanto que as mães apontam diversos exemplos de acontecimentos que mostram serem aceitas pelos filhos, mas todos eles muito depois de terem contado aos filhos, havendo um longo espaço de tempo entre os dois eventos.

Definir o papel em relação aos enteados que as companheiras têm é uma tarefa complicada. Além de contar com o relato das mães, segundo Clunis e Green (2003) são mais dois os fatores a serem analisados. O primeiro deles é a forma como os filhos chamam essa companheira; o segundo, as tarefas que essas mulheres desempenham dentro da família.

Em três das quatro famílias, as companheiras são chamadas de “tia”, e como a própria Janaina aponta, são muitas as possibilidades para esse chamamento. As tias podem ser as irmãs da mãe, as professoras da escola, as mães dos amiguinhos, as amigas da mãe, a mulher que serve comida na cantina, e nesse caso a companheira da mãe. Ele não significa uma proximidade, um tipo de ligação, quando muito um respeito e certamente uma relação na qual há uma diferença razoável de idade. Esse chamamento

só pode ter seu significado pelo que ele não é, ou seja, os filhos não chamam a companheira de mãe. Mesmo tendo convivido com estas mulheres desde pequenos (entre dois e oito anos), nenhum dos filhos chamam a companheira da mãe de mãe, apontando para uma clara definição de que, segundo os próprios, eles realmente só têm uma mãe.

Tomando como base os relatos, tem-se que tanto Raquel como Sabrina apontam que Roberta e Solange são como mães para seus filhos. Elas percebem o afeto, tanto dos filhos para com a companheira como vice-e-versa, como sendo um afeto maternal. Janaína aponta um respeito entre eles e Daniela, um companheirismo.

Entretanto, segundo Clunis e Green (2003) o fator mais importante para determinar quem é essa mulher dentro da família, são as atividades que ela faz. Desta forma, tem-se dois grupos distintos, Roberta, Solange e Joana, que são as mulheres que ajudam no sustento da casa, levam e buscam os enteados, participam dos passeios e das conversas. Entretanto, dentre essas apenas Roberta foi descrita como participando ativamente da educação de sua enteada, ela é a única que ajuda a mãe a decidir questões relacionadas a isso. As demais parecem ter um papel de auxiliar na criação dos filhos, nas coisas práticas do cotidiano, mas não na formação e tomada de decisão.

O outro grupo formado por Daniela é o grupo no qual não há dúvidas que as companheiras tiveram um papel extremamente reduzido na criação dos filhos, no caso, da Débora. Como a própria mãe diz, não havia um relacionamento afetivo entre elas, as companheiras não podiam opinar na educação da filha, e quando muito compartilhavam momentos juntas e apenas agora, com a filha já crescida, é que há um relacionamento de amizade e afeto.

Desta forma, parece haver diferentes níveis tanto de intimidade entre a companheira e os filhos quanto para a participação delas na vida desses. O papel de

Roberta na família R é o que mais se aproxima de um co-parental, já Solange e Joana parecem ter um relacionamento afetuoso e auxiliam na criação dos filhos, mas não na educação deles. Por fim, tem-se as companheiras de Daniela, que apenas com Dolores parece haver um relacionamento de amizade e afeto, os demais nem isso. Identificar as nuances subjacentes que constroem estas diferenças ainda está por ser pesquisado.

### **Os limites auto-impostos e a aceitação de si**

Aparece na fala de todas as entrevistadas o que elas chamam de respeito pelos filhos, que são os limites que se impõem para a demonstração de afeto pela companheira. Todas apontam que não beijam suas companheiras na frente dos filhos, mas parece haver diferentes limites que estão relacionados com os diferentes níveis de auto-aceitação.

Raquel é a mãe que impõe limites mais rígidos em seu relacionamento conjugal. Ela descreve que Renata nunca presenciou um abraço entre ela e a companheira, e que isso é ter respeito pela filha. Daniela também passou por longos anos sem demonstrar seu afeto pela companheira, mesmo porque a filha não sabia que a mãe era homossexual, mas, após a revelação, continuou a não ter um contato mais próximo com a companheira na frente de Débora. Foi apenas quando conquistou uma auto-aceitação que se permitiu abraçar a companheira, assistir televisão com ela, estarem de mão dadas.

Janaína e Sabrina, as mães que se revelaram rapidamente aos filhos, são as que se impuseram menos limites na exposição de seu relacionamento homossexual, e desde o início mantiveram o limite que Daniela conquistou após anos.

Como pôde ser visto individualmente, as mães vivenciaram diferentes processos para aceitar sua atração por uma pessoa do mesmo sexo, e conquistaram diferentes níveis de aceitação para sua homossexualidade. Após anos vivendo com outra mulher

Raquel, ainda acha que expressar afeto por sua companheira irá “*violentar*” as pessoas que o presenciaram. Daniela demorou mais de dez anos apenas para assumir seu relacionamento para a filha; para poder demonstrá-lo, foram mais alguns anos. Já Janaina e Sabrina parecem ter aceitado mais prontamente seus desejos homo-éroticos, e se permitem mais liberdade dentro de suas casas.

A forma como a mãe lida com a sua homossexualidade conduz seu comportamento. Se a mãe acha que ser homossexual é algo errado, feio e anormal, provavelmente ela tenderá a esconder o relacionamento, contará tardiamente aos filhos e achará que tornar seu relacionamento conjugal visível é agredir aos outros. Esconder sua homossexualidade evita que tenha que enfrentar as reações externas, o preconceito e a rejeição, mas também evita que ela se sinta envergonhada, pois como aponta Mason (1994) ser e fazer coisas fora do padrão social faz emergir o sentimento de vergonha.

As duas mães com maior auto-aceitação – Janaina e Sabrina – também tiveram que lidar com a questão dos limites para expressar seu afeto pela companheira. Em seu relato Janaína diz não ter encontrado qualquer dificuldade para isso, no entanto Sabrina encontrou. Quando morava com seu filho o limite foi estabelecido com tranquilidade, mas quando a filha foi morar com a família, as coisas mudaram. Selene tinha preconceito, achava errado e pecaminoso, além disso, tinha vergonha de ter uma mãe homossexual. Assim, os limites tiveram de ser re-negociados, já que os limites que Selene queria eram a total invisibilidade de afeto entre Sabrina e Solange, elas não poderiam nem se encostar. Esse choque gerou conflitos e desestabilizou o que antes já estava fixado, Selene não conseguia conviver com tamanha visibilidade do relacionamento de sua mãe, que somados a outros motivos, acarretou na tentativa e no sucesso de separá-las.

Desta forma, o que foi verificado nos quatro casos dessa pesquisa é que a forma como a mãe lida com a sua própria homossexualidade vai interferir em seus relacionamentos, vai demarcar o grau de intimidade e harmonia que terá com os outros, seja com a companheira, seja com os filhos.

### **A família de origem e o suporte**

Os quatro casos apresentados apontam que optar por revelar aos pais que se é homossexual é optar por ter conflitos, mas não optar por ser segregada. Janaína, Sabrina e Daniela contaram aos pais e obtiveram uma reação inicial de espanto e não-aceitação, entretanto duas delas continuaram a obter suporte familiar no cuidado com as crianças. Os avós ficavam com os netos enquanto Daniela trabalhava, ou mesmo quando saía a noite.

A única mãe que perdeu o contato com os pais foi Janaína, a mãe faleceu meses após a revelação e o pai ficou morando em um estado distante e não tiveram a chance de se reaproximar. Janaína obteve o respeito de seu pai e de seus irmãos, mas como prioriza a auto-suficiência de si e de sua família, não buscou neles um suporte. O ex-marido parece ser sua fonte de suporte primária, ele não apenas ajudou na criação e educação dos filhos, como também era o amigo dela.

Sabrina tem uma relação muito complicada com os pais, que parecem nunca ter oferecido suporte algum para a filha, e nos relatos sempre tiveram um papel de dificultar sua vida. Até mesmo o cuidar da Selene para que Sabrina pudesse trabalhar foi transformado em uma adoção ilegal. Entretanto, pela sua descrição, a ausência de suporte já ocorria antes mesmo da revelação, e depois dela houve apenas interferências negativas em sua vida, mas nunca houve um rompimento de laços entre Sabrina e sua mãe, que chegaram a ser vizinhas após a revelação.

Daniela sempre pôde contar com seus pais, obteve suporte deles quando precisou, o relacionamento entre eles manteve-se mesmo a custo de ocultar as companheiras em reuniões, encontros e festas familiares. Hoje Daniela e sua companheira têm total aceitação de seus familiares.

Já Raquel não contou aos pais e sempre teve o suporte deles, no caso dela o que é relevante é a ausência do pai de Renata, que não forneceu ajuda alguma na criação da filha.

Desta forma, tem-se que revelar que se é homossexual ocasionou um afastamento momentâneo ou definitivo com a família de origem, há um processo de aceitação de se ter uma filha homossexual, e se todas as participantes não conseguiram conquistar a aceitação dos familiares, com o passar do tempo, pelo menos conquistaram o respeito de todos eles. O suporte oferecido parece não estar relacionado com a aceitação da mãe como homossexual ou não, o relacionamento entre os avós e os netos parece não mudar, há uma separação entre dar suporte à mãe para que ela crie bem os netos, e aceitar sua homossexualidade ou sua companheira.

### **As preocupações das mães**

As mães homossexuais que participaram do estudo demonstraram ter as mesmas preocupações, medos e desejos para seus filhos do que qualquer mãe heterossexual: fornecer uma boa educação, ser um bom modelo, por limites, incentivar a busca de seus objetivos, alertar sobre os perigos das drogas e violências, tratar a todos com respeito, estudar para conquistar uma independência econômica, ser feliz.

Entretanto ser mãe e ser homossexual traz algumas questões a mais no papel parental. Uma delas é o questionamento se ser homossexual é compatível a maternidade. Apenas Daniela se questionou sobre isso, e temeu que sua filha pudesse ser prejudicada

de alguma forma por ela ser homossexual. As demais não se questionaram sobre suas capacidades de serem mãe.

O momento da revelação é outro ponto presente apenas na vida dos pais homossexuais. Nesse momento a mãe pode temer perder a guarda ou ser rejeitada pelos filhos. A questão da guarda já foi discutida anteriormente. Já quanto ao medo de ser rejeitada, ele apareceu em três das quatro mães. Apenas Janaína demonstrou não temer a rejeição, as demais mães apresentam e lidam com esse medo de formas diferentes. Apesar de não falar diretamente que foi por medo de rejeição, Raquel levou a filha ao psicólogo, e postergou a revelação até quando achou que nem a filha acreditava mais que Roberta era apenas sua amiga. Sabrina também não aponta esse medo de rejeição, entretanto ao falar com o filho, fez um discurso ambíguo para ele, que não esclareceu a Sérgio quem era a companheira. Daniela é a única que fala diretamente do seu medo da reação da filha, e talvez por esse medo ser tão presente, foi a que mais demorou para contar para a filha.

Outra preocupação presente no discurso das mães foi a possibilidade dos filhos sofrerem preconceito, serem rejeitados pelos amigos por terem uma mãe homossexual. Todas as mães os alertaram da presença do preconceito e da possibilidade de sofrerem com isso. Entretanto, cada uma tratou o assunto da sua forma, mostrando aquilo que tinha dado certo pra ela: Janaína incentivou a contar para todos, Sabrina e Daniela para quem elas confiasse e Raquel para evitar contar para os colegas.

Portanto, tem-se que ser mãe e ser homossexual adiciona algumas questões a essas mulheres e suas famílias, seja o momento da revelação, seja os limites auto-impostos, o preconceito e o medo da rejeição ou os segredos localizados dentro e fora da família. Cada mãe lidou com esses acontecimentos de forma diferentes. Entretanto, o

que ficou muito claro é a ligação entre a auto-aceitação e a forma que se encontrou de enfrentá-las.

As mães com maior aceitação da própria homossexualidade, aquelas que se descobriram homossexuais, revelaram-se rapidamente aos filhos, impuseram limites menos rígidos para a expressão de seu afeto conjugal, não criaram segredos. Já as mães cujos relatos apontam indícios de vergonha por ser homossexual, aquelas que sempre souberam que se sentiam atraídas por outras mulheres, carregaram um segredo dos filhos por anos, ocultam seus relacionamentos conjugais dos filhos mesmo após a revelação, e continuam a manter um segredo, seja para os pais, seja para o ex-marido.

## Palavras finais

Quando a presente pesquisa começou a ser pensada, tinha como objetivo ouvir os filhos de mães homossexuais, e não as mães, e com os intensos avisos de sua dificuldade, o objetivo passou a ser ouvir tanto as mães como os filhos. Com o passar do tempo, após a entrevista piloto e a primeira entrevista, verificou-se realmente uma grande dificuldade de falar com esses filhos, não porque as mães não deixaram, mas porque, de alguma forma, eles não quiseram falar. A oportunidade de falar sobre si e sobre seus relacionamentos foi apreciada apenas pelas mães.

Entretanto, não é a dificuldade de contato com os filhos que torna esse comentário relevante, mas sim perceber o preconceito que havia atrás dele. Pretendia-se ouvir dos filhos como eles viveram a experiência de ter uma mãe lésbica, por achar que as mães nunca revelariam o lado ruim, como se necessariamente houvesse um lado ruim. Esperava-se que os filhos relatassem situações difíceis e constrangedoras, que as mães ocultariam por querer mostrar que são boas mães e suas famílias são perfeitas.

Reconhecer que também fui criada em um mundo que prioriza a heterossexualidade, e que dentro de mim também havia um preconceito, me fez ter cuidados redobrados, para não se enfatizar as dificuldades e nem tentar escondê-las. Mas essa descoberta também me trouxe um sentimento de tristeza e agonia, que só foi amenizado quando percebi que mesmo as mulheres dessa pesquisa têm preconceito, e que largá-lo é realmente uma tarefa árdua. Espero ter conseguido.

Encontrar essas quatro mães também foi difícil. Encontrar mulheres homossexuais não é uma tarefa árdua, mas encontrar mulheres que também eram mães, sim. Durante a realização desta pesquisa foram contatadas seis mulheres, uma delas participou da pesquisa piloto, e a outra, que completaria seis participantes, alegou não ter

tempo para participar do projeto. Duas das mães foram indicadas por uma pessoa atuante no meio homossexual, as demais foram indicação das duas iniciais.

O número reduzido de participantes demonstra a dificuldade de localizar essas mães, mesmo já tendo inicialmente contato com três delas, não foi possível encontrar mais do que seis candidatas, pois as próprias mulheres desconheciam outras mães homossexuais que pudessem conceder uma entrevista. Algumas delas comentavam que conheciam uma outra mãe, mas que não poderia pedir para ela participar da entrevista, pois estava passando por momentos muito difíceis de suas vidas.

Desta forma, o grupo ficou reduzido a quatro e não se pôde ter um quadro mais abrangente do fenômeno, tendo faltado, por exemplo, mães que não haviam se revelado aos filhos. Infelizmente o que finalizou o número de participantes da pesquisa não foi o critério de saturação, os relatos não se repetiram, e o quadro ficou incompleto. No entanto, os quatro casos apresentados aqui permitem uma visão diversificada das famílias de mães homossexuais.

Tem-se quatro mães com níveis de auto-aceitação diferente, com formas diversas de lidarem com a homossexualidade e conseqüentemente, quatro formas diferentes com que essa homossexualidade permeia as relações familiares.

Parece lógico que as mães que não se sentem confortáveis em ser homossexuais, não poderão transmitir isso para os filhos, e irão construir relacionamentos que refletem essa dificuldade. O presente trabalho mostrou que o segredo não é a única conseqüência da vergonha de ser homossexual. Entre algumas mães, mesmo que já não houvesse mais o segredo, continuava-se a esconder o relacionamento conjugal como se ele ainda fosse um segredo.

É realmente difícil estabelecer a linha que separa o que as mães chamam de “respeito” pelos filhos e a vergonha de expressar um afeto homo-erótico. Da mesma

forma com que casais heterossexuais têm limites diferentes para a demonstração de carinho, os casais homossexuais também têm. Entretanto, alguns casais beijam-se na frente dos filhos, outros não, mas a necessidade de ocultar qualquer forma de afeto, como estar de mão dada, ou dar um abraço, não é comum.

Todas as mães deste estudo optaram por não beijarem suas companheiras, mas apenas duas delas, mesmo que temporariamente, não permitem qualquer expressão de afeto. São as mesmas mães que demoraram anos para contar aos seus filhos, e são as mesmas mães que apontam que a visibilidade da homossexualidade agride e violenta, mas também são as mães que lidam há mais tempo com seus desejos homo-eróticos.

Foi surpreendente constatar que as mães que “se tornaram” homossexuais, ou seja, que nunca tiveram desejos homo-eróticos antes de conhecerem suas companheiras, foram mulheres que aceitaram facilmente esse desejo, e que em menos de um ano estavam morando com suas companheiras. A amizade foi a ponte de ligação entre essas mulheres, que apesar da educação preconceituosa que receberam de suas mães, são mulheres livre de pré-conceito. Entretanto, contar aos próprios pais não foi tarefa fácil para elas, que mesmo depois de anos não conseguiram reatar o relacionamento como era antes.

Por outro lado, as mães que sabiam de seu desejo por outras mulheres desde a adolescência parecem ter tido mais dificuldade em aceitar esse desejo, mesmo tendo consciência deles, casaram-se para separem-se pouco depois. E após a separação, em poucos meses estavam morando com suas companheiras, mas aceitar esses desejos não as fez se sentirem confortáveis com isso.

As mães demonstram claramente o que Clunis e Green (2003) apontam como “*coming out*” e “*being out*”. Para as autoras existe uma diferença entre anunciar que se é homossexual – “*coming out*” – e realmente deixar transparecer que se é homossexual –

“*being out*”. São níveis que se mostraram muito diferentes entre as mães, e que determinaram os limites que se impunham dentro de casa.

Os limites parecem mais impostos pelas próprias do que pelos filhos. Apenas uma das filha falou claramente que não gostaria que a mãe e a companheira se “relassem” na sua frente, a outra mãe ficou sabendo pela amiga da filha. Desta forma, parece não ter havido uma negociação de limites, sequer uma conversa sobre o assunto, tendo as próprias mães estabelecidos seus limites de expressão de afeto para com a companheira.

A entrada das companheiras nas famílias também foi outro ponto que chamou a atenção, elas entraram na vida das crianças de forma abrupta, seguidas e mesmo sobrepostas a uma mudança complicada, que é a separação dos pais. O divórcio não foi para as mães um momento doloroso, de ansiedade e medo, e talvez isso fez com que elas não percebessem que pudesse ser assim para os filhos delas.

Cada mãe contou aos filhos quem era essa mulher de forma diferente, uma clara e abertamente, outra de forma imprecisa, e duas delas preferiram omitir que aquela mulher era sua companheira. A forma como cada uma dessas crianças recebeu a notícia foi bem descrita por todas as mães, entretanto, nenhuma foi capaz de dizer o que os filhos sentiram e pensaram nesse momento. As demonstrações de aceitação dessa homossexualidade vieram após muitos anos, quando já eram maiores.

Além desse momento de revelação, a homossexualidade também trouxe o assunto da discriminação, as mães avisaram e conversaram com os filhos sobre a possibilidade das outras crianças comentarem e acharem feio que duas mulheres vivessem juntas. No entanto, cada mãe auxiliou o filho de sua forma, uma pedindo para falar a verdade, outra para omitir, e as demais para separar para quem contar e para quem

não contar. Cada mãe mostrou para os filhos a sua forma de enfrentamento e aceitou aquela que o filho optou, seja contar, seja esconder dos amigos.

Após o momento da revelação e as discussões sobre preconceito, houve longos anos em que nada foi dito, nada que estivesse relacionado com a homossexualidade, foi discutido entre esses filhos e suas mães. O que faz acreditar que houve um pacto de silêncio nessas famílias, afinal não é uma pequena mudança saber que a mãe é homossexual, e que a pessoa que era amiga da mãe, é na verdade sua cônjuge.

Com o passar dos anos, o assunto foi sendo introduzido nas conversas, seja por meio de brincadeiras, seja por filmes, seja tendo como foco a companheira. Excetuando-se uma das filhas, tem-se a clara percepção, seja pelos relatos, seja pelas visitas, que esses filhos realmente aceitam suas mães como homossexuais, aceitam suas companheiras e não tem qualquer dificuldade em lidar atualmente com isso. No entanto, foi possível acessar como as mães passaram pelo processo de aceitarem-se, mas não foi possível saber como os filhos o fizeram.

A presença de uma companheira, por si só, já modifica as relações familiares. Algumas mudanças são semelhantes ao que ocorre com uma família re-casada heterossexual: uma divisão de tarefas da casa entre os dois adultos; o jogo de poder entre o enteado e o padrasto; a necessidade, e a dificuldade, de se dividir a atenção e o carinho entre todos e; a negociação do papel que essa nova pessoa terá, entre outros.

Todas essas mudanças ocorreram com as famílias deste estudo, entretanto outras mudanças também foram notadas, mudanças que estejam relacionadas apenas com a homossexualidade. Algumas já foram comentadas, como o momento da revelação, a necessidade de ajudar os filhos a lidar com as pessoas fora de casa e, a imposição de limites para a exposição de afetos.

Outra mudança importante, é o segredo que as mães e as companheiras carregaram durante alguns anos. Ter quartos separados e irem dormir juntas no meio da noite, dizer que vai ao cinema com outras pessoas quando se vai apenas com a companheira, esconder as fotos quando as amigas da filha vão visitá-la, ter que deixar a filha com os pais para poder sair e ir a um bar GLS, fingir que não ouviu a filha dizer para os outros que a mãe e a companheira são casadas, são todos exemplos concretos das conseqüências que o segredo causa: culpa nas mães; uma dificuldade de comunicação entre os familiares; a necessidade de mentir e omitir fato e acontecimento; e mesmo uma separação entre eles.

O segredo também pode ter outras localizações além de estar entre a mães e seus filhos. Dentre os quatro casos, mães e filha guardam o segredo do ex-marido, e mãe e filha guardam segredo dos avós. Entretanto, estes parecem não ter tantas conseqüências, ou mesmo conseqüências visíveis quanto o segredo que era a mãe não contar que era homossexual para seus filhos.

Outro fator relevante é a ausência, mesmo que temporária, da participação da família extensa na vida das mães e filhos da pesquisa. Após as mulheres terem contado aos pais e irmãos, restringiu-se o contato que antes tinham. Apesar de nenhum dos avós terem deixado de ver e ajudar seus netos, em dois casos as mães optaram por não irem mais a encontros e celebrações familiares, já que não podiam ir com a companheira.

Apesar de poder perceber o que a homossexualidade dessas quatro mães modifica e acrescenta nos relacionamentos familiares, não foi possível perceber detalhadamente como cada uma dessas mudanças aconteceu durante os anos e como foi sentida por todos os personagens da família. Talvez para entendê-las sejam necessárias outras pesquisas, que tenham como tema apenas uma dessas mudanças para que seja possível compreender com elas foram se desenvolvendo.

O presente estudo teve um caráter exploratório, muito pouco se sabe sobre essas famílias, e aqui o objetivo era ter uma visão ampla. O que pôde ser observado é que o que parecia ser simples revelou ter vários aspectos interligados. Mesmo não tendo como foco o divórcio, a relação com a companheira, a família extensa e mesmo a auto-aceitação dessas mães, todos eles são fatores que estão presentes e influenciam os relacionamentos entre a mãe e seus filhos.

Para o futuro fica a necessidade de compreender mais profundamente cada parte das comunalidades entre essas mulheres, como elas se revelaram ou como omitiram dos filhos, como foi a entrada da companheira na família, como auxiliam os filhos a lidarem com o mundo externo etc. Escolher apenas um foco permitirá um maior detalhamento e a compreensão de novos pontos que ficaram ocultos nesse trabalho.

Outra questão a explorar é a dinâmica subjacente às mulheres que optaram por não contar para os filhos. Já quanto aos filhos que não aceitam a homossexualidades dessas mães, o caso que foi encontrado nessa pesquisa é tão complicado, tão cheio de variáveis, que fica difícil separar aquilo que se refere à homossexualidade da mãe, daquilo que já passou na vida.

Esta pesquisa aponta para diferentes formas de inserir a homossexualidade dentro do relacionamento mãe-filho. Indica também alguns acontecimentos que são acrescentados nesse relacionamento, bem como algumas mudanças nesse relacionamento. Entretanto, falta muito ainda para se conhecer e compreender desse fenômeno, que é a família com mãe lésbica.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOT, D.; FARMER, E. *Adeus, maridos: mulheres que escolheram mulheres*. São Paulo: Summus, 1998.
- ARIÈS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. *Revista*, v.1, p.74-89, 1983.
- BOWLBY, J. *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- BOWLBY, J. *Apego e perda – Volume I: Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BREWAEYS, A.; PONJAERT, I.; VAN HALL, E.V.; GOLOMBOK, S. (1997). Donor insemination: child development and family functioning in lesbian mother families. *Human Reproduction*, **12(6)**, 1349-1359.
- BUCHALLA, A.P. Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica. *Veja*, v.1708, p.66-70, jul. 2001.
- CAMINO, L.; COSTA, E. C. I. da; SILVA, M. B. Fatores psicossociais no desenvolvimento do preconceito contra os homossexuais em estudantes de psicologia. In: *Reunião anual da SBPC, 52*. Brasília, 2000. / Resumos em CD-ROM. Brasília: Sonopress, 2000a.
- CAMINO, L.; PEREIRA, C.; PAIVA, A. S. Papel da psicologia na construção/desconstrução da homofobia. In: *Reunião anual da SBPC, 52*. Brasília, 2000. / Resumos em CD-ROM. Brasília: Sonopress, 2000b.
- CANDIDO, A. A família brasileira. In: SMITH, T.L.; MARCHANT, A. *Brazil. Portrait of a half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951. p.219-311.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 510p.
- CHAN, R.W.; BROOKS, R.C.; RABOY, B.; PATTERSON, C.J. (1998). Division of labor among lesbian and heterosexual parents associations with children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, **12(3)**, 402-419.
- CHAN, R.W.; RABOY, B.; PATTERSON, C.J. (1998). Psychosocial adjustment among children conceived via donor insemination by lesbian and heterosexual mothers. *Child Development*, **69(2)**, 443-457.
- CLUNIS, D.M.; GREEN, G.D.. *The lesbian parenting book: A guide to creating families and raising children*. New York: Seal Press, 2003. p.406.

- CORÊA, M. Repensando a família patriarcal Brasileira. In: ALMEIDA, M.S.K. et al. *Colcha de retalhos*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.13-38.
- DIAMOND, L.M.; SAVIN-WILLIAMS, R.C.; DUBÉ, E.M. Sex, dating, passionate friendships and romance: Intimate peer relations among lesbian, gay, and bisexual adolescents. In: FURMAN, W.; BROWN, B.B.; FEIRING, C. (Ed.). *The Development of romantic relationships in adolescence*. Londres: Cambridge University Press, 1999. p.173-210.
- DURHAM, E.R. Família e reprodução humana. In: DURHAM, E.R. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p.15-44.
- FALK, P.J. (1989). Lesbian mothers: psychosocial assumptions in family law. *American Psychologist*, **44**, 941-947.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GARTREL, N.; BANKS, A.; REED, N.; HAMILTON, J.; RODAS, C.; DECK, A. (2000). The National Lesbian Family Study: 3. Interviews with mothers of five-year-olds. *American Journal Orthopsychiatry*, **70(4)**, 542-548.
- GERSHON, T.D.; TSCHANN, J.M.; JEMERIN, J.M. (1999). Stigmatization, self-esteem, and coping among adolescent children of lesbian mothers. *Journal of Adolescent Health*, **24(6)**, 437-445
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOLD, M.A.; PERRIN, E.C.; FUTTERMAN, D.; FRIEDMAN, S.B. (1994). Children of gay or lesbian parents. *Pediatric Review*, **15(9)**, 354-358.
- GOLOMBOK, S.; SPENCER, A.; RUTTER, M. (1983). Children in lesbian and single-parent households: psychosexual and psychiatric appraisal. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and allied disciplines*, **24(4)**, 551-572.
- GOLOMBOK, S.; TASKER, F. (1994). Donor insemination for single heterosexual and lesbian women: issues concerning the welfare of the child. *Human Reproduction*, **9(11)**, 1972-1976.
- GOLOMBOK, S.; TASKER, F. (1996). Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. *Developmental Psychology*, **32**, 3-11.
- GOLOMBOK, S.; TASKER, F.; MURRAY, C. (1997). Children raised in fatherless families from infancy: family relationships and the socioemotional development of children of lesbian and single heterosexual mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, **38(7)**, 783-791.

- GOLOMBOK, S.; PERRY, P.; BURSTON, A.; MURRAY, C.; MOONEY-SOMERS, J.; STEVENS, M.; GOLDIN, J. (2003). Children with lesbian parents: a community study. *Developmental Psychology*, **39(1)**, 20-33.
- GREEN, R.; MANDEL, J.B.; HOTVEDT, M.E.; GRAY, J.; SMITH, L. (1986). Lesbian mothers and their children: a comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. *Archives of Sexual Behavior*, **15(2)**, 167-184.
- HART, J.; RICHARDSON, D. (Org). *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- HARRIS, M.B.; TURNER, P.H. (1986). Gay and lesbian parents. *Journal Homosex*, **12(2)**, 101-113.
- HETHERINGTON, E. M.; KELLY, J. (2003). *For better or for worse: Divorce reconsidered*. New York/London: W.W.Norton&Company,
- HUGGINS, S.L. (1989). A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers. *Journal Homosex*, **18(1-2)**, 123-135.
- IMBER-BLACK, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 420p.
- JERSILD, A. T. *Psicologia da criança*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1971. (capítulos - 7: as crianças e seus pais 143-171; cap 8: modelos de comportamento paterno 171-187)
- KING, B.R.; BLACK, K.N. (1999a). College students' perceptual stigmatization of the children of lesbian mothers. *American Journal Orthopsychiatry*, **69(2)**, 220-227.
- KING, B.R.; BLACK, K.N. (1999b). Extent of relational stigmatization of lesbians and their children by heterosexual college students. *Journal Homosex*, **37(2)**, 65-81.
- LÉVI-STRAUS, C. A família. In: SHAPIRO, H.L. *Homem cultura e sociedade*. Portugal: Fundo de Cultura, 1956. p.308-333.
- LEWIS, K. G. (1980). Children of lesbian: their point of view. *Social Work Journal*, **25(1)**, 198-203.
- LIMA FILHO, A. P. *Brincadeiras selvagens: problemas nosso, diálogos com pais de adolescentes*. São Paulo: Oficina de textos, 1997.
- MACRAE, E. J. B. N. *O militante homossexual no Brasil da abertura*. São Paulo, 1985. Dissertação (doutorado) – Universidade de São Paulo.

- MASON, M.J. Vergonha: Reservatório para segredos na família. In: IMBER-BLACK, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.40-56
- MCNEILL, K.F.; RIENZI, B.M.; KPOSOWA, A. (1998) Families and parenting: a comparison of lesbian and heterosexual mothers. *Psychology Rep*, **82(1)**, 59-62.
- NETTO, C. C. (Org). *Pele de Gaya: o amor entre mulheres*. Rio de Janeiro: Numen, 1993.
- O'DELL, S. (2000). Psychotherapy with Gay and Lesbian Families: Opportunities for Cultural Inclusion and Clinical Challenge. *Clinical Social Work Journal*, **28**, 171-182.
- PAPP, P. O caruncho no broto: Segredos entre pais e filhos. In: IMBER-BLACK, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.76-93
- PATTERSON, C.J.; (1992). Children of gay and lesbian parents. *Child Development*, **63(5)**, 1025-1942.
- PATTERSON, C.J.; Families of the Lesbian Baby Boom: Parents' Division of Labor and Children's Adjustment (1995). *Developmental Psychology* **31(1)**, 115-123.
- PIES, C. *Considering parenthood*. Duluth: Spinsters Ink, 1988.
- PLUMMER, K. O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino. In: HART, J.; RICHARDSON, D. (orgs.) *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983 . p 127-150.
- POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- QUEIROS, M. I. P de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *Ciência e Cultura*, v.39(3), p.272-286, mar. 1987.
- RIBBLE, M. A. Os direitos da criança. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ROBINSON, B.E.S. (1997). Birds Do It. Bees Do It. So Why Not Single Women and Lesbians? *Bioethics*, **11**, 217-227.
- ROGERS, C. R. *A terapia centrada no paciente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1951.
- ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1961.
- ROGERS, C. R. *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1978.

- ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU – Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- RUSSO, J. A. A difusão da psicanálise nos anos 70: indicações para uma análise. In: RIBEIRO, I. (org) *Família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987.
- SANDERS, G.L. O amor que ousa declarar seu nome: Do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBER-BLACK, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p219-245
- SIEGENTHALER, A.L.; BIGNER, J.J. (2000). The value of children to lesbian and non-lesbian mothers. *Journal Homosex*, **39(2)**, 73-91.
- SILVA, L. L. *Aids e homossexualidade em São Paulo*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- SOUZA, A. M. D. R de. *Estudo do homossexualismo feminino através do teste do desenho da figura humana*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SOUZA, E. R. *Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade*. Campinas, 2005. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Cmapinas.
- SOUZA, R. M. (2000). Depois que o papai e a mamãe se separaram: um relato dos filhos, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **16(3)**, 1-9.
- SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TASKER, F.; GOLOMBOK, S. (1995). Adults raised as children in lesbian families. *American Journal Orthopsychiatry*, **65(2)**, 203-215.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Max Limonad. 1986.
- WINNICOTT, D.W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WINNICOTT, D.W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ZACKS, E.; GREEN, R.J.; MARROW, J. (1988). Comparing lesbian and heterosexual couples on the circumplex model: an initial investigation. *Family Process*, **27(4)**, 471-483.

## **ESCLARECIMENTO ACERCA DA PESQUISA**

Esta pesquisa tem como objetivo captar as percepções da mãe homossexual sobre seu relacionamento com seu filho e pretende oferecer subsídios para o aprimoramento da qualidade de vida familiar e para orientação das mães que buscam apoio. Está sendo realizada por Fabiana Schiavi Noda, sob orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza, como parte de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Os participantes da pesquisa darão entrevistas que serão gravadas em fitas de áudio e cuja duração não é estipulada.

Sua participação é voluntária e a decisão de desistir poderá ser feita a qualquer momento, sem necessidade de explicações. Outros esclarecimentos, também poderão ser solicitados sempre que você julgar necessário.

Os resultados deste estudo poderão ser publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido o mais rigoroso sigilo das informações que possam identificá-la ou àqueles a quem você se referir. Quando a pesquisa estiver pronta, eu me comprometo a entrar em contato para conversarmos sobre os resultados e, além disso, ela estará à disposição de todos na biblioteca Nadir Gouvêa Kfourir, da PUC-SP, no endereço: Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo.

Não há riscos potenciais diretos em participar do estudo mas, caso você sinta a necessidade de esclarecer outras dúvidas decorrentes da entrevista, sinta-se confortável em me procurar.

---

Fabiana Schiavi Noda  
fabiananoda@hotmail.com  
tel: 3872-3388

## **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Li informações acima sobre a pesquisa que está sendo conduzida pela mestrandia Fabiana S. Noda e me considero esclarecida acerca de seu conteúdo e objetivos. Em decorrência, declaro aceito participar da mesma por meio da entrevista solicitada.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2004.

---

Assinatura do participante